Diário de Lisboa

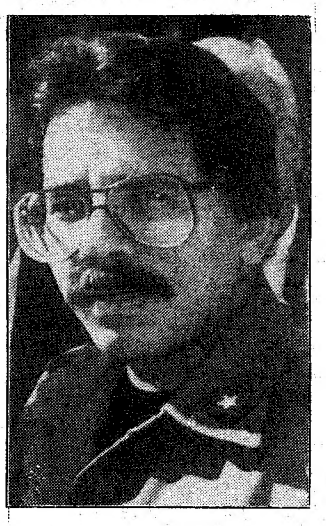
FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23193 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** TERÇA-FEIRA 6 MARÇO 90 60$00

Onde param os padres antifascistas dos Anos 60?

O DL encontrou-os (excepto um) fora da Igreja

Os padres que nos distantes anos 60 tentaram a renovação da Igreja e o fim do vínculo existente entre a hierarquia católica e o regime fascista, confrontaram-se com obstáculos que nem o advento da democracia fez levantar - e preferiram desistir. Muitos deles frequentam hoje as comunidades de leigos, mas outros, em ruptura mais radical, abandonaram o catolicismo. É o peso da memória e o «trágico» do presente, em contraste com uma Igreja que pretende desculpabilizar-se do passado. O DL encontrou alguns desses antigos padres antifascistas: uns não foram ao colóquio de ontem na Gulbenkian sobre o tema (de que também damos notícia nesta edição), por manifesto desinteresse, e houve quem estivesse lá mas escolheu não falar...

Págs. 2 e 3



Ortega ameaça com guerra civil

Daniel Ortega ameaçou com "uma guerra civil" na Nicarágua, caso a Presidente Violeta Chamorro substitua o exército sandinista pelos "contras". O Presidente cessante pretende também a manutenção da estrutura actual dos Ministérios da Defesa e do Interior. Chamorro entretanto procura consensos para a desmobilização dos "contras".

Pág. 9

Autocrítica de Cunhal sobre o Leste

O PCP prepara-se para fazer uma autocrítica parcial no congresso. Cunhal admite não ter tentado tudo para conhecer a real dimensão da situação política no Leste. Porém, inscreve nas teses a ideia de que a essência do sistema não foi maculada - registaram-se, tão-só, «infracções» ao marxismo-leninismo. Como se mantém fiél a este ideal, o PCP continuará igual a si próprio.

Pág. 7

A voz do dono A liberdade de informação apanha hoje uma machadada: tudo indica que vai ser votada a lei sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social, que retira aos Conselhos de Redacção, e através deles aos jornalistas, quaisquer poderes sobre a orientação dos jornais onde trabalham. Em sinal de protesto contra a nova lei, que pretende transformar os orgãos de Comunicação Social em simples caixa de ressonância de poderes económicos ou políticos, o Sindicato dos Jornalistas organiza uma manifestação de protesto em S. Bento.

Pág. 7

Rali de Portugal

Toyota pretende destronar Lancia

O Rali de Portugal está de malas feitas para a estrada. Esta tarde, porém, no Estádio Nacional, é servido um ligeiro aperitivo aos milhares de adeptos portugueses, com uma prova especial de classificação, onde Lancia e Toyota abrirão de imediato as hostilidades. Pelas boas estradas do País (entenda-se: as nossas péssimas estradas são das melhores para estas provas), japoneses e italianos vão dar a nota de maior emoção ao que já foi considerado o melhor rali do mundo. Com efeito, Lancia e Toyota são unanimemente apontadas como favoritas, com os japoneses mais do que nunca apetrechados na tentativa de quebrar a hegemonia da marca italiana. Se o leitor vai para a estrada ver o rali, siga o nosso conselho: cumpra todas as regras de segurança e leve consigo o DL que, a partir desta edição e durante a realização da prova, dará ao assunto largo relevo

Págs. 16, 17 e 18

Hoje: Suplemento de Economia

roadstar®
AUTO-HiFi

Representante em Portugal:
SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 ◦ Lisboa ☎ 77 78 24

DL

«Memorial» de Saramago esgotado em Israel
Pág. 19

Auto-Retrato de Francisco Louçã
Pág. 4

Lotaria Popular
1.º 368 853
2.º 311 588
3.º 270 642
4.º 224 341
Pág. 13

Onde param os vencidos do catolicismo

GRANDE ANGULAR

Padres e leigos tentaram combater as cumplicidades e silêncios da Igreja, primeiro, e o Estado Novo , depois. Coisas dos anos sessenta

Padres da Guarda: o ontem e o hoje

«O nosso *crime* foi querer transformar uma estrutura de poder numa estrutura de serviço», concordam três exclérigos que, nos anos 60, foram do grupo dos «padres da Guarda», um sector importante de contestação à colagem permanente (e, no caso daquela diocese, não raro entusiástica) da Igreja Católica ao Estado Novo.

Foram perseguidos pela polícia política e, sobretudo, pela hierarquia eclesiástica. Agora, nem ligam aos movimentos de reintegração dos ex-padres na Igreja. «Nenhum de nós saiu para se casar», afirmam.

«A Igreja deixou-me numa estrada sem saída», desabafa Manuel Canaveira, ordenado em Roma, em 1962, em corte com a condição eclesiástica desde 73, casado pela Igreja, com dois filhos, licenciado em Direito e alto quadro da Função Pública. Confessa-se católico praticante.

Ordenado sacerdote em 1959 e tendo abandonado essa condição vinte anos depois, Jerónimo de Matos é hoje professor do Ensino Secundário, casado, com um filho. Católico não praticante, casou-se e tem um filho. Ao olhar para a Igreja de hoje, constata que «a transformação por que lutei não deu resultado nenhum».

José Tomás Ferreira exerce um cargo de responsabilidade na Função Pública, depois de ter dirigido empresas editoriais. Foi padre entre 1959 e 1973. Casado, sem filhos, continua a acreditar em Deus e considera a Igreja «a mais sábia estrutura de poder».

No ambiente de uma cidade que à data espelhava a mentalidade mais orgulhosamente imobilista, foram três dos mais destacados opositores ao Estado Novo e ao seu conúbio com a Igreja, tendo sempre trabalhado sem rede, num trapézio que conduziria José Tomás e Manuel Canaveira ao exílio no exterior da diocese da Guarda e depois no interior da própria Igreja, enquanto Jerónimo de Matos era interrogado pela polícia política devido a prosas suas no jornal «Nordeste», assim intitulado mais por homenagem ao prelado brasileiro D. Hélder Câmara que devido à situação geográfica da cidade.

Teoria, tradição e prática

Enquanto estudava Teologia, em Roma, José Tomás fazia parte de um grupo de reflexão em que se constatava que a prática da Igreja portuguesa estava contra a teoria e até a própria tradição, citando de memória, a propósito desta, as palavras de S. Gregório Magno:«Se da verdade vier o escândalo, suporte-se o escândalo e fique-se com a verdade». Ora o escândalo dos padres da Guarda era o enunciar de verdades que doíam ao Estado Novo.

Quando o Bispo da Guarda se preparava para designar o padre Jerónimo de Matos para as funções de capelão militar, este retorquiu que em África continuaria a pregar contra a guerra, podendo mesmo ser preso, ao que D. Policarpo da Costa Vaz recuou. Por essa altura, Manuel Canaveira transportava desertores até ao carreiro raiano usado pelas mulheres que iam buscar pão a Espanha.

No Seminário, antes das primeiras leituras de Mounier ou Maritain, sentiram a revolta contra «a desordem estabelecida». Segundo Manuel Canaveira, «as coisas não eram ocas, eram falsas».

Nos termos de José Tomás, a obcessão com o sexo chegava ao limite de se considerar desejável o uso quotidiano das vestes talares para melhor se ocultarem incontroláveis rebeldias da carne, coisa que um seminarista de dez anos assimilava em estatuto de almôndega à mesa e nunca de erotismo na cama. A distração durante as orações era, essa sim, imperdoável.

Jovens em reunião

Na comemoração de um aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, promovida pela Juventude Escolar Católica, na Guarda, o responsável pela orientação daquela estrutura, padre Manuel Canaveira, tomava o seu café antes de se dirigir ao salão, quando foi alertado para a chegada de altas individualidades aos assentos do colóquio. Eram nada menos que o Governador Civil Mário Bento, último chefe da Censura do antigamente, o reitor do Liceu, e os directores de todos os restantes estabelecimentos de ensino, com mais uns padres do topo da hierarquia eclesiástica local.

As forças vivas estavam atentas.

Mais tarde, num Encontro Nacional da JEC, em Gouveia, a presença de José Afonso, os cantares de coisas como «We Shall Overcome» e as referências a Ernesto «Che» Guevara em jornais de parede, ditaram a intimação de um cónego para que aquilo acabasse antes da data prevista, sem sucesso. Outro cónego esperaria Manuel Canaveira para o proibir, com uma ordem escrita do bispo, de falar no comício de encerramento da campanha oposicionista na Guarda, enquanto outros clérigos usavam da palavra nas reuniões da União Nacional.

Foi em 1969. Alusões feitas por Manuel Alegre aos padres da Guarda, transmitidas pela «Voz da Liberdade», deram caução aos que os acusavam de serem comunistas. O que não impediu que o baixo clero juntasse a sua voz aos contestatários da sede diocesana na «Carta dos Setenta», ainda nesse ano. Queriam todos, párocos de aldeia e exmestres do Seminário, uma Igreja mais participada. O caso foi entendido como um ataque ao bispo. E era.

João Isidro

A Sé da Guarda: uma oposição granítica aos novos padres

Padre Mário sem paróquia Felicidade sem apetite ...

Chama-se Mário Pais de Oliveira. É padre desde 1962, foi preso duas vezes pela PIDE, julgado e absolvido no Tribunal Plenário do Porto em Fevereiro de 1971 e condenado a um mês de cadeia em 1974, numa pena remível a dinheiro. Foi pároco de Macieira da Lixa, da diocese do Porto , até Março de 1973. A partir daí D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto ,que ficou célebre pela sua carta a Salazar, negou-lhe o direiro de regressar a Lixa e ameaçou-o publicamente de excomunhão em 1976. O sucessor de D. António, D. Júlio Rebimbas, mantém as melhores relações com o padre Mário Oliveira mas ainda não encontrou nenhuma paróquia para o sacerdote exercer a sua actividade pastoral no interior da Igreja.

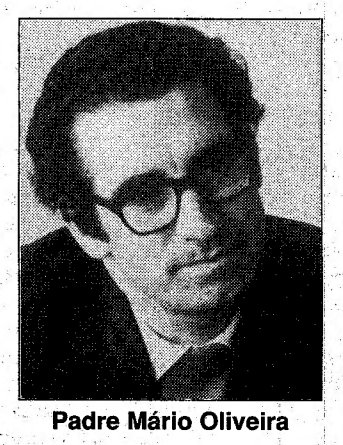
Em Julho de 1970 ,ano da morte de Salazar e da audiência do Papa Paulo VI aos líderes dos movimentos de libertação das colónias portugueses de Angola, Moçambique e Guiné, o padre Mário Pais Oliveira é preso pela PIDE por um pretexto singular: segundo a polícia, tentou levar o povo de Macieira da Lixa a boicotar os trabalhos da então Assembleia Nacional. Depois de passar seis meses e meio em Caxias, é julgado no Plenário do Porto e absolvido. Perante a indignação da classe dominante e a perplexidade do bispo D. António Ferreira Gomes, Mário Oliveira é aconselhado a exilar-se em Espanha porque o queriam matar.

Em princípios de Julho de 1971 regressa a Portugal e retoma o seu lugar em Lixa, contra a vontade do bispo do Porto que o queria utilizar como reserva da Igreja. A sua popularidade é tão grande que Macieira da Lixa se transforma num lugar de peregrinação obrigatória. Aos fins de semana dezenas de autocarros e centenas de automóveis enchem as ruas da pacata vila transportando milhares de pessoas que queriam ver e ouvir o padre que tinha vencido a PIDE. A euforia durou pouco: em 21 de Março de 1973, no dia em que começa a Primavera, a então DGS foi prendê-lo em Felgueiras.Ficou na cadeia onze meses . Condenado a um mês de prisão, remível a dinheiro, saiu de Caxias em Fevereiro de 1974. Com o 25 de Abril Mário Oliveira pensou que os seus problemas tinham acabado. Puro engano. Ameaçado de excomunhão em Junho de 1976 por um dos heróis da resistência antifascista, o já falecido bispo do Porto D. António Ferreira Gomes, o ex-pároco de Macieira de Lixa continua sem paróquia há dezasseis anos. Sem abandonar a Igreja(« sou padre por vocação», como afirmou ao «DL») ,

Mário Oliveira exerce a sua pastoral em comunidades de base e é um dos principais animadores do mensário « Jornal Fraternizar», que mantém relações privilegiadas com os teóricos da Teologia da Libertação da América Latina e é enviado a todos os bispos portugueses. Jornalista encartado desde 1975 (trabalhou no «República») , Mário Oliveira mantém as melhores relações com o actual bispo do Porto, D. Júlio Rebimbas, mas continua sem paróquia. Com algum humor, o ex-pároco de Macieira da Lixa explica o desejo da Igreja por um canal de televisão pela ausência absoluta de factos que justifiquem relevo na Comunicação Social para a pastoral institucional. Quando se é notícia, afirma, não são precisos órgãos de informação. Os bispos, conclui, « têm é consciência que não são notícia».

Felicidade Alves sem apetite

Afastado de pároco das freguesias de Santa Maria de Belém e de S. Francisco Xavier em Novembro de 1968, José Felicidade Alves, ex- professor de Matemática e Grego no Seminário de Almada e de Teologia e Patrística no Seminário dos Olivais, está reformado e « com pouco apetite para falar da Igreja», como afirmou ao «DL».



Padre Mário Oliveira

Felicidade Alves

Contestatário da pastoral dominante na Igreja portuguesa, Felicidade Alves provocou o escândalo dos paroquianos dos Jerónimos com um documento crítico datado de 19 de Abril de 1968 dirigido ao Conselho Paroquial. Como a contestação estava em marcha, o então padre Felicidade foi para França enquanto o patriarcado de Lisboa mandava instaurar um inquérito às suas actividades . Em Novembro desse ano a sentença foi tornada pública em decreto patriarcal: o sacerdote tinha dez dias para dar pública e suficiente reparação , particularmente à hierarquia da Igreja , e em especial ao Papa, vigário de Cristo , sob pena de suspensão « a divinis». Poucos dias depois, Felicidade Alves declara que não está disposto a fazer tal reparação . Em Agosto de 1970 Felicidade Alves casa-se e a Igreja decreta a sua excomunhão «latae sentencial».

António Ribeiro Ferreira

A mesa que orientou o debate da Gulbenkian

Recordados em debate ontem realizado na Gulbenkian

Os excomungados da Igreja

«Grupos articulados como células vivas», chamou Helena Vaz da Silva aos movimentos de inspiração cristã que se multiplicaram durante a década de sessenta, diversos entre si mas interligados na mesma procura. Iniciava-se mais uma sessão do ciclo que o Centro Nacional de Cultura e a Sedes vêm dedicando à inventariação dos anos que balizaram as transformações convergentes na actual democracia, com uma grande ausência, a do bispo de Setúbal, D. Manuel da Silva Martins, mas a presença carismática de Maria de Lourdes Pintasilgo.

E foi Pintasilgo quem afirmou perante a numerosa assistência reunida no auditório dois da Fundação Gulbenkian a noção aguda de que «se estava então a viver um momento decisivo», decorrente de causas com natural reflexo na Igreja portuguesa - o Concílio Vaticano II, nomeadamente. Foi o tempo, pois, de «sacudir a poeira», de «conceber o catolicismo como algo rejuvenescido e aberto», experimentando novas ideias e novos sentimentos e pondo-se mesmo em questão a Fé e a Igreja Católica como instituição, de suporte aliás a um regime autoritário.

Testemunhava-se há vinte anos, como apontou na sessão Maria de Lourdes Pintasilgo, os «últimos» confrontos fundamentais da Igreja com as realidades do mundo, através do marxismo e depois da psicanálise. Fez-se um «agiornamento» dos grupos católicos, para poderem «exprimir das raízes as suas verdades», e tanto assim que essa mesma Igreja, hierarquicamente comprometida com a ditadura, apareceu aos olhos dos crentes mais esclarecidos como «o fruto e a causa dos sinais dos tempos». Os movimentos cristãos, considerou a antiga embaixadora de Portugal na Unesco, «deram um contributo histórico importantíssimo na libertação das ex-colónias da Europa», como se viu, no início do processo, com o que se passou no Congo, actual Zaire. Em Angola e Moçambique não foi diferente.

Uma Teologia do Desenvolvimento

E nem estranha, hoje, que tenha sido desse modo. Os grupos cristãos, continuou Lourdes Pintasilgo, constituíram bolsas de reflexão sobre o desenvolvimento, «trabalharam o próprio conceito» e depressa se assistiu à formulação, mesmo, de uma Teologia do Desenvolvimento, um espaço de acção que «teve dificuldades em encontrar parceiros no plano não-cristão, talvez porque na altura se desvalorizava a tónica desenvolvimentista face à liberdade».

Mas outras teologias despontaram, a da Libertação, graças aos contactos com a doutrina marxista e à constatação, talvez demasiado linear, de uma dicotomia básica que dividia os homens em opressores e oprimidos, e a Teologia do Trabalho, a Teologia das Realidades Terrestres. Foi a sequência óbvia de um «empenhamento que teve uma carga política muito forte», levando a considerar que o povo, o mesmo Povo de Deus do Evangelho, era o verdadeiro sujeito da História. «A palavra "povo" foi nos anos sessenta quase sacral», disse Maria de Lourdes Pintasilgo transportando os presentes para o universo de então.

Pintasilgo evocou Robert Kennedy, o Presidente americano assassinado, que citava Bernard Shaw: «Muitos são os que vêem as coisas como são e perguntam porquê, mas outros sonham coisas que não existem e dizem "porque não?"» Ora, a renovação, com o Concílio Vaticano II, atingiu o próprio culto cristão, a liturgia, e mudou a Igreja por dentro, profundamente. Ou talvez nem tanto, mas pensou-se que sim na altura. Permitiu-se o que ficou conhecido como «eclésia doméstica», ou seja, a celebração cristã em pequenas comunidades, possibilitando - ineditamente, como apontou a interveniente - «o relacionamento da Fé com a vida concreta, real». Resultou tal numa «redescoberta da Bíblia», e de uma maneira que o cardeal-patriarca Cerejeira criticou como «protestante». Desejou-se também, nos distantes anos sessenta, a «unidade dos cristãos» e o ecumenismo, abrindo-se perspectivas que o tempo ainda não satisfez.

Incompatibilidade

De seguida, Francisco Lino Neto, um conhecido católico que se opôs a Salazar, tematizou a sua intervenção em torno da «incompatibilidade da Fé cristã com o regime político vigente», colocando o óbice da questão na Concordata existente entre a Igreja e o Poder: «Toda uma geração perguntava-se como era possível ser católico sem apoiar o regime, e essa identificação sentimo-la na carne», contou. Surgia assim a contestação, com um número crescente de padres a proporem um relacionamento diferente com o Poder. Vieira da Luz, ainda nos anos cinquenta, aquando das eleições em que Norton de Matos foi candidato, protagonizou a «primeira posição católica contra o salazarismo». Pouco depois, com o episódio Delgado, é o salazarismo «que tem fim», só podendo suceder, na opinião de Lino Neto, «o seu prolongamento artificial».

O comunicante recordou a ocasião em que quarenta cartas de outros tantos membros da A. C. foram enviadas a Salazar, entre elas constando as de seis padres, protestando contra a existência e os actos da Pide. Os autores foram considerados «traidores à Pátria». Por tais gestos se pode dizer, como também ontem fez João Salgueiro, um dos responsáveis institucionais da Acção Católica, ter consistido a década numa «revolução cultural silenciosa», que sem dúvida ajudou a transformar o País.

Mas o economista não pretendeu que os movimentos cristãos oposicionistas tivessem agido sem motivações internas. As coisas começam a mudar realmente, disse, quando Portugal aceita pertencer a uma organização económica internacional, a EFTA («onde fomos o único país-membro não desenvolvido», fez questão em sublinhar), quando se abrem pela primeira vez as portas ao turismo, um milhão de portugueses emigra, a televisão inicia as suas emissões, a guerra em África é declarada. É todo um contexto, e João Salgueiro fez notar que se realizou então o célebre encontro de juventude da Acção Católica que juntou nada menos do que 80 mil pessoas: «Sabíamos que não era possível ir mais longe do que aquilo», afirmou no colóquio da Gulbenkian.

Sem esperanças de ressurgir

Frei Bento Domingues leu mais adiante algumas passagens de uma carta do bispo do Porto que fez frente a Salazar, D. António Ferreira Gomes, dirigida a um cônego de suas relações. Nela incluía-se no número dos «excomungados da Igreja do silêncio». «Aqui jaz, sem esperanças de ressurgir, a experiência histórica de Portugal», escreveu o bispo, pessimista, ao seu amigo. Mas Frei Bento também contou da vez em que foi «assistente» da Juventude de Cristo-Rei, quando este grupo de base montou uma exposição intitulada «O Mundo Perante o Concílio». A extrema-direita fez uma manifestação de protesto à entrada, e a Polícia prendeu não os provocadores mas quem corajosamente se propôs avançar com a iniciativa.

Na decorrência do facto, o frade foi afastado. «Quando a desordem se torna ordem a única atitude é o afrontamento», esse o princípio que valia na época, para os militantes cristãos. Frei Bento recordou para a assistência as vezes que o seu nome foi riscado das iniciativas da Pastoral de Conjunto por um Cerejeira atento e cuidadoso. Evocou José Pinto Leite, que foi o primeiro a denunciar a guerra colonial «como um crime», e referiu-se ao seu trabalho junto dos presos políticos. Mas, diferentemente de Pintasilgo, não conjugou os males exclusivamente no passado. Irreverente, como sempre, acusou este tempo, o de hoje, de agora, como sendo de «involução teológica»: Frei Bento esteve à frente do Instituto Superior de Estudos Teológicos, e se ele já não existe não foi porque o fascismo o tivesse destruído. Foi a democracia, em 1975.

Rui Eduardo Paes

COMENTÁRIO

Por detrás das negras sotainas

Capitão,sim e não ? Será o «não» que é culpado em relação ao «sim», ou o «sim» em relação ao «não» ? Vou pensar nisso.

Woyzeck

Os anos sessenta também tiveram a ver com a morte da «sociedade sacral». E a morte da sociedade sacral com a morte do velho regime salazarista.

Na memória dos acontecimentos e personagens que fizeram mudar o tempo recente na história deste país foram ontem evocados, nas tardes sessentistas que o Centro Nacional da Cultura vem promovendo, na Gulbenkian, alguns dos actoresda dita «Igreja do silêncio», mais comummente identificados com a designação dos "padres e católicos progressistas".

Num livro notável no panorama da «literatura clandestina» dessa época que a "Moraes", editora onde se anichavam muitos desses "progressistas" publicou, "O retorno do trágico" de Jean-Marie Domenach, e donde cito a frase em epígrafe, escrevia-se: "A dialéctica da História nasce do trágico reconhecido, aceitado, utilizado. O «necessário» é aquilo que me liberta; o «estranho», aquilo que me reconhece; o «inimigo», aquilo que me reconcilia".

Despido das suas obscuridades teológicas, o trágico, apresenta-se como o modo natural da existência e como o núcleo da energia dialéctica. O trágico é uma constante da nossa história ocidental. A história é sempre um certo retorno ao trágico.

Não estive na Gulbenkian. Quase diria como Felicidade Alves o diz, em texto inserto aqui ao lado, falta-me apetite para falar destas coisas. Não porque entenda que não devem ser faladas, confrontadas, desnudadas. O passado não deve ser negado. Mas as lembranças do passado interessam-me mais do que como simples cerimónias celebrativas das minhas ou «nossas» nostalgias. O retorno ao trágico, atrás do qual ninguém está para por ele responder, " é um trágico estéril".

E lendo os textos que fazem esta "Grande Angular" do DL e no apelo à memória selectiva desse passado que a reportagem dessa sessão sessentista desperta, para além das coisas bonitas que muitos fizeram, com coragem, risco, e consequências visíveis, «sabotando» o regime político e pondo em crise o sistema religioso conivente, há o silêncio em julgado do «drama» daqueles que ficaram pelo caminho, "em estradas sem saída", (vide depoimentos aqui insertos), que por terem sido da JOC "subversiva" e acusadora da situação ou "excomungados" pelo «crime» ou pelos «escândalos», que afinal, à luz do tempo presente, não o foram, nunca mais tiveram paróquia ou lugar e continuam "na igreja do silêncio" destruídos ou marginalizados.

Diversas foram as opções, diferentes os caminhos, daqueles que na percepção ou no efeito do «aggiornamento» inevitável à morte da «sociedade sacral» no parto da «sociedade civil» fizeram a história dos tempos presentes e contribuíram, no seu papel e no seu lugar, por detrás de sotainas negras, reunindo no Rato ou na JOC, dando cobertura a jornais ou folhas de imprensa, transportando nas pastas os boletins de voto da oposição que por correio normal jamáis chegavam, para o advento da democracia.

José Manuel Paquete de Oliveira

Alguns foram à vida ou fizeram pela vida na sociedade civil. Mas outros ficaram e permanecem na «sociedade religiosa» pela sociedade civil. No silêncio, na obscuridade, ou «anatematizados» como marginais. O trágico não é a memória. O trágico é o presente.

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o DL continua a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Francisco Louçã

Nasceu em Lisboa, em No-vembro de 1956, e há-de morrer algum dia. Família de oposição, o avô materno tinha estado na fundação do PCP, alguém da família paterna também andara por essas bandas — acumularam-se algumas deportações, fugas e prisões, com um anti-salazarismo que era uma espécie de bom-senso evidente. Ateus, também; uma avó rezava quando havia trovoada, mas não se incomodava de mais se os outros não se preocupassem com o assunto — escapou-lhe, por isso, desde sempre, o mistério da sobrevivência da alma, o sentido sagrado do pecado original e a água do baptismo. Mas conheceu também alguns padres com quem aprendeu a acampar, a fazer fogueiras, a discutir com outros — parece que, uma vez, escreveu um resumo de «O Futuro de uma Ilusão», de Freud, para convencer um deles acerca da vulnerabilidade da metafísica. E, com o padre Max, discutiu, com tantos outros jovens, esses tempos finais da ditadura.

E, por entre letras, línguas, ciências em números variados, foi aprendendo a escrever panfletos, a imprimi-los em policopiadores rudimentares e a distribui-los às escondidas; no liceu, com um grupo de amigos que tomavam a iniciativa, andou em cruzada contra o autoritarismo. Ainda andou obrigado por paradas da Mocidade Portuguesa e a fazer ginástica no 10 de Junho no Estádio Nacional, para Tomás ver; soube de imprensas clandestinas e lia. Mas conheceu melhor a primavera marcelista quando, em finais de Dezembro de 1972, foi para a Capela do Rato, onde alguns cristãos tinham iniciado uma ocupação simbólica e proclamado um território libertado dentro de Lisboa: discutia-se se a «paz é possível» e condenava-se a guerra. Apresentaram-se moções, falava-se sem medo; pouco antes da passagem do ano, a Polícia cercou o edifício, deteve todos os presentes e levou 16 para Caxias. Estava entre esses, por nenhum mérito que não fosse ter-se esquecido do Bilhete de Identidade — e ficou uns poucos dias em Caxias, aprendendo o isolamento e pouco descobrindo da dureza dessa repressão omnipotente no País. Acabaria por sair, com uma caução de seis mil escudos, só devolvida quando desistiram de o levar a Tribunal. Também, a fatia de bolo-rei distribuída como pequeno-almoço do dia 1 de Janeiro de 1973 era seca e rançosa. Ainda não foi dessa que aprendeu a comunicar com as celas vizinhas. Talvez o Francisco Pereira de Moura, o Luís Moita ou o Nuno Teotónio Pereira, companheiros de aventura e amigos desde então, que lá ficaram muito mais tempo, tenham aprendido.

Voltou, então, ao liceu. Com mais alguma disposição: participou em lutas estudantis, foram as primeiras reuniões de alunos no pátio, um intervalo de vinte minutos chegava para tantas discussões e para fugir à vigilância dos contínuos. Com muitos outros, organizou uma greve de dois dias em solidariedade com outros estudantes presos quando de uma assembleia estudantil em Santa Maria. O liceu descobriu então os fósforos nas fechaduras, a guerrilha do silêncio, e mais de 100 liceais desfilaram pela Avenida da Igreja parando o trânsito — ficou para o Guinness como a primeira manifestação liceal. E faziam-se outras, com milhares de estudantes de todas as escolas e universidades: sussurradas de boca em boca, em poucas horas enchiam-se praças e avenidas. Foi distribuindo panfletos da LCI, pelas cinco da manhã de noites sem dormir, umas vezes na Lisnave e Margem Sul, mais vezes em Cabo Ruivo. Foi convidado para a coordenação do Boletim Anti-Colonial, cujos animadores viriam a participar na fundação do MES; mas já estava ligado ao grupo de que viria a ser membro em Dezembro de 1973, numa célula organizada por João Cabral Fernandes. E esta é a história de outra tanta gente, adulta muito cedo, generosa desde sempre, o suficiente para que nem todos ficassem arrependidos precoces. E veio o 25 de Abril, «os melhores anos da nossa vida» como dizia o José Afonso. E depois a normalização, a CEE, a D. Branca, o Cavaco, as Presidências Abertas, a perestroika, a prisão de Otelo e outros, a emergência do racismo, a ecologia do Carlos Pimenta, o Público, as rádios novas, a televisão garantida para a Igreja, os aumentos dos políticos e até o «socialismo de mercado», as revistas de modas femininas e o que mais se verá. Foi continuando a fazer o que queria, ocupando-se em panfletos, congressos, textos internos e externos, leituras e cinemas, pessoas e coisas, eleições e outras políticas ainda mais interessantes como sejam as de todos os dias.

Viajou: conheceu Lula em 1979 e o Partido dos Trabalhadores desde então, o Luís Carlos Prestes, as primeiras manifestações de rua em Montevideu, as rusgas em Santiago do Chile, as mães da Praça de Mayo, em Buenos Aires. Escreveu, para jornais vários e revistas (O Jornal, JL, Libertar, Seara Nova, Finisterra, Risco, Revista Crítica de Ciências Sociais, Estudos de Economia, Plural, Inprecor, Em Tempo, International Viewpoint, etc.), fez polémicas e debates, publicou : «Profils de la Social-Democratie», (Paris, 1979, em colaboração); «Ensaio para uma Revolução» (Lisboa, 1984); «Herança Tricolor» (Lisboa, 1989).

Ensina a América Latina e outras coisas, num instituto em Amesterdão, o IIRF. É director no COMBATE, por mera formalidade, porque entre muito fumo nas reuniões e bastantes ideias, aí trabalha com o João Martins Pereira, a Eduarda Dionísio, o João Mesquita, o Heitor de Sousa, a Alessandra Bálsamo e outra gente que se vai juntando. Estuda economia e matemática, menos do que o que queria — é uma fronteira com a filosofia, nunca se esgota. E tem tempo para muitas coisas mais, que espera vir a fazer.

Excepto, talvez, aprender a escrever auto-retratos como se de outra pessoa se tratasse.

DEMOCRACIA E DESARMAMENTO

Durante os últimos cinquenta anos a Europa viveu dividida, mas sem guerras. Formados dois blocos políticos incompatíveis, logo após a Segunda Guerra Mundial e por força das decisões tomadas na Conferência de Ialta, em Fevereiro de 1945, o tempo foi decorrendo na Europa num ambiente de confronto e de guerra fria que, possivelmente, só a estratégia de dissuasão evitou que degenerasse numa outra guerra.

A dissuasão teve um carácter político, simbolizado pelo muro de Berlim e pelo arame farpado; foi também militar convencional, por intermédio do dispositivo das forças estacionadas no Centro da Europa, num e noutro lado da cortina de ferro; foi ainda nuclear, através do relativo equilíbrio entre forças nucleares estratégicas das superpotências e das armas nucleares instaladas na Europa.

No entanto, predominou sempre a preocupação em relação à dissuasão nuclear. A arma nuclear é uma arma de poder ofensivo extraordinário, para a qual não foi ainda encontrado qualquer sistema de defesa eficaz.

Não havendo possibilidade de defesa, a dissuasão, ou seja, a capacidade de desencorajar um ataque pelo receio das consequências insuportáveis que esse ataque representava, só se manteria desde que fosse sempre possível ir ultrapassando o adversário na capacidade de causar maiores danos.

Para isso, aumentava-se a potência das armas, melhorava-se a sua precisão, alargava-se o seu alcance, etc. E assim se foram inventando novos modelos, cada vez mais avançados tecnologicamente. O excesso de armas nucleares foi mais uma consequência desta procura de modelos muito sofisticados do que o resultado de preocupações quantitativas.

As conferências para o controlo de armamentos tentaram suster esta corrida. De certo modo, procuraram tomar o lugar de arma defensiva, da antiarma. Se não havia defesas que tornassem as armas inofensivas, era necessário reduzir a probabilidade de as usar e minimizar as consequências do seu uso se, mesmo assim, houvesse perda de controlo da situação.

António E. Sacchetti

Hoje as transformações políticas na Europa são profundas e rápidas.

Considerando o constante abrandamento do confronto Leste-Oeste, vem sendo afirmado que a ameaça dominuiu ou desapareceu. É verdade, em parte. Mas esta afirmação tem que ser fundamentada e deve ser ponderado o seu alcance.

É costume dizer-se, e é fácil de compreender, que a ameaça depende de uma certa capacidade para exercer essa ameaça e de uma intenção de a concretizar. Assim, a ameaça é um produto de capacidades por intenções.

A capacidade de exercer a ameaça resulta da existência dos meios necessários e da sua prontidão para actuar. A existência de meios é fundamental. A prontidão para actuar poderá transformar a ameaça em iminente ou a longo prazo.

Ora, no que se refere a este factor da ameaça, às capacidades, o facto é que elas se mantêm inalteradas, com a única excepção dos mísseis nucleares de alcance intermédio anteriormente instalados em solo europeu e destruídos por força do acordo de Washington de 7 de Dezembro de 1987.

As forças que saíram do Afeganistão ou que, muito lentamente, estão a sair dos países independentes da Europa de Leste não desmobilizaram ou não foram desmanteladas. Se se continuar a verificar a retirada de forças da Europa Central, tal como proposto ou anunciado, o que reduz francamente é apenas a prontidão para concretizar qualquer ameaça. Por outro lado, aumenta muito favoravelmente o tempo de aviso, isto é, o tempo ao longo do qual se vão denunciando os preparativos para execução de qualquer acção militar de vulto. As capacidades não diminuíram, diminuiu a sua disponibilidade.

Quanto às intenções, o outro factor da ameaça, a análise é mais complexa. Não restam dúvidas a ninguém, julga-se, que nenhum governo dos países do Pacto de Varsóvia tem hoje qualquer intenção de concretizar qualquer tipo de ameaça militar ao Ocidente. Demasiado preocupados com situações internas dificílimas, esses governos bem desejariam desenvolver com tranquilidade o extraordinário processo de transformação que iniciaram.

Porém, esse processo é tão difícil que a situação é extraordinariamente instável, havendo riscos constantes de que se possa degradar. As mudanças de governo são frequentes, as pressões de conservadores e de reformadores são permanentes.

Ora as capacidades estão lá, intactas, e as intenções mudam de um dia para o outro, assim como mudaram e podem voltar a mudar, os governos. As capacidades demoram anos a restaurar, se forem destruídas, as intenções alteram-se num dia.

Assim se poderá compreender o interesse e a ansiedade com que os actuais governantes de ambos os blocos procuram concluir acordos de desarmamento mais substanciais.

Em Viena correm conversações para a redução de armamentos convencionais e, paralelamente, conversações para melhorar as medidas para a criação de confiança, ambas no âmbito da Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa (CSCE). É evidente que as conversações para a redução de forças convencionais são urgentes, pois só assim se diminuem concretamente as ameaças, independentemente das flutuações das intenções ou da instabilidade existente. Já as medidas para a Criação de Confiança perdem muito o interesse se as forças existentes se afastarem de uma posição de confronto, de um alinhamento frente a frente no Centro da Europa, para posições muito mais recuadas.

Conseguido o acordo sobre o desarmamento, a CSCE poderá passar a preocupar-se com outros problemas importantíssimos e que são também do seu âmbito, tais como o das fronteiras decididas em Ialta, confirmadas em Helsínquia e que começam a ser contestadas, o dos direitos humanos, do ambiente, etc.

A NATO não procurou nem procura o inimigo, assim como não busca uma razão para sobreviver. A NATO está na expectativa, aguardando a redução real de armamentos, não a sua deslocação apenas, e desejando sinceramente que a democracia se consolide nos países da Europa de Leste. Então, sim: a ameaça que enfrentou durante cinquenta anos terá desaparecido.

AS TRÊS GLÓRIAS DA PAIXÃO

Os verdadeiros rigoristas nunca são pessoas insensíveis à carne e aos prazeres desta terra; tornam-se assim para reagirem a uma paixão sentida e que reprimiram.

A citadíssima carta na qual S. Bernardo condena, desdenhosa e colericamente, os ornamentos da sigrejas românicas, representa um dos mais vivos exemplos de crítica da arte medieval, seduzida pelo fascínio daquilo que condena.

Tenho aqui por acaso, debaixo dos olhos, um trecho do Padre Paolo Segneri, um jesuíta do século XVII, célebre pelos seus sermões e condenado unanimemente pelos historiadores de literatura, em virtude do seu estilo empolado, teatralmente apocalítico, e do seu moralismo retórico. O trecho fala de um cavaleiro que, desprezando a admoestação dos sacerdotes e amigos, vivia com uma rapariguinha; e a quem o aconselhava a libertar-se dela respondia «não posso». Ora aconteceu que este cavaleiro está à morte, e eis como Segneri, no seu sermão, descreve o diálogo que aquele mantém com o seu confessor.

«Tereis, por acaso, retomou o padre, algum credor que seja preciso satisfazer? Tive, mas satisfiz a dívida. Tereis alguma coisa de alguém que devereis devolver? Tinha, mas igualmente o devolvi... Não quereis, então, receber os Sacramentos como deve receber um cristão, para vos couraçardes contra as tentações do inimigo e contra os perigos do inferno? De boa vontade, Padre, os receberei se vós condescenderdes em mos administrar.

Mas sabeis que isso só poderá acontecer se vos libertardes daquela jovem. Isso não posso. Ah! Que dizeis? Não posso?! Porquê? Tereis de fazê-lo, caro senhor meu, se quereis salvar-vos. Repito-vos que não posso... Mas perdereis o céu.

Não posso. Mas precipitar-vos-eis no inferno.

Não posso. Será possível que eu não vos consiga arrancar outras palavras? Mísero, dizei-me: não será preferível perder só a mulher, que perder a mulher e também a reputação, o corpo, a alma, e a vida, e a eternidade, os Santos, a Virgem, e Cristo e o Paraíso, e assim serdes depois de morto sepultado, excomungado, como um animal numa estrumeira? Então aquele infeliz lançando um áspero suspiro: Não posso, tornou, não posso; e, juntando as débeis forças que lhe restavam, agarrou subitamente a pecadora por um braço, e o rosto aceso, outra a voz, irrompeu nestas precisas palavras às quais eu declaro nada acrescentei e nada subtraí: Esta foi a minha glória em vida, esta a minha glória em morte, e esta a minha glória por toda a eternidade.

Umberto Eco

Então apertando-a e abraçando-a com força, por entre a veemência do mal, a violência do ímpeto, o alvoroço da paixão, exalou, naqueles braços pecadores, o último e desesperado suspiro.»

Comenta Francesco Flora que nesta página não existe algum indício de humanidade para com uma criatura capaz de demonstrar um amor tão grandioso, nem sinal de piedade para com um pecador «não vil e que outros não hesitariam em chamar heróico». Com uma cruel frieza de coração, Segneri referiria somente aqueles braços como «pecadores».

Não concordo. Segneri desempenha o seu papel de moralista; sexofobia e misogenia encorajam-no a designar como pecadora a rapariguinha; mas o moribundo não é pecador, apenas pateticamente cruel, mísero e desesperado. Segneri poderia muito bem ter evitado transcrever as palavras que transcreve e jura serem autênticas, mas fê-lo, e suspeito que tenha acrescentado algumas suas.

Porque é certamente sua a construção sintcática e a escolha lexical; e o leitor fica assombrado com aquela glória tríplice que ressoa gloriosa nos lábios do condenado. Aquele objecto de amor que é glória em vida, glória na morte e glória para uma eternidade de maldição, inventou-o a mente inflamada de Segneri, e não aquela quase extinta do pecador. Segneri não é, nem sabe ser, Dante em frente de Paolo e Francesca, mas é, antes, um rigorista estupefacto e fascinado pelo poder da paixão.

Saberá talvez, como S. Tomás lhe ensinou, que uma paixão pode ser condenável à luz da razão, mas em si mesma, enquanto movida por um desejo irracional, tem uma positividade muito própria. E tem seguramente, para um autor barroco, uma grandeza rutilante, uma loucura borrominiana, o astigmatismo ardente de um santo de El Greco.

(trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Exclusivo L'Espresso-DL

TEMOS UM COMPORTAMENTO «PERIFÉRICO»

Há uns anos, vivendo eu numa localidade próxima de Paris (Montlhéry) vi-me obrigado a procurar, numa avenida situada junto ao Arco do triunfo, uma peça para o carro.

A caminho dessa avenida surpreendi, inesperadamente, um velho amigo e condiscípulo da Faculdade, que lia o «Figaro» sentado numa esplanada dos Campos Elísios, com o ar intenso e preocupado de quem lê notícias importantes.

Divertido com o encontro, resolvi pregar-lhe uma partida e, aproximando-me sem que ele me visse, tapei-lhe os olhos com as mãos e proferi a frase consagrada para tais ocasiões:

- Dou-te um doce se adivinhares quem eu sou...

O meu amigo resistiu, escondendo o jornal e tentando libertar-se das minhas mãos.

Na luta amigável que se travou, e que durou uns breves instantes, constatei, com uma imensa surpresa, que ele não estava a ler o «Figaro», mas sim um portuguesíssimo «Diário de Notícias» que escondera nas páginas do conhecido jornal francês.

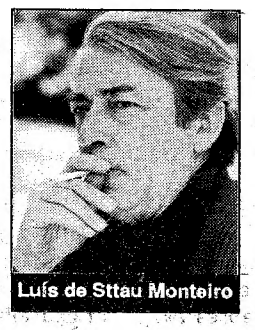
Sua excelência, por outras palavras, interessava-se mais pelo que acontecera, há dois dias, no Chiado, do que pelo que estava a acontecer no Mundo, mas desejando passar por viajado, e quem sabe se por «entendido» em política internacional, escondia a sua verdadeira natureza, fingindo ler a Imprensa francesa!

Isto, em pleno coração de Paris, cidade onde, então, raras vezes se via um português e, menos ainda, quem estivesse interessado em saber o que os portugueses liam nas esplanadas dos cafés.

Trata-se de um pequeno incidente, a todos os títulos trivial, mas tem-me dado que pensar, tanto porque o recordo frequentemente, como porque me obriga a levantar a questão de saber se nós, portugueses, desejamos mesmo ser europeus ou se, pelo contrário, desejamos continuar tal como estamos, a «desejar ser europeus».

Será, por outras palavras, que desejamos ler o «Figaro», ou que desejamos continuar a ler o «Diário de Notícias» bem escondido nas suas páginas?

O problema só pode ser resolvido pelo exame das nossas atitudes e pela análise dos nossos hábitos, até porque aos inquéritos não relacionados com factos objectivos, tendemos sempre a responder como se fossemos outros - os «outros» com que desejamos ser confundidos aos olhos dos inquiridores e quem sabe se aos nossos próprios olhos. declaro, desde já, que não ponho a questão em termos factuais - não vejo alternativa para a nossa «europeização» - mas sim em termos de «desejabilidade», do foro íntimo de cada um, da maneira de estarmos no Mundo como portugueses.


Luís de Sttau Monteiro

Olhando para os últimos anos, que conheci por experiência própria, e não alheia, constato que, durante os «verões quentes» que se seguiram à Revolução de Abril, os portugueses obrigados a emigrar tomaram a rota do Brasil e não, note-se bem, a de um país europeu.

Independentemente desta opção se ter filiado em velhas tradições (as classes altas já uma vez tinham acompanhado o rei para o Brasil) quere-me parecer que ela revela uma atitude inconscientemente anti-europeia ou, pelo menos, diferente da que tomaria, nas mesmas circunstâncias, a grande maioria dos europeus.

A prová-lo, recordo os judeus que andaram, de país em país, fugindo a Hitler e, procurando exemplos mais antigos, encontro o dos inúmeros franceses que seguiram os passos de Charles Calonne, fugindo para Inglaterra, para a Alemanha, para a França e para a Áustria, a partir de 1787, data em que se iniciou a «emigração» causada pela Revolução Francesa.

Não teriam estes últimos um Brasil à sua espera do outro lado do Atlântico?

É evidente que sim - o Canadá, apesar de inglês a partir do Tratado de Paris, que pusera termo à Guerra dos Sete Anos, mantinha-se largamente vinvulado à França, e teria recebido, de bom grado, e falando a mesma língua, os que fugiam à Revolução Francesa.

Apesar disto, porém, os «emigrés» não abandonaram a Europa, centro do seu mundo, da sua vida e, acontecesse o que acontecesse, mãe espiritual de quantos nasceram dentro das suas fronteiras. A minha experiência pessoal confirma, aliás, a razão de ser da questão que levanto, já que me leva, quase todos os dias, a verificar a diferença de comportamentos que separa os portugueses dos «restantes» europeus.

Recebo em minha casa, por exemplo, dezenas de ingleses, de franceses e de espanhóis e, de quando em quando, amigos de Lisboa que me vêm contar as últimas noticiazinhas do país - todas elas, curiosamente, referentes a pequenos escândalos políticos, a *gaffes* feitas por um ministro qualquer, ao preço dos carros da Presidência da República, ou a reuniões misteriosas, mas assustadoras, de oficiais do Exército. Assuntos que raras vezes são objecto de conversa entre europeus, mas que parece constituírem uma obsessão para os portugueses.

Outras das características mais curiosas destes é aquilo que designarei por «isolamento social» - a sua total e completa incapacidade de lidarem com os restantes europeus em termos normais.

Faça eu o que fizer, numa reunião em que se encontrem portugueses e cidadãos de outros países, os portugueses acabam por se separar e por formar pequenos grupos em que discutem, mais uma vez, o último escândalo do ministro de qualquer coisa, a possibilidade do sr. Silva chegar a secretário de Estado, ou a *gaffe* de um embaixador.

este estado de «isolamento social» que refiro aplica-se a todos - até os emigrantes que me tem sido dado conhecer são vítimas dele: um, por exemplo, que vive no meu bairro há dezassete anos, recusa-se a aprender palavras «estrangeiras» desnecessárias para as suas idas ao supermercado, e insulta, em voz baixa, os franceses com quem se cruza na rua.

tenho amigos, por outro lado, que falam da França como se mantivessem com este país uma relação afectiva especial, um contacto íntimo que os afecta profundamente, e que confere às suas visitas a Paris o carácter de uma autêntica peregrinação espiritual. Quem lhes tira Paris tira-lhes tudo, dizem eles com os olhos, com os sorrisos, com os gestos.

Acontece, porém, que não têm um único amigo francês, que as suas visitas a Paris são de uma monotonia difícil de descrever, e que as passam andando de loja em loja, e de museu em museu, sem proferirem uma só palavra, até por não conhecerem uma única pessoa, e por não haver um único francês em cuja casa entrem com certa familiaridade.

Tudo isto me leva a perguntar se o tão famoso talento que dizemos ter para lidar com estrangeiros, corresponderá a alguma realidade que eu desconheça, ou se não passará de mais um grandioso chavelho adoptado para fins políticos e turísticos.

A falta de espaço impede-me de dar mais alguns exemplos do que afirmo, exemplos esses que tanto envolveriam a tacanha vida social de alguns dos nossos deputados ao Parlamento Europeu, como o estado de isolamento total em que vivem milhares de emigrantes portugueses espalhados pela Europa.

Essa falta de espaço não me impede, porém, de aventar algumas explicações para esta espécie de medo ou, pelo menos, de receio, que temos da Europa.

Admito que a presença, ao nosso lado, de uma Espanha de que desconfiamos, tenha contribuído, ao longo da História, para que receemos tudo o que vem de fora, nomeadamente de uma Europa com que tivemos pouco contacto e perante a qual nos sentimos acanhados.

Admito que o nosso atraso em muitos sectores de actividade nos torne receosos de mostrar o que temos e que julgamos inferior ao que os outros têm.

Admito que o facto de termos exportado mão-de-obra durante anos, nos leve a considerar que os outros nos acham incultos e ignorantes e que, na sequência desse facto, nos desprezem.

Admito que tenhamos receio de revelar o nosso provincianismo a uma Europa cosmopolita e oficialmente «sofisticada».

Admito que estes receios todos provenham do facto de sermos poucos: não temos, demograficamente, a dimensão de uma grande cidade europeia e a nossa importância é, portanto, muito relativa.

Admito que a nossa situação periférica, em relação à Europa, nos tenha mantido num estado de «afastamento» que nos afectou profundamente.

Admito tudo isto, e muito mais, que não julgo oportuno explicar, mas não posso deixar de terminar dizendo que, se realmente queremos aderir à Europa, temos de ultrapassar estas barreiras que já não tem razão de ser.

Temos, por outras palavras, de perceber que Portugal só será periférico enquanto nós o formos

CARTAS PERSAS

Consumo de qualidade

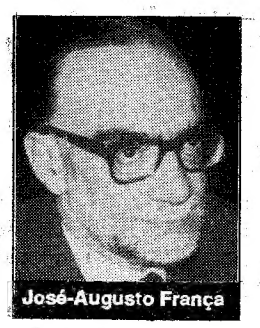
Sobremodo me honrou a Debrett's Peerage, Ltd. enviando-me, por via do seu editor, o primeiro volume do «International Collection», em «exemplar de cortesia», no âmbito da sua «estrita e controlada circulação» pelas «mais poderosas individualidades e famílias» residentes na Europa, nos Estados Unidos, no Middle East e no Japão - tudo a partir de Londres W2-2YW. O meu caso é dos primeiros, ou seja, europeu, mesmo que na periferia do continente. Distinção insigne, reconheço, assegurada por uma coroa ducal ou de «peerage» discretamente impressa ao alto de cada uma das 200 páginas de excelente «couché», e a cores.

Andando pelas bocas de tal mundo de «who's who», ganhei direito a esta luxuosa publicação coroada onde, pelas penas de especialistas considerados, me é oferecida a possibilidade (senão a necessidade e, sem dúvida, o privilégio) de escolher e adquirir obras de arte ou de outra coisa e curiosidade, nos locais de maior prestígio.

O caso é que (assegura mr. Richard Eaton, «editor» e bem conhecido «decorador de interiores») «num tempo a sociedade em que, por de mais, se valorizam as satisfações imediatas, um incessante desejo de mudança e, ao que parece, por todo o lado, uma destruição geral para bons lucros, os coleccionadores são mais que necessários para preservar a continuidade, etc., etc». Como não aprovar tais palavras?

Um jovem casal de noivos, logo à entrada do volume, olha-se convidativamente, de organdi branco e fraque cinzento - e depois são leques, caixinhas do Fabergé, porcelanas da China (que falta lhe fazem, porém, os brazões portugueses!), prataria de marca, espelhos de Veneza, ícones bizantinos («Janelas para a Eternidade»), tapetes «mágicos» (próprios da carta persa), esculturas de jardim, discos que defende Her Grace Margaret, Duchess of A., bem retratada em suas distintas engelhas liftadas, mas já irreparáveis, «menoudières» (oh, preciosa e rara «french word»!) que uma dama de joelho em riste, ossudo, apresenta, sexagenariamente (mesmo uma chave «yale» de ouro!), e comboios restaurados do Simplon-Orient-Express, com lacas nos interiores, mil «yachts» de admirável «design», e cavalos puríssimos de sangue, e automóveis («vintage cars»), apoiados pela palavra de Lord B. para o efeito retratado em pose familiar com «milady» e filhos pequerruchos, de veludo, coleccionadores de Ferraris - «brigh red machines». Mesmo que vermelhos...

... Tudo e mais tudo, com grande número de anunciantes prestigiados, leiloeiros (como o Sotheby's) e vendedores de safaris na África do Sul (hum...), hoteleiros na Índia, na Suíça ou em Málaga, e agentes de propriedades, casas e peluses, na Flórida, mesmo fabricantes de casas de banho pós-modernistas ou vitorianas - o Debrett's é um facto social a que os portugueses devem ter acesso, por direito de nova história.


José-Augusto França

Ele dá-nos o que nos tem faltado, em coisas, decerto, mas, sobretudo, em gosto pela vida dos outros - lindos, luxuosos, felizes, míticos... Mesmo que não compremos nada. Mesmo que o volume seja mal empregado. Mesmo que a Pérsia não o seja tanto assim, e, sobretudo, haja dinheiro em Macau, entre amarelo e branco...

POLÍTICA

Novo quadro legal da Comunicação Social

Jornalistas protestam em S. Bento

Esta tarde, na Assembleia da República, os jornalistas manifestam-se contra as alterações na legislação para a Comunicação Social. Em causa, a extinção do Conselho de Imprensa, o quase esvaziamento de competências dos conselhos de redacção e a não representação de jornalistas na Alta Autoridade.

A votação final da proposta de lei do Governo sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social está na agenda e deveria ser votada hoje. O PSD, segundo informações que temos, considera «não concluída a elaboração da lei» e o processo poderá ser atrasado, apesar da marcação. Até à hora de fecho desta edição o Grupo Parlamentar social-democrata não nos pode dar informações precisas sobre os debates.

De referir que o ministro-adjunto e da Juventude, Couto dos Santos, reiterou, na reunião de ontem, à Comissão dos Assuntos Constitucionais, a intenção de não alterar substancialmente a sua proposta sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Por isso o Sindicato dos Jornalistas decidiu ontem promover um protesto em S. Bento. Com mordaças e transportando caixões os jornalistas vão manifestar-se na Assembleia, simbolizando assim o «enterro dos delegados sindicais e conselhos de redacção, motivado pela criação da Alta Autoridade».

Ao mesmo tempo o sindicato apelou aos jornalistas parlamentares para se limitarem a divulgar a carta aberta que elaborou em vez dos relatos da votação proposta. No documento que subscreveu e endereçou aos deputados, o Sindicato dos Jornalistas responsabiliza os deputados por «estarem a limitar a liberdade de informação, se votarem a favor da Alta Autoridade».

A decisão de desencadear o protesto foi tomada durante uma das reuniões mais participadas do Sindicato: estiveram presentes delegados sindicais e conselhos de redacção de 11 órgãos de Comunicação Social, representando centenas de jornalistas.

Entretanto, o Sindicato dos Meios Audiovisuais, da UGT, anunciou que quer participar na Alta Autoridade, nomeadamente através dos seus associados, os profissionais da Rádio e Televisão.

Para a sessão de hoje está também agendado um pedido do PCP no sentido de rectificar o decreto-lei que regulamenta o regime de acesso ao Ensino Superior. PS e CDS subscrevem por seu turno um projecto-lei que deverá ser discutido hoje e no qual se estabelece que os candidatos ao Ensino Superior que tenham sido aprovados com média de 16 no 12º ano se possam matricular em qualquer curso da área de que são provenientes. Em discussão estará também uma proposta apresentada por João Corregedor, sobre importação de gás natural.

Cunhal faz auto-crítica sobre países do Leste

As teses aprovadas pelos dirigentes comunistas identificam «traços negativos» na evolução dos países socialistas

O PCP conhecia mal as dimensões da situação política no Leste europeu e não terá tentado uma análise mais objectiva da situação. Confiou nos «partidos irmãos» e não deu crédito a informações provenientes, inclusivamente, das suas fileiras. Estes os traços principais da auto-crítica ontem feita por Álvaro Cunhal em Lisboa, na conferência de Imprensa destinada a divulgar as bases das teses que aprovadas pelo Comité Central para o XIII Congresso Extraordinário.

As teses, que o orgão máximo do PCP aprovou em reunião terminada na madrugada de ontem, analisam detalhadamente as incidências dos acontecimentos nos países socialistas. Na extensa exposição feita aos jornalistas, o secretário-geral identificou cinco «traços negativos» da evolução política.

Reconheceu, por exemplo, que a centralização do aparelho alienou o apoio das bases, que a democracia sofreu «graves limitações», que a propriedade social redundou em planificação «excessiva», que o papel dirigente dos partidos comunistas deu origem a imposição administrativa, provocando uma «crise de confiança».

Porém, no essencial, trata-se de «desvios de rumo» - ou «infracções ao ideal comunista», na caracterização de Cunhal - não estando em causa as traves-mestras do marxismo-leninismo.

Cunhal confiou nos «partidos irmãos» e não deu crédito a outras informações

Um partido igual a si próprio

«Não somos responsáveis pelos erros dos outros», afirmou o líder comunista, que fez, em paralelo, uma avaliação bastante positiva da actividade do partido que dirige. O PCP, na sua óptica, de há muito recusou o culto da personalidade, tem reforçado a vertente democrática do centralismo, recusou práticas de afastamento administrativo. Daí que a questão do «ideal comunista», que será objecto das teses a submeter ao Congresso de Maio, se circunscreva ao reforço das características actuais do partido.

O PCP manterá o marxismo-leninismo como ideal e não se afastará um milímetro que seja da sua natureza classista. «Ninguém tenha ilusões a esse respeito: este partido não vai ser social-democrata», garantiu Cunhal.

Aliás, nos perigos da social-democracia - o histórico «fantasma» do movimento comunista - está o PCP longe de cair. O secretário-geral revelou que as teses são fortemente críticas em relação às transformações operadas por alguns partidos congéneres do Leste - como a mudança de nome e a eventualidade de adesão de ex-PC's à Internacional Socialista. Rejeitam igualmente as análises que apontam para a democratização do capitalismo, o fim da natureza classista do Estado e o desaparecimento da classe operária.

O «velho» problema da sucessão de Cunhal

Uma das teses aprovadas aconselha o Comité Central a «avançar perspectivas» quanto à substituição de Álvaro Cunhal no cargo de secretário-geral, em função da sua avançada idade. Aparentemente, esta revelação é importante, revelando que oficialmente o núcleo dirigente do PCP está disposto a analisar o «velho» problema da liderança.

Porém, a verdade é que nada se avançou. É dado adquirido que, no congresso extraordinário de Loures, não será eleito novo Comité Central. Portanto, o facto de a reunião magna poder vir a «aconselhar» aquele orgão a pensar no assunto não significa que seja, a breve trecho, tomada uma decisão. Aliás, se a ordem de trabalhos do congresso não prevê o debate de questões programáticas, estatutárias e de direcção, Cunhal limitou-se ontem a admitir apenas que a renovação poderá passar por algumas alterações na composição dos órgãos dirigentes.

Presidenciais: aguardar evolução

O próximo congresso do PCP vai debruçar-se igualmente sobre a situação política nacional, na perspectiva da «restauração do capitalismo monopolista». Cunhal, aludindo às teses nesta matéria, disse que o partido aguarda ainda a evolução dos acontecimentos para tomar uma posição em matéria de eleições presidenciais, a realizar no próximo ano.

O líder comunista recordou que o voto do PCP foi decisivo na eleição de Eanes e de Mário Soares, sublinhando que, em ambos os casos, o voto não significou apoio aos candidatos. Estava, isso sim, em causa, o perigo da ascensão da direita, personificado em Soares Carneiro, primeiro, e em Freitas do Amaral, posteriormente. Desta feita, os comunistas consideram não existir tal perigo, mas guardam a sua posição para mais tarde.

Quanto às Legislativas, Álvaro Cunhal apelou uma vez mais à «convergência dos partidos democráticos», salientando o facto de nenhuma das formações de esquerda estar em condições de, por si só, conquistar a maioria.

Conselho da Europa prepara abertura ao Leste

Adesão da Jugoslávia depende de reformas económicas

A adesão formal da Jugoslávia ao Conselho da Europa depende da concretização de reformas políticas no sentido da democracia efectiva e do respeito pelos direitos humanos, considerou ontem em Belgrado Deus Pinheiro, na última etapa do seu périplo pelos países de Leste, na sua qualidade de presidente daquela organização internacional.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, que viaja acompanhado da secretária-geral do Conselho da Europa, Catherine Lalumiére, reconheceu que as reformas já operadas pela Jugoslávia no campo económico demonstra abertura da parte das autoridades do País. É no entanto necessário - concretizou - «que as intenções se transformem em leis e sejam cumpridas, sob pena da a Jugoslávia ficar irremediavelmente atrasada».

A Jugoslávia continua a aplicar um plano de reformas económicas lançado pelo primeiro-ministro Markovic.

Os primeiros resultados são já visíveis: a inflação desceu para níveis controlados, aumentou o investimento estrangeiro, a balança de pagamentos equilibrou-se e o serviço da dívida está a ser regularmente assegurado. Porém, mantêm-se as dissensões internas e as divergências entre as diversas repúblicas.

É nesta situação que Lalumiére se inspira, quando afirma que há ainda «muitos obstáculos a ultrapassar». A secretária-geral do CE esclarece que, «tendo estado muito avançada no processo de aproximação ao Conselho, corre grandes riscos de ficar para trás, porque as reformas em outros países do centro e leste da Europa andaram mais depressa».

Segundo Deus Pinheiro, o processo interno de tomada de decisões quanto à adesão ao Conselho da Europa é complexo e moroso, no caso da Jugoslávia, na medida em que exige a ratificação pelos parlamentos de todas as repúblicas e das duas regiões autónomas. E mais complicado se tornará, se se tiver em conta o facto de, em Kosovo, cujos habitantes são maioritariamente de origem albanesa, continuarem a verificar-se confrontos étnicos.

POLÍTICA

Para dotar Lisboa de verbas europeias

Rebelo de Sousa quer PDM já a mexer

O PSD vai apresentar à Câmara, no dia 14 uma proposta no sentido de se acelerar a elaboração do Plano Director Municipal para a capital, anunciou ontem Marcelo Rebelo de Sousa, em conferência de Imprensa. De entre os pontos principais do documento, o vereador social-democrata destacou a necessidade de a Câmara «propôr à Assembleia Municipal o começo da elaboração do PDM para que este esteja concluído até ao Verão de 1991» com vista a ser submetido ao debate público.

Além deste ponto, o PSD defende a criação de duas comissões, uma de acompanhamento à elaboração do PDM, formada por todos os partidos com assento na Câmara, e outra de cariz técnico, composta por representantes do Município lisboeta, da Comissão Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, CCRLVT e das Câmaras vizinhas da capital, bem como de outras entidades directamente interessadas.

A ocasião escolhida por Marcelo Rebelo de Sousa para a apresentação da sua proposta prende-se, segundo disse, com o facto de ter sido publicado no Diário da República o decreto-lei 69/90 que estabelece a data de 31 de Dezembro de 1991 como prazo limite para a apresentação, por parte das autarquias dos respectivos Planos Directores Municipais.

De acordo com a nova legislação, se até àquela data os municípios não tiverem prontos os planos incorrem no risco de não receberem verbas provenientes da Comunidade Europeia.

Repescar propostas anteriores

No entender de Marcelo Rebelo de Sousa, o seu documento «é o repescar de propostas similares apresentadas pelo PCP, PSD e PS em mandatos anteriores, caídos em letra morta» e aparece quase na mesma altura em que foi criado (há cerca de um mês pela nova maioria) o Gabinete de Estudos e Planeamento Estratégico. Na opinião de Rebelo de Sousa, quando da criação deste organismo, cuja função principal é a de preparar o planeamento urbanístico para a cidade «não foram definidos os horizontes temporais da sua actuação», disse.

Alterações a curto-prazo

Na segunda parte da proposta a apresentar no dia 14 de Março, Marcelo Rebelo de Sousa preconiza ainda a «imediata renovação do Plano Geral de Urbanização» vigente. «Recuar a zona industrial de Lisboa, tornar o centro da capital em zona mista onde coexistam áreas de terciário e habitação, proibir as compensações pela não construção de garagens, criar novas regras de estacionamento e consagrar sectores específicos para as zonas históricas», constituem algumas das medidas tendentes a alterar o presente «estado das coisas».

Lusa/«DL»

Delegação da AR visita Macau

Os deputados vão tentar melhorar o estatuto sem lhe introduzir alterações políticas

Com o propósito de introduzir «melhorias técnicas» no Estatuto de Macau, uma delegação da Assembleia da República vai seguir com urgência para aquele território sob administração portuguesa, apurou o DL junto de fonte parlamentar. A decisão foi tomada na sequência do último Conselho de Estado, convocado pelo Presidente da República para apreciar o estatuto.

Perante os últimos anos da administração portuguesa, não faria sentido uma reformulação «menos boa» do Estatuto de Macau, referiu a mesma fonte. As alterações a introduzir não visam modificar o conteúdo político da lei elaborada em Macau, mas apenas aspectos técnicos.

Aliás, é no sentido de prevenir conflitos com a Assembleia Legislativa daquele território que os parlamentares se deslocam a Macau, para que a versão final do diploma seja correcta. Questões humanitárias como o reafirmar da abolição da pena de morte (já garantida, dado que a Constituição Portuguesa se aplica durante o período de transição e faz lei quando a República Popular da China passar a administrá-lo) bem como temas de administração corrente, como os vistos do Tribunal de Contas, serão analisadas por esta delegação e pelos responsáveis do território.

Melancia em S. Bento

O Governador de Macau, Carlos Melancia, estará esta tarde na Assembleia da República para uma reunião com os deputados que integram a Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias, não para um inquérito formal, mas sim para o esclarecimento de assuntos que se ligam a notícias recentemente vindas a público sobre a contestada aceitação de «luvas» de uma empresa alemã candidata ao desempenho de tarefas na construção do aeroporto daquele território. O inquérito formal estaria, aliás, fora de causa, dado o estatuto constitucional de Macau. Mas desde que o PSD levou a peito uma averiguação sobre as notícias publicadas, Melancia colocou-se à disposição do Parlamento para o esclarecimento de quaisquer dúvidas.

As teses do partido maioritário na AR foram explanadas por Leonardo Ribeiro de Almeida, na tribuna do Par-

Carlos Melancia presta contas, esta tarde, no Parlamento

lamento, na sessão plenária do passado dia 20 de Fevereiro. Nessa altura, Ribeiro de Almeida considerou «impensável que a Assembleia da República possa ficar indiferente perante a notícia divulgada há dias por um semanário português e na qual se lançaram suspeitas graves sobre o Senhor Governador de Macau».

Acrescentaria, de resto, o seguinte: «Antes de mais, que fique isto bem claro: o respeito pela honorabilidade das pessoas e o bom nome das instituições são valores inestimáveis, que o PSD defende e considera regra de ouro dos seus princípios e da sua acção. Para nós vale a pressunção de probidade até prova em contrário».

Mantém-se entretanto o mistério sobre a origem e o destinatário de um telefax enviado a Melancia, exigindo a devolução de um adiantamento de 50 mil contos, tudo apontando à partida para um equívoco embaraçoso ou uma fraude de grande alcance.

O assunto passou, recorde-se, a ser do foro político, uma vez que Melancia apenas responde perante o Chefe de Estado e, perante o reacender da questão presidencial, este novo «caso» em Macau envolve, por tabela, a acção do actual ocupante do Palácio de Belém. A intervenção de Ribeiro de Almeida limitou-se a exprimir no Parlamento o entender da bancada do PSD que achou que a Assembleia não poderia alhear-se do problema, devendo, «dentro dos limitados meios de que dispõe, e no respeito incondicional das competências dos órgãos de soberania, procurar tomar conhecimento em toda a sua extensão, da veracidade ou inveracidade de tais imputações». Daí a deslocação do Governador de Macau, esta tarde, ao Parlamento.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$25	55$25
ALEMANHA FED. (marco)	87$00	88$20
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	3$996	4$246
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	124$25	126$75
(notas de 5 a 1000)	124$75	127$25
DINAMARCA (coroa)	22$65	23$05
ESPANHA (peseta)	1$320	1$440
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$20	151$70
(notas de 5 a 1000)	148$70	152$20
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$75	26$45
HOLANDA (florim)	77$25	78$35
IRLANDA (libra)	232$80	236$80
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$952	1$007
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	244$75	249$25
SUÉCIA (coroa)	24$15	24$65
SUÍÇA (franco)	98$80	100$30
VENEZUELA (bolívar)	3$164	3$964

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Ministros reúnem-se em Bruxelas

Automóveis japoneses dividem a CEE

Do nosso correspondente em Bruxelas

O impasse caracterizou a maioria dos debates sobre os temas mais relevantes da reunião de ontem do Conselho dos Assuntos Gerais. Portugal assumiu uma atitude conservadora, juntamente com o Reino Unido, ao rejeitar a possibilidade de uma agenda mais rica para a Conferência Intergovernamental, cuja realização está aprazada para Dezembro próximo.

Representado no Conselho de Ministros a nível de secretário de Estado devido à ausência de Deus Pinheiro, em digressão pelo Leste, o nosso país foi de opinião que a Conferência Intergovernamental se debruçasse apenas sobre a União Económica e Monetária, no que foi acompanhado pelos ingleses.

Outro dos pontos da agenda teve a ver com a «invasão» dos automóveis japoneses. Também sobre esta matéria a divisão ficou patente entre os parceiros comunitários. França, Itália, Portugal e Espanha preconizaram um período transitório de dez anos para a liberalização do mercado, sugerindo ainda uma auto-limitação dos próprios japoneses às suas exportações para a Europa. O Reino Unido mostrou-se intransigente na defesa da liberalização imediata do mercado, afirmando igualmente que as unidades de patente japonesa fabricadas na Europa não devem contar para efeitos de contingentação. A postura do Reino Unido tem a ver com a localização de fábricas japonesas no seu território. A RFA, antes pouco receptiva à liberalização do mercado, evoluiu noutra direcção, provavelmente devido à boa penetração dos seus automóveis de gama alta no mercado japonês. Holanda e Dinamarca posicionaram-se ao lado dos ingleses e os outros Estados-membros manifestaram-se a favor da necessidade de um compromisso.

O secretário de Estado da Integração Europeia referiu-se ao Uruguay Round, afirmando que as posições do Conselho foram consonantes com aquilo que «entendemos essencial». Falou da necessidade do reforço do GATT, da falta de regras de disciplina e na criação de uma nova instituição de controlo internacional. Sobre os têxteis, Vítor Martins pronunciou-se no sentido do não abandono do acordo multifibras enquanto não se atingir o seu termo, em 1991. Finalmente, disse haver uma afinidade evidente entre o problema dos automóveis e os têxteis.

José Rui Cunha

B R E V E S

Seguro acelera campanha para o congresso

O candidato a secretário-geral da JS, António José Seguro, jantou ontem à noite em Coimbra com os oito últimos candidatos da Juventude Socialista à presidência da Associação Académica de Coimbra. Este iniciativa de Tó Zé Seguro faz parte da campanha deste candidato para a liderança da JS, a decidir no próximo congresso dos jovens socialistas. Esta noite António José Seguro reúne-se com a direcção da sua candidatura e amanhã, no Solar do Vinho do Porto, apresenta aos jornalistas a moção de estratégia para o congresso.

MDM comemora 8 de Março

O Movimento Democrático das Mulheres comemora este ano o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, com uma série de iniciativas culturais e debates sobre o papel das mulheres na evolução da sociedade. Um dos pontos altos das comemorações é a reposição de uma exposição realizada em 1947 pelo Conselho das Mulheres Portuguesas.

Sentença de Álvaro Neves é «uma batata quente»

A decisão que o Tribunal Militar de Coimbra hoje tomar sobre o sargenteo Álvaro Neves «é uma batata quente» nas mãos da hierarquia militar, disse à Lusa um porta-voz da ANS. Como noticiámos Álvaro Neves está a ser julgado por ter afixado, na Base de Santa Margarida, uma fotocópia do «Diário da República» que legalizava a Associação Nacional de Sargentos. Tal acto foi considerado «insubordinação».

Mário Soares recebe presidente do Supremo

O presidente da República recebeu, ontem, o juiz conselheiro Vitor Coelho, presidente do Supremo Tribunal de Justiça. Vitor Coelho revelou a Mário Soares o programa da viagem ao Brasil, agendada para 20 a 28 deste mês, a convite do Supremo Tribunal Federal Brasileiro. Esta viagem destina-se a retribuir a visita a Portugal do juiz do Supremo Brasileiro, realizada há dois anos.

INTERNACIONAL

Unificação alemã

CEE pôs em acção «laboratório» secreto

Do nosso correspondente em Bruxelas

Hans-Dietrich Gencher, o ministro dos Negócios Estrangeiros da República Federal da Alemanha, anunciou ontem, em Bruxelas, depois do regresso de Bona, aonde se deslocou para uma reunião com o chanceler Helmut Kohl, que o seu país está numa fase muito avançada dos trabalhos que visam a unificação alemã.

E a CEE , soube o «DL»,tem em acção um «laboratório» secreto para a mesma questão...

Genscher, numa reunião restrita e sobre a qual o próprio representante português se recusou a dar pormenores, disse que os trabalhos tendentes a mostrar que a RDA pode fazer parte da CEE sem necessidade de novos tratados estão numa fase muito adiantada. Revelou ainda que a níveis ministerial e técnico se está a progredir no sentido de a unificação alemã se alcançar muito em breve.

Genscher e Kohl encontram-se em posições diferentes na questão da fronteira que separa a RDA e a Polónia e, nos bastidores políticos da capital belga, admite-se, em resultado dessa diferença, a possibilidade da demissão do ministro dos Negócios Estrangeiros de Bona, quer seja ele a pedi-la quer seja exonerado.

Segundo conseguimos apurar em Bruxelas, a Comissão Europeia tem um gabinete de estudos a trabalhar na questão alemã, a que preside o comissário Martin Bangemann. Contrariamente ao que é habitual, este laboratório político e técnico está a funcionar em moldes sigilosos, procurando cenários, analisando impactos e propondo directivas comunitárias que se compatibilizem com a unificação alemã.

José Rui Cunha

Daniel Ortega ameaça com guerra civil

Nicarágua: líder sandinista não quer alterações nos Ministérios da Defesa e do Interior

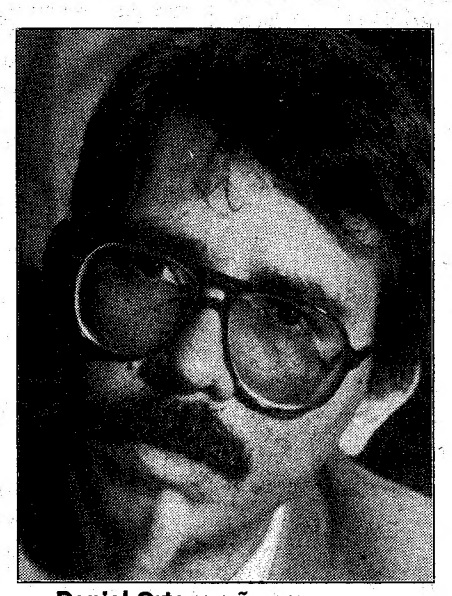
Daniel Ortega advertiu ontem com «uma guerra civil» caso o novo Governo da Nicarágua substitua o exército sandinista pelos «contras» e por antigos guardas somozistas. Falando na inauguração do ano lectivo num colégio de Manágua, Ortega acrescentou que se a presidente-eleita, Violeta Chamorro, desmantelar os ministérios da Defesa e do Interior poderá provocar uma grave crise entre os nicaraguenses.

«Estas duas instituições são reconhecidas constitucionalmente e não podem ser substituidas pelos contras ou pela antiga guarda do ditador Somoza», repisou Ortega.

Também o comandante sandinista Luis Carrion ameaçou com uma guerra civil caso a oposição, vencedora das eleições em Fevereiro, não assegure a integridade do exército com o novo Governo. «A transição pacífica dependerá da flexibilidade que a União Nacional Opositora (UNO) demonstrar nas negociações», alertou Carrion.

Chamorro, comparada ontem pela revista «Time» com o ex-presidente dos EUA, Ronald Reagan, por este ter governado sem ser perito em qualquer matéria específica e rodeado de assessores, prometeu ontem uma amnistia geral aos «contras». A futura presidente da Nicarágua pediu aos rebeldes que deponham as armas, antes da sua tomada de posse, em 25 de Abril.

«Contras» perpetram ataques apesar dos apelos de Chamorro



Daniel Ortega não quer que o exército sandinista seja substituído pelos "contras"

Por seu lado os «contras» já confirmaram que hoje irão ter reuniões nas Honduras com um representante da presidente-eleita para estudar a entrega das suas armas, «caso o exército sandinista se transforme num corpo policial civil».

No entanto, o coronel sandinista Manuel Salvatierra, comandante das províncias do norte de Jinotega e Matagalpa, já afirmou que mil e 700 «contras» operam na área e continuam a perpetrar ataques e raptos apesar dos apelos de Chamorro.

Quatro mil guerrilheiros que, desde Setembro passado, se introduziram na Nicarágua, garantiram num comunicado distribuído no passado domingo que a velocidade da sua desmobilização dependerá do cumprimento de uma série de garantias e, ainda, da viabilidade das condições logísticas.

Nas Honduras vivem actualmente, em acampamentos, cerca de 10 mil rebeldes e respectivas famílias, desde que, em Fevereiro de 1988, os EUA puseram oficialmente termo à ajuda militar. Segundo o Governo das Honduras, mais de 30 mil nicaraguenses refugiaram-se no país durante os dez anos de guerra contra o regime sandinista.

A par desta problemática imbricada, Chamorro, que a «Time» considerou ter pouca experiência tanto na vida pública como em temas económicos e políticos, tem ainda que conciliar, no seio da UNO, a heterogeneidade das formações políticas que a compõem.

Durante esta semana uma comissão composta por todos os partidos integrados na UNO e por representantes da Igreja vai reunir-se com os líderes rebeldes em Tegucigalpa para discutir o regresso dos guerrilheiros que vivem nas Honduras à Nicarágua.

Lusa/Reuter

Mavinga: novo desmentido da UNITA

«O presidente Jonas Savimbi nunca disse que Mavinga caiu». Assim começa o comunicado enviado hoje de manhã da Jamba para Lisboa, lido ao «DL» pelo porta-voz na UNITA, Alcides Sakala. O desmentido justifica-se após as notícias hoje publicadas em matutinos lisboetas, chegadas através da agência Lusa, segundo as quais Savimbi, em entrevista à rádio «Voz do Galo Negro», reconhecera que Mavinga teria sido tomada durante a sua visita a Portugal, assim como os ataques à Jamba.

Fontes contactadas pelo «DL» sublinharam que essas afirmações foram proferidas em tom irónico e que só descontextualizadas fariam o sentido das notícias divulgadas.

Essas opiniões são confirmadas por Sakala, que acusa o correspondente da Lusa em Luanda de ter «ostensivamente deturpado» a entrevista, enquadrando-a na «campanha de desinformação levada a cabo pelo MPLA». Segundo o comunicado da UNITA, o mo-vimento «não aceita o folclore do MPLA em relação a literalizações».

Redacção «DL»

Kohl não cede após crise da coligação no governo

No encontro, ontem, em Bruxelas, com os restantes ministros do Negócios Estrangeiros da CEE, H.-D. Genscher obteve o apoio comunitário no seu braço-de-ferro com o Chanceler alemão- federal Helmut Kohl.

A divisão no seio da coligação CDU/FDP, actualmente no poder, parece ter atingido um nível preocupante para Kohl. Com efeito, o Chanceler alemão-federal aparece cada vez mais isolado nas suas posições quanto à futura fronteira da Alemanha unificada e a Polónia. No entanto, Kohl não parece recuar face ao seu isolamento.

A recusa do ministro dos Negócios Estrangeiros alemão-federal, H.D. Genscher, em aceitar a tactica de dureza de Helmut Kohl de ligar o reconhecimento das actuais fronteiras ao compromisso do governo polaco de abdicar dos pedidos de indemnizações por prejuízos da II Guerra Mundial, levou a que a reunião de crise da coligação, iniciada ontem, prosseguisse hoje ainda.

Antes de se iniciar, hoje, a sessão plenária da coligação na chancelaria de Bona, Helmut Kohl agravou a crise ao exigir que os liberais concordem também que a RDA deve adoptar as leis de Bona, numa rápida unificação, em vez de insistir na elaboração de uma nova constituição para uma Alemanha unida.

«A posição do Chanceler, que não foi discutida antecipadamente connosco, é completamente incompreensível», disse o vice -presidente do Partido Liberal, Rudolf Baum.

Com eleições gerais em Dezembro, na Alemanha Federal, Kohl, que se mostra cada vez mais triunfante conforme se aproxima a unidade, não parece afectado pelas críticas que o rodeiam, tendo afirmado ontem à noite: «Sei que vai ser muito difícil para a coligação. Sei onde posso fazer compromissos e onde não posso.»

Redação "DL"/ Lusa/AFP

Burburinho na ilha de Fidel

Manifestantes protestam contra reunião de activistas dos direitos humanos

Duas centenas de trabalhadores, donas de casa e crianças com bandeiras cubanas cercaram ontem uma casa nos arredores de Havana em que estavam reunidos proeminentes activistas dos direitos humanos.

O aglomerado foi, segundo um dos presentes, despoletado quando se espalhou a notícia de que se encontravam na residência «pessoas que são contra a revolução».

Entre as personalidades reunidas no interior do edifício estavam o vice-presidente da Comissão Cubana dos Direitos Humanos, Sebastian Arcos e o secretário executivo do Partido Cubano dos Direitos Humanos, Samuel Martinez Lara.

Em telefonema para a agência Reuter, Samuel Lara disse que os manifestantes foram transportados para o local em camiões, apedrejaram a residência e destruiram uma porta.

Os manifestantes argumentaram que não fizeram qualquer tentativa para entrar na residência, embora impedissem os jornalistas de falar com as personalidades que se encontravam no interior. Por outro lado desmentiram que tenham apedrejado o edifício e afirmaram terem sido provocados pelos activistas da casa com gritos de «abaixo Fidel».

O incidente ocorre uma semana após o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Oscar Oramas, ter acusado em Genebra os diplomatas dos EUA de efectuarem uma campanha contra Cuba no interior da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas.

A delegação norte-americana em Genebra apresentou uma resolução pela qual mostrou a sua consternação com notícias de que o Governo de Fidel agrediu, deteve e puniu cubanos que prestaram declarações a uma comissão dos direitos humanos da ONU, que visitou o país em Setembro de 1988.

O vice-ministro cubano dos Negócios Estrangeiros criticou a iniciativa norte-americana, qualificando-a como «um truque para viabilizar uma interferência intolerável» nas questões internas cubanas e um «ataque» contra o país.

Paralelamente aos episódios em Havana, cerca de 150 órgãos de comunicação social americanos iniciaram ontem um ciclo de três dias de sessões em Manágua para analisar a liberdade de Imprensa no continente, onde Cuba é acusada de restringir fortemente o direito de expressão.

E a questão dos direitos humanos na ilha de Fidel foi de novo abordada, desta vez numa intervenção de Roberto Fabricio, do «News Sun» da Florida, que centrou o seu trabalho nas condições de detenção de três cubanos por terem concedido entrevistas a jornalistas estrangeiros.

Também ontem, em Washington, o vice-presidente dos EUA, Dan Quayle, mostrou, numa convenção de veteranos norte-americanos, a sua perplexidade com a intransigência de Fidel Castro em estabelecer reformas no país e comentou que falta saber «quanto tempo Cuba conseguirá permanecer isolada e resistir ao vento de liberdade que sopra tanto na região como no mundo inteiro».

Lusa/Reuter

BREVES

Governo israelita à beira da ruptura

A coligação governamental israelita, formada pelos conservadores do Likud e o Partido Trabalhista, está à beira da ruptura. Após uma reunião de cinco horas entre os dois, que terminou à meia-noite de ontem, o Likud decidiu não abrir mão da imposição de condições para negociar com os palestinianos, sobretudo as que dizem respeito ao estatuto de Jerusalém .Os trabalhistas reagiram já , com o ministro das Finanças, Shimon Peres,a afirmar que «de agora em diante, tem que se procurar uma alternativa ao Governo de união nacional que possa permitir o desenvolvimento do processo de paz».

O grande ponto de discórdia entre os dois principais partidos israelitas é a aceitação ou não do direito a voto dos 140 mil palestinianos que habitam na zona leste de Jerúsalem e que possuem cidadania jordana. Segundo o primeiro-ministro e chefe do Likud, Yitzhak Shamir, a participão dos palestinianos de Jerusalém-Leste significaria «uma nova divisão da capital eterna do Estado de Israel». O Likud também exige dos trabalhistas que não deixem participar das negociações - previstas no plano de paz elaborado pelo Secretário de Estado norte-americano, James Baker - palestinianos que pertençam à OLP. Esta última exigência já levou o líder da organização, Yasser Arafat a perguntar hoje na Malásia, onde se encontra em visita oficial

Estados Unidos saúdam eleições na URSS

O Governo norte-americano encara como «um importante e histórico passo no processo de democratização na URSS» as eleições autárquicas e legislativas de domingo nas federações soviéticas da Rússia, Ucrânia e Bielorússia, cujos resultados globais deverão ser hoje divulgados. Os resultados já conhecidos, e que ontem divulgámos, dão uma vitória significativa aos reformistas, o que significa um reforço às mudanças na União Soviética. As três repúblicas correspondem a mais de 80 por cento do território soviético e a mais de dois terços dos cerca de 290 milhões de habitantes da URSS. Realçando que as eleições ainda não foram multipartidárias, o porta-voz do Departamento de Estado norte-americano sublinhou no entanto que houve mesmo assim a oportunidade de os eleitores poderem efectuar "uma clara escolha de candidatos e ideologia".

Redacção "DL"/Lusa/AFP

Laurent Fabius, o «pequeno príncipe» como já lhe chamam (pensando no «rei» Mitterrand) alcançou, embora por pequena margem, a vitória nas eleições do Partido Socialista francês, que precedem o próximo congresso de Rennes

Fabius parte com vantagem

Do nosso correspondente em Paris

Laurent Fabius, o jovem presidente da Assembleia Nacional francesa e ex-primeiro-ministro, saiu vitorioso das eleições internas do Partido Socialista ao recolher cerca de 29,72 por cento dos votos das federações socialistas, para o congresso de Rennes, um pouco mais do que o total atingido (29,51) pela moção apoiada pelo actual primeiro secretário do partido, Pierre Mauroy, e o ex-primeiro-secretário do partido, e hoje ministro de Estado, Lionel Jospin. A moção defendida pelo actual primeiro-ministro Michel Rocard recolheu cerca de 24 por cento dos sufrágios, 4 por cento a menos do que no último congresso, em Toulouse, em 1985.

Apesar de os socialistas de Paris e região circundante, que representam cerca de 10 por cento do total de mandatos, ainda não se terem pronunciado, é pouco provável que os resultados obtidos até agora sofram alteração substancial no próximo fim de semana, quando os socialistas parisienses irão às urnas.

Ao recusar «in fine» a proposta de síntese, que a direcção do partido lhe apresentara em Janeiro deste ano, para optar definitivamente por uma estratégia de confronto com a actual direcção, que se reclama também do mitterrandismo, Fabius escolheu o caminho mais difícil.

Fabius, o "pequeno príncipe"

Acusação de populismo

A vitória de agora foi o apogeu de quatro anos de trabalho político junto às federações do partido, e de oito meses de debate e campanha que nem sempre respeitaram as regras tácitas da luta intra-partidária.

Em nome da renovação e dinamização do partido, Fabius conseguiu reunir atrás da sua moção muitos nomes de peso do Partido Socialista, e milhares de «torcedores», e não «militantes», como aponta a crítica dos adeptos da moção Mauroy-Jospin, segundo os quais Fabius estaria a encaminhar o partido para uma via «populista, à imagem do partido democrata americano». Se antes do próximo fim de semana a actual direcção, que acreditou poder chegar chegar em primeiro lugar e afirmou privilegiar a união dos mitterrandistas de que Fabius fazia parte, ameaça agora associar-se até aos rocardianos e a outras pequenas listas, para isolar Fabius na minoria do partido. Mas qualquer que seja o resultado final dos acordos, que se desenharão entre o final das eleições e o encerramento do congresso, dia 18 de Março, a verdade é que a vitória do «rebelde» Fabius retrata e antecipa o método, o estilo e a raiva de vencer, que as instituições francesas impõem a todo o candidato à Presidência da República.

Contando com o apoio tácito de Mitterrand, Fabius, mesmo que não consiga ser eleito primeiro-secretário do partido ganhou a melhor pista para a corrida à sucessão do pai do socialismo francês. Apesar de Michel Rocard ser o preferido dos eleitores, o próprio percurso de Mitterrand prova que, para ganhar uma eleição presidencial, é essencial o controlo da máquina do partido. «Foi o coroamento do pequeno príncipe», como disse um socialista adversário de Fabius.

Pedro de Souza

Crise económica agudiza-se na Argentina

Carlos Menem cede aos militares

A Argentina corre o risco de se tornar nos próximos meses ingovernável. As recentes medidas anunciados pelo Governo de Carlos Menem para a redução das despesas públicas foram sentidas, em Buenos Aires, como o pronúncio do agravamento da crise económica temido há já algum tempo. A instabilidade interna no país aumenta e a decisão de Menem de flexibilizar o posicionamento do seu Governo face aos militares está a ser interpretada como uma cedência para evitar o pior.

Antonio Herman Gonzalez, ministro argentino da Economia anunciou, no passado domingo, um conjunto de medidas para conterem a hiperinflação. Entre as medidas preconizadas pelo ministro da economia, o Governo irá proceder à reforma compulsiva de parte dos funcionários públicos, o aumento dos impostos sobre as exportações agrícolas, a contenção das despesas públicas em cerca de 2 milhões de dólares, bem como a eliminação de alguns departamentos estatais.

Este conjunto de medidas anunciadas pelo Governo argentino representa o culminar do desencanto dos eleitores de Menem. As esperanças depositadas na época de ouro do peronismo esboroa-se, reduzindo a margem de manobra do Presidente argentino. A sete meses das eleições que o levaram ao poder, Menem encontra-se numa situação considerada quase indefensável pela opinião pública argentina: amnistiou os militares, restabeleceu relações com Londres, esqueceu a questão das Malvinas, e a corrupção grassa a vida económica do país.

Por seu lado, os antigos veteranos da guerra das Malvinas - os «carapintadas» - movimentam-se no interior do país arrastando consigo a população.

«Bordaberrização»

Entre eles duas figuras assumem uma posição destacada: Mohamed Ali Seineldin e Aldo Rico, que assumem cada vez mais o papel de verdadeiros opositores a Carlos Menem.

Os militares recusam, para já, a ideia de quaquer intervenção armada na Argentina. Numa mensagem divulgada, ontem, o Chefe de Estado Maior do Exército, Isidro Caceres, deixou bem claro que a actuação dos militares estará circunscrita ao total respeito pelo «quadro institucional» do país. No entanto, os sectores políticos argentinos mostraram-se apreensivos pela decisão do Governo de Menem em deixar a liberdade aos militares de actuarem perante «actos de extrema gravidade». Esta decisão foi, inclusivamente, considerada como uma clara «violação à Lei de Defesa», por oito deputados dissidentes do Partido Justicialista (peronista), no poder.

Embora recusando o intervencionismo no Governo argentino, os militares têm feito saber que não estão dispostos a largar mão do espaço político que tradicionalmente sempre dispuseram. Em Buenos Aires fala-se já de uma «bordaberrização» do Governo, em analogia com o antigo Presidente uruguaio, Juan Maria Bordaberry, que governou o país sob a tutela do Exército.

Numa altura em que a crise se agrava os «carapintadas» aumentam o espaço de manobra na cena política argentina

Redacção «DL»

EUA oferecem tanques ao Egipto

Por um erro técnico, de que pedimos desculpa aos nossos leitores e que tornou quase ilegível o texto que ontem publicámos sob o título em epígrafe, hoje aqui o repetimos na sua forma correcta.

Por apenas um milhão de dólares, representando os custos de transporte, o Egipto irá receber dos Estados Unidos cerca de 700 tanques M-60, que os norte-americanos têm que retirar da Europa ao abrigo de um acordo sobre desarmamento convencional, assinado nas conversações CFE de Viena. Os norte-americanos, que irão substituir estes M-60 no seu arsenal pelos mais modernos Abramsm-1, conseguiram que os egípcios aceitassem destruir por cada um dos M-60 cedidos, um tanque T-54 ou T-55, mais antigos, que foram adquiridos à União Soviética. Os EUA explicam que desta maneira evitam uma corrida quantitativa aos armamentos no Médio Oriente, mesmo se, por outro lado, se arriscam a promover uma corrida qualitativa.

Os Estados Unidos dizem que os seus aliados da NATO foram avisados desta transacção com o Egipto, a qual deve ser concluída no próximo Verão.

Oficialmente, é a primeira vez que um acordo deste tipo, ligado indirectamente às negociações Leste-Oeste de Viena, é anunciado por um dos países participantes. Mas há razões para acreditar que contratos deste género irão multiplicar-se e diversificar-se, criando um verdadeiro mercado de segunda mão com os equipamentos militares retirados progressivamente da Europa.

A troca americano-egípcia foi feita, desta vez, com tanques. Mas amanhã, ela pode incluir, nas mesmas condições, aviões de combate que deixem de estar baseados na Europa, como os F-16 norte-americanos.

Os acordos de Viena arriscam-se assim a destabilizar as regras de um mercado internacional de armamentos já desequilibrado, relançando uma competição feroz entre os países fornecedores.

Jacques Isnard -exclusivo «Le Monde»/«DL»

INTERNACIONAL

Vice-ministro dos Negócios Estrangeiros soviético ao «DL»

Autoridades de Moscovo devem garantir que os «pogroms» são impossíveis

«As autoridades israelitas aplicam uma política errada em relação aos territórios árabes ocupados; a posição da URSS é a de que a questão deve ser analisada de imediato pelo Conselho de Segurança da ONU» - este foi um dos pontos essenciais da entrevista que em seguida publicamos, concedida em exclusivo ao «DL», por intermédio da Novosti, pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Iuri Vorontsev. O dirigente soviético atacou, igualmente, as campanhas de boatos que fazem recear o rebentamento de «pogroms» e exigiu das autoridades de Moscovo maior protecção para as etnias perseguidas, entre as quais os judeus.

Mudar o estatuto dos territórios ocupados

P - Onde reside o perigo do alojamento dos judeus soviéticos nas terras árabes ocupadas? E como pode essa aposta de Shamir ser classificada em termos do Direito Internacional?

R - «O problema não se reduz ao país de onde provêm os imigrantes. Inclui evidentemente o facto de determinados círculos israelitas, e nomeadamente o primeiro-ministro Itzhak Samir, tencionarem colocá-los nos territórios árabes ocupados. Essa acção tem por objectivo criar, com a ajuda de colonatos judaicos, uma situação qualitativamente nova nos territórios árabes ocupados, o que significa a alteração da composição demográfica, da estrutura organizativa e, em última análise, do estatuto desses territórios. Como efeito imediato, essa acção irá dificultar os esforços desenvolvidos para regularizar o problema do Médio Oriente.

«Os planos do Governo israelita contrariam flagrantemente as teses da IV Convenção de Genebra de 1949, sobre a defesa da população pacífica durante a guerra, cujo artigo 49 proíbe o país que ocupa territórios alheios de deslocar a sua população civil para esses territórios. A política de Israel viola também as resoluções da ONU que exigem o termo da colonização das terras árabes ocupadas.»

Consentir uma política ilegítima

P - Segundo fontes árabes, 12 mil judeus soviéticos foram alojados em 1989 na margem Ocidental do Jordão e Gaza. Como é que a URSS tenciona reagir se os líderes israelitas continuarem a aplicar essa política?

R - «Essas estatísticas não correspondem à realidade. Segundo dados israelitas, 12.795 judeus soviéticos instalaram-se no ano passado em Israel, dos quais só uma parte insignificante se fixou na margem Ocidental e na faixa de Gaza.

«O problema não se limita à percentagem dos imigrantes entre os territórios ocupados. O mais importante é a tendência que se verifica na política do Governo israelita.

«Apresentámos um memorando ao Governo de Israel a respeito das suas intenções de colocar os imigrantes, e nomeadamente os vindos da URSS, nos territórios árabes ocupados. A parte israelita respondeu-nos que "ninguém obriga os imigrantes a viver nos territórios árabes" e que estes, aliás como os cidadãos de Israel, são livres de escolher o seu local de residência. Essa resposta leva a concluir que as autoridades israelitas consentem a aplicação de uma política ilegítima relativamente aos territórios árabes ocupados.

Iuri Vorontsev

«A posição do Governo soviético está exposta na declaração do Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS, divulgada em 10 de Fevereiro último. Consideramos que a presente situação merece a atenção imediata do Conselho de Segurança da ONU. Esperamos que essa atenção lhe seja dispensada.»

P - A que se deve o aumento da emigração judaica da URSS registado nos últimos tempos?

R -«A nossa política no âmbito da emigração está a ser humanizada e democratizada. Foram abolidas as restrições à saída da URSS e a respectiva legislação está sendo adequada às normas jurídicas internacionais existentes nesse campo. O Soviete Supremo da URSS deverá aprovar proximamente uma nova lei de emigração e imigração que corresponderá inteiramente aos nossos compromissos internacionais.

«As dinâmicas da emigração são influenciadas, sem dúvida, pelos problemas internos da URSS, que durante longos anos estiveram sem solução. Entre estes o mais complexo e agudo é o das relações entre as etnias. Infelizmente, no nosso país existem forças interessadas em desviar a energia das massas para a busca de culpados, de bodes expiatórios, entre representantes de outros povos e etnias e envenenar, assim, as relações interétnicas.

Integram-se no mesmo contexto as especulações provocatórias sobre o aumento do antisemitismo e a iminência de "pogroms" contra os judeus. Esses boatos têm por objectivo meter medo e criar a insegurança nos soviéticos, empurrando certas camadas da população no sentido de deixarem a URSS.

Os organismos do Ministério do Interior devem trabalhar mais activamente para que os cidadãos se sintam protegidos e seguros de que os "pogroms" são impossíveis. É também necessário denunciar os autores desses boatos.»

Exclusivo «DL»/Novosti

Nas aldeias do Camboja

Crianças são raptadas para combater

Crianças armadas são uma aberração comum entre as forças guerrilheiras da guerra civil no Camboja. Rapazes desde os 12 anos são raptados das suas aldeias e forçados a agir como guardas de redutos, «semeadores» de minas ou até combatentes. Numa prisão recolheram-se depoimentos destas vítimas de um conflito a que são alheias. Dez crianças entre os 12 e os 15 anos marcharam nas suas fatiotas castanho-escuras pela estrada que os levaria ao centro de recepção de uma prisão em Phnom Penh. Eram as últimas vítimas da guerra civil do Camboja.

Três facções guerrilheiras sob a liderança nominal do príncipe Norodom Sihanouk combatem o exército cambojano do governo vietnamita de Hun Sen. São os temíveis Khmer Vermelhos; a Frente de Libertação Nacional de Khmer, a organização não-comunista liderada pelo anterior primeiro-ministro, Son Sann; e as forças do príncipe Sihanouks, o ANS.

Encontrámos 50 jovens prisioneiros de guerra detidos pelo Ministério de Correcção. Oferecemos cigarros aos rapazes que logo os guardaram nervosamente. A maioria guardou-os no bolso para, disseram, «vender mais tarde». Não mostraram sinais evidentes de maus-tratos, embora todos estivessem bastante tensos. Provinham das zonas de combate de Siemreap e Battambang.

No Camboja, crianças como estas são raptadas para combater

A maioria rendeu-se no ano passado às forças dos Phom Phenh, em Phon Srok, a 50 quilómetros dos quartéis governamentais, em Sisophon, após uma batalha entre as guerrilhas e os soldados do Governo.

O mais novo dos prisioneiros, Neth Sarith, de 12 anos, foi capturado pelos soldados de Sihanouk que o prenderam juntamente com mais dez rapazes. Forçaram-nos a transportar munições para a frente de combate e a armazená-las. O comandante várias vezes agrediu este pequeno e ameaçou que lhe mataria a família se tentasse escapar.

Chay Beay, de 13 anos, também foi capturado pelos soldados do ANS juntamente com outros 12 rapazes. Igualmente foi obrigado a transportar munições e a armazená-las na aldeia de Don Chil para os soldados as utilizarem mais tarde.

Depois deram-lhe uma arma que não sabia usar e levaram-no para a frente. Acabaram por usá-lo para carregar metralhadoras e «semear» minas. Igualmente foi agredido pelo comandante tal como recebeu ameaças de morte se tentasse escapar. Perdeu os pais durante o regime de Pol Port e agora tem apenas uma tia. Rep Siv, de 14 anos, foi forçado a juntar-se às tropas de Sihanouk. Mandaram-no para a frente de batalha, mas recusou-se a falar sobre o que fez.

De acordo com oficiais dos campos de refugiados de Khmer, a utilização de criánças nas frentes de combate é prática corrente. Nos campos dos Khmer Vermelhos, todos os rapazes com mais de dez anos possuem uma arma e sabem usá-la. Um oficial explica a lógica: «todas as pessoas deste campo fazem parte da resistência - homens, mulheres e crianças - e se alguns civis morrem na sequência da luta, pagam o preço necessário para apoiar a nossa causa». Um pai que perdeu o seu filho de seis anos quando este pisou uma mina no caminho para a escola disse: «Os Pol Pot mataram a minha mulher e os meus cinco filhos. Agora os Khmer Vermelhos mataram o único filho que me restava. Será que esta chacina não tem fim»?

Larry Jagan
Exclusivo DL/Serviço Gemini

INTERNACIONAL

Novos elementos sobre o mistério do Boeing sul-coreano

Seis anos depois, novas descobertas vêm contrariar a versão oficial sobre o caso, revelando que outros aviões foram abatidos na ocasião

Seis anos depois, surgem novos elementos sobre o mistério do vôo KE-007 que levam certos investigadores a perguntar se o Boeing 747 sul-coreano, destruído às três horas da manhã de 1 de Setembro de 1983, foi realmente abatido por um caça soviético nas proximidades do Japão, com 269 pessoas a bordo e sem deixar sobreviventes. Os Estados Unidos, a Coreia do Sul e o Japão acusaram imediatamente os soviéticos de terem deliberadamente atingido o avião que, por erro, se tinha aventurado pelo espaço aéreo de Kamtchaka e da ilha Sakalina, quando fazia o percurso entre Anchorage (Alaska) e Tóquio. A URSS, cujas explicações e desmentidos foram confusos, foi quase unanimemente condenada e a tensão Leste-Oeste subiu bruscamente.

E se o avião foi, de facto, a vítima de uma terrível confusão numa zona onde soviéticos e americanos estavam em pé de guerra, num momento em que a tensão entre os dois era demasiado forte para permitir a razão de prevalecer? E se o avião, de facto, tivesse desaparecido a 600 quilómetros a sul do local anunciado por Washington e não tendo sido vítima de mísseis de um SU-15 soviético? É esta a tese de um antigo marinheiro e aviador francês, Michel Brun, que, em colaboração com uma fundação norte-americana e o ex-diplomata John Keppel, tenta há cinco anos desvendar o mistério do voo KE-007.

Intrigado pelas contradições do inquérito, os silêncios e as diversas incoerências das partes interessadas -incluindo soviéticos - Brun, passou a pente fino os documentos publicados, comparando ou reconstituindo os planos de voo, os horários e a velocidade dos aviões, investigando os arquivos do Parlamento japonês, indo aos locais da catástrofe, recolhendo confidências de testemunhas nipónicas e descobrindo novos elementos e muitas peças do Boeing, mas também de outros aviões, estes militares.

Vários aviões abatidos

A história pareceria rocambolesca se Brun não se tivesse cercado de numerosas provas, conseguindo atrair a atenção de especialistas americanos e de autoridades como os Senadores Kennedy e Sam Nunn, que a 4 de Janeiro último pediram esclarecimentos ao Secretário de Estado, James Baker. Por outro lado, ele conseguiu que oficiais japoneses lhe revelassem segredos de Estado, o que é notável quando se sabe da desconfiança destes em relação aos gaijin (ocidentais).

Segundo Brun, após ter deixado Anchorage, o Boeing afastou-se rapidamente da sua rota para sobrevoar a zona interdita de Kamtchaka, e depois da ilha Sakalina, mesmo declarando aos controladores aéreos que seguia o percurso normal. Erro de navegação? Impossível, responde Brun, afirmando que a tripulação não poderia deixar de aperceber-se das luzes das cidades sobrevoadas, mostrando que não se encontravam sobre o mar.

O aparelho dedicava-se a actividades de espionagem como afirma Moscovo? Difícil de dizer na ausência de provas. Mas Brun, depois de ter ouvido as comunicações de rádio soviéticas no sector - tornadas públicas pelos EUA e Japão - descobriu que, enquanto o Boeing prosseguia o seu voo, registaram-se vários combates aéreos na zona e que pelo menos três aparelhos, sem dúvida americanos, foram abatidos. Os aviões-espiões dos EUA, RC-135 (707 equipado de material eletrónico), SR-71 e EF-111A Raven (encarregados de contramedidas eletrónicas contra radares), sobrevoavam o espaço aéreo soviético, dois navios - um de espionagem e outro lança-mísseis, o Badger e o Elliott, respectivamente - encontravam-se ao largo de Vladivostok, enquanto um satélite-espião sobrevoava a região.

Engodo para radares

Voluntariamente ou não, o voo 007 - uma designação significativa - estava acompanhado por aviões encarregados de testar as capacidades defensivas e os radares soviéticos num dos sectores de maior densidade de armamento do planeta. Ele encontrava-se, segundo declarou Keppel, no seio de de «uma missão de provocação massiva, de fins políticos ou de espionagem». A menos que tenha sido utilizado, questiona Brun, como um engodo para activar os radares soviéticos.

O RC-135 teria voado próximo do Boeing assim que este atravessou a ilha Sakalina. Segundo a versão americana, assim que deixou a ilha para retomar o caminho de Narita, o aeroporto de Tóquio, o Boeing foi abatido sem nenhum aviso às 3.26 horas, nas proximidades da ilha de Moneron. É aqui que Brun dá uma versão totalmente indédita. Segundo ele, o avião prosseguiu o seu voo durante cerca de 45 minutos na direcção sul, antes de se despenhar no mar, a sul do estreito de Tsugaru, que separa as ilhas japonesas de Honshu e de Hokaido.

Em apoio à sua tese, ele traz vários elementos. A banda de escuta das comunicações do aparelho - transmitida no Parlamento japonês ao fim de 22 meses, com cortes - contém duas comunicações entre o KE-007 e os aviões coreanos KE-015 e 050, respectivamente 17 e 44 minutos DEPOIS da hora em que se calcula que o drama ocorreu. Por outro lado, Brun sublinha que os primeiros destroços foram encontrados apenas oito ou nove dias depois da queda, ao longo da costa de Hokaido e ao norte de Honshu.

Destroços de aparelhos dos EUA

Ora, segundo as cartas marítimas japonesas, as correntes nessa área são orientadas de sul para norte, o que tornaria impossível a deriva dos destroços de Sakalina na direcção sul, como o vice-almirante japonês Konomu confirmou a Brun. Por esta razão, Konomu não acredita que o avião sul-coreano tenha sido abatido perto da Sakalina. E como nenhum outro Boeing caiu naquela área, os destroços encontrados só podiam ser do voo 007.

Quais seriam então os destroços recolhidos em torno da ilha de Moneron, tanto por americanos, quanto por soviéticos e japoneses? Eles provinham, segundo Keppel e a guarda-costeira nipónica, de aparelhos «não soviéticos». Certas peças encontradas por Brun durante uma busca, estreitamente vigiada pela polícia, nas praias japonesas e junto à guarda-costeira, pertenciam claramente a aviões militares americanos, como indica a composição de algumas peças (em titânio) e inscrições em inglês noutras.

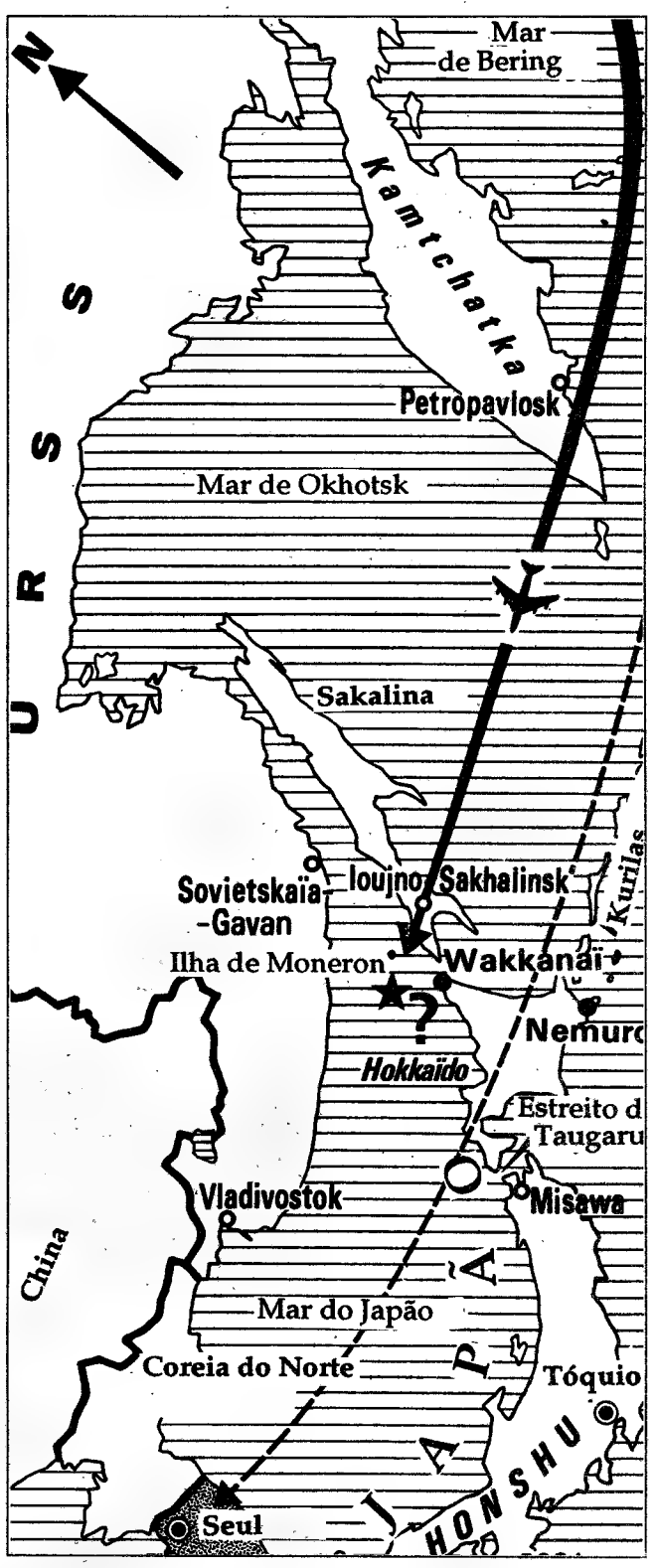
Portanto, os soviéticos reconheceram ter abatido um avião que pescadores japoneses viram cair do mar à hora e no local por eles anunciado. Para Brun, este seria um RC-135. O que teria então acontecido ao Boeing sul-coreano? Se Keppel não arrisca hipóteses, Brun avança uma teoria esperando poder sustentá-la com a análise de um destroço que lhe parece pertencer a um míssil encontrado com os restos do Boeing.

Erro de avaliação

Ele pensa que, na confusão que se seguiu ao imbróglio militar nos céus da Sakalina, os radares americanos que seguiam o voo 007 - o qual se encontrava fora do percurso normal e chegava ao espaço aéreo soviético - tomaram-no erradamente por um aparelho hostil. Temendo uma agressão soviética num período de extrema tensão e de combates aéreos, alguém tomou a iniciativa -talvez um navio - de abater o Boeing. Um erro de avaliação semelhante ao que custou a vida aos passageiros do Airbus iraniano destruído pelo navio americano Vincennes no Golfo Pérsico. Tudo o que foi feito a seguir destinou-se a «cobrir» o incidente.

Muitas questões ficam por responder, uma das quais diz respeito às circunstâncias exactas da destruição do avião: não poderia ter sido vítima retardada das avarias causadas por um caça soviético? Que pensar da reacção de Moscovo que, sempre desmentindo ter abatido o Boeing, jamais forneceu uma versão completa dos acontecimentos. Pode-se perguntar, por outro lado, se o drama , que poderia ter-se tornado num *casus belli*, não revelou a gritante falta de fiabilidade dos sistemas de radar, tanto americanos quanto soviéticos. Numa zona de tanta importância estratégica, nenhum dos dois sistemas conseguiu, aparentemente, ser capaz de identificar e seguir com precisão um aparelho civil que se encontra entre os aviões de maior tamanho existente. O que também não é tranquilizador.

Patrice de Beer
Exclusivo «Le Monde»
«DL» - *trad. e adapt. D.C.*



CONVOCATÓRIA

Nos termos legais e dos estatutos, convoco a Assembleia Geral ordinária da PDE — PROJECTOS E DESENVOLVIMENTOS DE EMPRESAS, S.A., sociedade anónima, contribuinte n.º 502 158 433, com sede na Avenida 5 de Outubro, n.º 10, Sala 7 — 1000 LISBOA, com o capital social de Esc. 5 500 000$00 integralmente realizado, matriculado na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa (3.ª) Secção, sob o n.º 701, para o dia 31 de Março de 1990 pelas 10h00.

Consta da Ordem de Trabalhos:

— Discussão, modificação ou aprovação do Balanço de Contas referentes ao exercício de 1989 e Relatório dos Conselhos de Administração, Revisor Oficial de Contas, bem como a respectiva proposta de aplicação dos resultados.

— Proposta para alteração do artigo 2.º do pacto social. Mudança de sede.

— Proposta sob renumeração do Conselho de Administração.

— Análise da situação da Empresa e deliberação sobre o seu futuro.

A Assembleia Geral terá lugar na Avenida do Brasil, n.º 88 — 7.º Esquerdo, em Lisboa.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Manuel Tavares Nunes

QUOTIDIANO

Maquinistas da CP voltam a parar

Maquinistas da CP, controladores aéreos, pilotos da Lar e trabalhadores dos portos e barras anunciam novas greves, enquanto esta tarde deverá tomar forma a nova federação independente de sindicatos dos transportes.

O Sindicato dos Maquinistas da CP entrega hoje um pré-aviso de greve para vigorar das zero horas do dia 12 até às 24 horas de dia 21. As paralisações continuarão a ser parciais, mas desta vez de quatro horas e meia, cumpridas duas no início de turno e as restantes no final, afirmou ou «DL» Alberto Borges, acrescentando que não se farão comboios Alfa nem Inter-Cidades. Depois de requisitados civilmente pelo Governo, os controladores de tráfego aéreo decidem esta tarde novas formas de luta ainda para este mês, sendo a hipótese mais provável o cumprimento de paralisações diárias parciais, afirmou João Franca, dirigente do sindicato da classe.

Segundo aquele sindicalista, as greves parciais serão mais prolongadas do que a prevista paralisação de cinco dias, que não chegou a realizar-se devido à requisição civil decretada para o período de 13 a 28 de Fevereiro. O pré-aviso de greve deverá ser entregue ainda esta semana. Com greves já agendadas estão os pilotos da aviação civil que fazem serviço nas Linhas Aéreas Regionais-LAR (dias 12 e 16) e os polotos dos portos e barras, que de 12 a 23 deste mês apenas cumprem os serviços mínimos.

O Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil (SPAC) «viu-se forçado a esta medida por o Conselho de Gerência ter recusado rever a tabela salarial e aplicar o seguro contratual», afirma em comunicado.

Por sua vez, o Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado, estrutura que representa os pilotos dos portos, explica a nova greve da classe pelo facto do Governo «ter fixado unilateralmente e discriminatoriamente» as suas remunerações.

Entretanto, realiza-se esta tarde a reunião de sindicatos dos transportes dos sectores aéreo, marítimo, rodoviário e ferroviário, com o objectivo de criar uma federação independente, tal como o «DL» noticiou em primeira mão. O primeiro ponto negativo aparece já, com a não participação do Sindicato dos Maquinistas, segundo afirmou ao «DL» Alberto Borges. António Medeiros, daquela estrutura, tinha já sido apontado para ser o presidente da nova Federação.

Centenas de camionistas dos TIR bloquearam o terminal de Alverca, exigindo um compromisso escrito que possibilite o normal funcionamento dos serviços. E fazem acusações de corrupção...

Daqui ninguém nos tira!

Os motoristas dos TIR arregaçaram as mangas e apesar do frio intenso uniram-se, em Alverca, em torno de uma só palavra: basta! Basta de burocracia alfandegária, basta de falta de condições de trabalho, basta de serem as principais vítimas de um sistema obsoleto que prejudica enormemente *toda a gente*, como eles próprios afirmam. Dos patrões, aos transitários, passando, também pelas suas famílias que se privam de visitar por se ter institucionalizado o princípio de que eles podem esperar sempre.

Alguns dos camiões que esperam a vez para entrar no terminal de Alverca transportam cargas explosivas

E não estiveram com meias medidas. Ontem, cerca das 17 e 30 bloquearam o terminal de Alverca que se encontra superlotado. Como afirmaram, esta manhã, à nossa reportagem, só deixam o local depois de garantias «por escrito» de que o problema vai ser resolvido.

Uma longa fila de camiões pesados, transportando todo o tipo de cargas, incluíndo algumas explosivas, acumula-se, assim, à entrada do terminal impedindo a entrada ou saída de qualquer veículo.

A GNR está no local mas não interferiu até ao momento. Limita-se a controlar o trânsito na zona onde reina, aliás, a maior calma. Esta manhã, enquanto nos diziam que em países como a RFA ou a Holanda as operações de despacho se fazem em menos de uma hora, apontando a dedo e no «gozo» os funcionários alfandegários que chegavam atrasados, os camionistas - de diferentes nacionalidades - mantinham-se tranquilos.

Ausência de diálogo

Até às dez horas ainda não tinha havido qualquer diálogo entre os motoristas e os responsáveis da alfândega e da TER-TIR, a empresa privada que explora o complexo.

Os homens da estrada querem ver respeitados os seus direitos e gostavam que «Portugal fosse como os outros países europeus». Afirmam (e aceitam que registemos os seus nomes) que no meio de tudo isto também há corrupção. «Todos sabemos, vamos esconder para quê, que os transitários metem umas notas entre os papéis quando é preciso fazer andar mais depressa um carro», acrescentam.

Os funcionários alfandegários rejeitam em absoluto estas afirmações, classificando-as de caluniosas, embora admitam que haja sempre excepções. Sobre o que se passa em Alverca, as suas opiniões são comuns: «o problema é do Governo e da Assembleia da República, eles que mudem os regulamentos a que estamos sujeitos e que levam, de facto, a um despacho moroso».

Os alfandegários dizem ainda que a actual situação é consequência das greves do sector, realizadas recentemente em Espanha e Portugal e que conduzem à actual situação de estrangulamento.

Também eles procuram um outro responsável pelo que se está a passar. «A TER-TIR - afirmam - devia ter aberto o parque TIF porque os outros estão cheios e não o fez, talvez por isso tenha sucedido tudo isto».

Raul Esteves, o Chefe dos Serviços Administrativos dessa empresa foi, esta manhã, o homem mais irritado que encontramos em Alverca. «Não faço declarações, não falo para jornais, já disse..!», quase aos berros.

Os camionistas, esses, permaneciam diante do portão à espera de garantias, garantias «por escrito», de que o problema se vai resolver de uma vez por todas. Como dizem, saímos todos prejudicados...

P.A.

Linhó transfere presos depois de motim

O director-geral dos Serviços Presionais, Fernando Duarte, ordenou a transferência de 16 reclusos da cadeia do Linhó, na sequência de um motim ali ocorrido no passado domingo.

Fernando Duarte disse que a ordem surgiu na sequência de um assalto que vários presos fizeram à farmácia, após o qual se recusaram a ser fechados.

Os presos, na sua maioria jovens, roubaram comprimidos e envolveram-se em rixas, acrescentou o director.

Para Fernando Duarte a transferência dos 16 presos poderá ser temporária ou definitiva, dependendo do seu comportamento.

«A idade dos presos transferidos oscila entre os 20 e os 30 anos e não estão sujeitos a penas grandes, mas não posso consentir na indisciplina», frisou Fernando Duarte.

O motim provocou a suspensão das visitas no último domingo. Prova disso foi o impedimento ao pai de um preso no Linhó de fazer a sua habitual visita ao filho.

Família desalojada Quando se trata de promessas de habitação, todo o cuidado é pouco. Vítima de alegada falta de palavra, esta família foi objecto de uma acção de despejo por ocupar uma casa que, legalmente, não lhe pertence. A dona da vivenda Vila Miradouro, no Estoril, decidiu ir para os Açores, vender a vivenda e prometeu ao caseiro e à sua família, que a ocupavam, arranjar-lhes uma casa. A citada promessa não se concretizou. Agora, a família vive na rua, frente ao campo de ténis do Estoril, onde os seus membros acamparam.

Mau tempo ocasiona corte de energia

Lisboa ficou ontem sem energia eléctrica, durante cerca de 15 minutos, devido a avaria provocada pelo mau tempo, informou a EDP.

A falta de energia, que se verificou entre as 11.57 horas e as 12.10, obrigou o Metropolitano a parar e desligou os semáforos da cidade, afectando os utentes da zonas da Baixa, Marquês de Pombal, Amoreiras, Boavista e Restelo.

Lotaria Popular

1º - 368853	3 000 000$00
2º - 311588	750 000$00
3º - 270642	500 000$00
4º - 224341	250 000$00
Terminações em 8853	85 000$00
Terminações em 853	60 000$00
Terminações em 588	15 000$00
Terminações em 642	4 000$00
Terminações em 341	1 500$00
Terminações em 00,02,20,82,86 e 92	500$00

BREVES

Primeiro-ministro visita hospital de Almada

Cavaco Silva visitou ontem o Hospital Distrital Garcia de Orta, em Almada, que deverá estar concluído em 1991 e vai servir também as populações do Seixal e Sesimbra, num total de 300 mil pessoas. Com um investimento que ronda os 300 mil contos, fica situado junto dos acessos à ponte sobre o Tejo.

Maria Barroso entrega verbas do bazar do Natal

A mulher do Presidente da República, Maria Barroso, entregou hoje as verbas do bazar de Natal dos diplomatas acreditados em Portugal, num montante superior 17 mil contos. A verba foi distribuída em cerimónia no Palácio de Belém a representantes da Fundação Cecília Zino, da Madeira; da Confederação de S. Vicente de Paula, dos Açores; do Movimento de Emergência Infantil, do Algarve e da Associação de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental, de Viana do Castelo.

Auditório municipal na Ilha de S. Jorge

O concelho de Velas, na ilha de São Jorge, vai ter um auditório municipal, cujo projecto prevê o aproveitamento de um forte onde funcionaram a central eléctrica e um matadouro. Como anexo está também prevista uma sala de espectáculos com capacidade para 100 a 150 espectadores, um palco e camarins.

Grande Porto dá passo para distribuição de gás

As câmaras municipais da área metropolitana do Porto assinaram, nos Paços do Concelho portuense, o protocolo para distribuição de gás na região.O projecto, que abrange os concelhos do Porto, Gondomar, Gaia, Espinho, Matosinhos, Vila do Conde, Maia, Valongo e Póvoa do Varzim, envolve um investimento de nove milhões de contos.

QUOTIDIANO

Bagão Félix anuncia programas operacionais

A criação de emprego para as mulheres vai ser impulsionada através de uma iniciativa envolvendo 3,8 milhões de contos, comparticipada pelas Comunidades Europeias

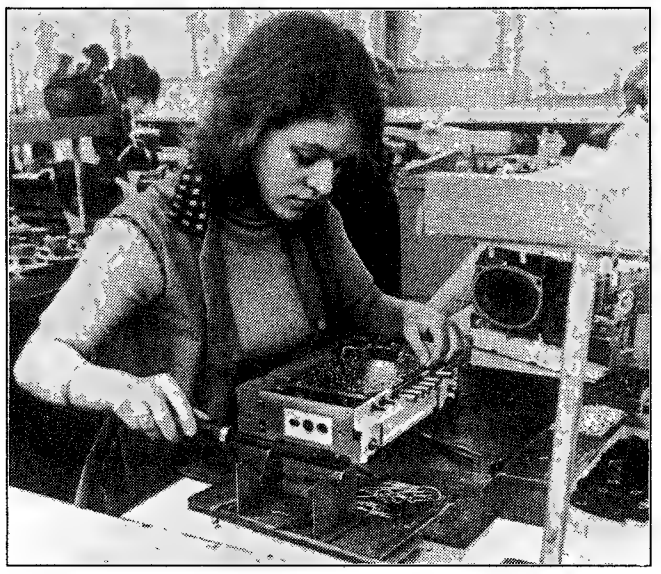
O secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional, Bagão Félix, anunciou esta manhã dois programas operacionais para iNcentivar o emprego feminino. Falando em Lisboa na reunião plenária da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE), o secretário de Estado referiu a situação do emprego feminino e os novos programas de emprego e formação profissional relativo às mulheres, acabados de aprovar pela Comissão da Comunidade Europeia

Durante o seu discurso o secretário de Estado referiu que os dois programas e visam uma melhor integração da mulher no mundo do trabalho. O primeiro destina-se a «mulheres desempregadas de longa duração (com mais de 25 anos)» e o segundo a «mulheres jovens desempregadas (com menos de 25 anos)».

Quanto ao primeiro, Bagão Félix disse que os seus objectivos específicos consistem na «inserção profissional e social de mulheres de grupos desfavorecidos, reinserção profissional de mulheres, diversificação das escolhas profissionais das mulheres e criação de empresas por mulheres». Este programa operacional «pretende abranger quatro mil mulheres com mais de 25 anos e está orçado em 2,6 milhões de contos, incluindo verbas nacionais e comunitárias», acrescentou Bagão Félix.

Em relação ao programa operacional para jovens desempregadas, os seus objectivos são «a inserção profissional e social de jovens de grupos desfavorecidos, a diversificação das escolhas profissionais dos jovens e a criação de empresas por mulheres jovens». Este programa destina-se a cerca de 2500 mulheres e está orçado em cerca de 1,2 milhões de contos, incluindo, igualmente, verbas nacionais e comunitárias.

«A sensibilização das jovens a um leque alargado de profissões que visam a inserção da mulher em áreas onde está sub-representada», a possibilidade das mulheres «criarem e gerirem empresas, que visem desenvolver e apoiar as iniciativas de actividades independentes» e a «concessão de um incentivo financeiro suplementar», foram algumas das principais medidas comuns aos dois programas salientadas por Bagão Félix.



Apesar da criação de novos postos de trabalho, a taxa de desemprego feminino continua mais elevada do que a masculina

Nesta reunião do CITE o secretário de Estado disse ainda que «no nosso País, a situação da mulher no mercado de emprego tem acompanhado a clara melhoria registada a nível geral, nos últimos anos».

«Porém a taxa de desemprego feminino continua ainda mais elevada do que a masculina, como acontece, aliás, em todos os países da CEE», acrescentou aquele dirigente político.

Às terças-feiras

JL jornal de letras, artes e ideias

400

Colaboração de António Ramos Rosa, David Mourão-Ferreira, Eduardo Lourenço, João de Melo, José Saramago, Vergílio Ferreira, A. Campos Matos, Manuel Ferreira e Lima de Freitas, entre outros • Um texto de Mário Soares • Crónicas de Angola, Brasil, Cabo Verde e Moçambique • Cartas inéditas de Oliveira Martins • Capa de João Abel Manta

***Não perca o seu* «Jornal de Letras»**

Boa legislação e fraca exigência

Consumidor português é pouco combativo

Os portugueses são pouco combativos em defesa dos seus direitos de consumidores, revela um estudo oficial.

Da autoria de Isabel Meneses Cascão, o mesmo trabalho assinala ainda como traços dominantes do consumidor português as preocupações de economia, a fidelidade a estabelecimentos e marcas e a preferência pelo pronto pagamento.

Outra conclusão aponta para um descontentamento mais generalizado em relação à prestação de serviços do que ao comércio.

De facto, cerca de 50 por cento dos inquiridos afirmou-se com razões de queixa sobre serviços utilizados no ano precedente, enquanto apenas 25 por cento destacou a compra de produtos no mesmo período. Entre estes, os mais mencionados foram os alimentares.

Complementarmente ao estudo em referência, Lucas Estevão, responsável pela entidade que o promoveu, o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC), disse à agência Lusa que são ali recebidas em média 400 reclamações por mês, a maior parte através da «Linha Azul» criada para o efeito há seis anos.

Segundo a mesma fonte, a adesão à CEE impulsionou consideravelmente o movimento associativo dos consumidores portugueses, sendo agora seis as organizações privadas que se ocupam da sua defesa.

Dispõem também de 19 centros de esclarecimento e informação, cuja manutenção implica cerca de quinze mil contos anuais de apoio. Tal não obstará, porém, a que o movimento associativo dos consumidores portugueses fique muito atrás do dos países do norte da Europa.

Lucas Estevão enalteceu a legislação de que dispomos neste campo, lembrando que o nosso País é, com a Espanha, o único da Europa que consagra a defesa do consumidor na Constituição, mas lamentou a falta de «espírito crítico» do português face aos objectos de consumo.

A baixa exigência do consumidor português, em comparação com o dos outros países comunitários, é reconhecida por Lucas Estevão, que a atribui a deficiências culturais, lembrando a elevada taxa portuguesa de analfabetismo.

Um reparo aos resultados do inquérito de Isabel Cascão é o de que poucas vezes as queixas relativas a produtos alimentares, dados os reduzidos valores em causa, chegam à fase de processo. A maioria das vezes, tais casos são resolvidos por contacto do INDC com o acusado na reclamação.

Caso a diligência não resulte, o processo transita para o Centro de Arbitragem de Consumo, constituido por um juiz nomeado pelo Ministério da Justiça e uma comissão integrando um representante da Câmara Municipal de Lisboa, outro da Associação de Defesa do Consumidor e outro da União dos Comerciantes de Lisboa.

Entre os serviços contra os quais se registam mais reclamações salientam-se a assistência médica, o fornecimento de electricidade e os transportes, à frente de restaurantes, telefones e abastecimento de água.

O perfil do consumidor português deduzível desta investigação apresenta ainda uma especial atenção relativamente a preço, conta e troco, em contraste com a subestimação de aspectos como rótulo e peso.

Redacção DL / Lusa

QUOTIDIANO

Associativismo comunitário relançado em Setúbal

A Rede para o Desenvolvimento, Associativismo e Participação (REDAP) vai apresentar ainda este ano um plano de desenvolvimento a nível nacional com vista a recuperar zonas degradadas. A decisão foi tomada durante as II Jornadas realizadas por esta associação, em Setúbal, de quinta-feira a sábado.

O projecto tem por objectivo «levar as populações a participarem e a ultrapassarem as suas situações de exclusão a nível escolar, da saúde, da formação profissional, da segurança social» disse ao DL Mário Pereira, presidente da REDAP. Uma das preocupações desta associação «diz respeito ao encontro dos técnicos e das formas que levem a intervenções articuladas nas referidas áreas».

Segundo os seus promotores, as iniciativas da REDAP, apoiadas pelas Comunidades Europeias, são justificadas pela necessidade de combater uma situação «que ainda mantém as populações na dependência de centros regionais e de outras instituições para resolver os seus problemas». Mário Pereira sublinha que «não é fácil motivar os cidadãos para uma intervenção sócio-comunitária». Nesta perspectiva, a Rede para o Desenvolvimento, Associativismo e Participação realizou já 20 programas contra a pobreza, financiados pela CEE e pela Secretaria de Estado da Segurança Social.

Mário Pereira afirmou ao DL que a REDAP «pretende ser um órgão que procura discutir, aprofundar e apoiar as técnicas e formas de intervenção social comunitária». Nas jornadas realizadas em Setúbal dois temas tiveram em destaque: «A Acção Social Comunitária no Âmbito do Associativismo» e «O Associativismo e o Poder Local». Estiveram presentes 140 entidades, entre os quais o secretário de Estado da Segurança Social, Vieira de Castro e um representante das Comunidades Europeias, Vítor Ascensão.

Foram ainda aprovados os estatutos e eleitos os órgãos dirigentes da REDAP, «uma estrutura flexível e aberta a associações, grupos ou indivíduos que intervêm no quadro do desenvolvimento comunitário e no âmbito de experiências independentes que despontam ao nível local e regional, com o propósito de lutar contra a pobreza», segundo Mário Pereira.

BREVES

Padre português assassinado no Brasil

O padre português José Rodrigues Lopes, emigrante no Brasil há 23 anos, foi assassinado à facada quando trabalhava no seu gabinete do Hospital São João de Deus, na cidade de Divinopolis, no Estado de Minas Gerais. Frei Lopes, como era conhecido, foi morto com 10 facadas por um desconhecido, que fugiu, mas foi visto por duas testemunhas do crime. A polícia admite que o assassino possa ser um dos doentes mentais que estava em tratamento com Frei Lopes.

Sindicatos do Metro assinam acordo

Os sindicatos dos trabalhadores do Metropolitano assinaram um acordo de princípio com a empresa que estipula um aumento de 12,3 por cento da tabela salarial, acrescidos de 6 100 escudos de integração de subsídios. Matos Fernandes, da direcção do SITRA, disse que foi acordado um novo reenquadramento profissional que abrangeu mais de metade dos trabalhadores.

CP investe dois milhões na Linha da Beira Alta

Cerca de 2,44 milhões de contos é a quantia que os Caminhos de Ferro Portugueses (CP) vão investir este ano no âmbito do Programa de Intervenções na Linha da Beira Alta e sua modernização. O investimento é relativo à renovação e variantes da via, obras de arte, instalações fixas de tracção eléctrica, sinalização e telecomunicações, estações e terminais. O plano de intervenção nesta via prolonga-se até 1995, prevendo-se um investimento global de 20 milhões 410 mil contos, com apoio de fundos comunitários. Aumento da segurança e conforto, fiabilidade do sistema, capacidade de transporte e produtividade, redução de custo de exploração, melhoria da oferta e maior rapidez, são alguns dos objectivos pretendidos através desta acção.

Jantar em Setúbal assinala 8 de Março

O Movimento Democrático das Mulheres (MDM) tem levado a cabo algumas iniciativas que se enquadram nos festejos do Dia Internacional da Mulher, que se comemora a 8 de Março. Em Setúbal, na quinta-feira, terá lugar um jantar convívio, no qual participará a escritora Maria Rosa Colaço. Entretanto, ontem, no Porto realizou-se um espectáculo de café-concerto, que contou com a participação da actriz Maria do Céu Guerra.

Autocarro 92 visita Sul do país

O autocarro 92, adquirido pelo gabinete da Comissão das Comunidades Europeias, em Portugal, está hoje em Alcácer do Sal, deslocando-se amanhã para Santiago do Cacém, onde permanecerá até sexta-feira. A 12 e 13 ficará em Odemira e a paragem seguinte será em Aljezur, de 14 a 16, retomando o seu percurso na semana a seguir com visitas a Lagos e Portimão. Dispondo de meios audio-visuais e de diverso material de divulgação, o autocarro 92 tem como missão sensibilizar e informar o público em geral e os estudantes em particular sobre temas comunitários.

Autarca de Arruda dos Vinhos morre depois de operação

O corpo de Manuel Policarpo Martins, presidente da Assembleia Municipal de Arruda dos Vinhos, foi a sepultar no passado domingo. Manuel Policarpo, membro do PS desde 1974, encontrava-se doente há já algum tempo. Um enfarte do miocárdio, após uma operação aos olhos, realizada numa clínica em Coimbra, esteve na origem da morte.

Transportadores condenam «aventureiros irresponsáveis»

A Associação Nacional de Transportadores Públicos Rodoviários de Mercadorias (ANTRAM) condenou «a entrada na actividade de aventureiros irresponsáveis, sem qualquer formação profissional». A posição da associação representativa dos transportadores profissionais surge na sequência do acidente verificado ao fim da tarde de quarta-feira passada, próximo da estação ferroviária de Santa Apolónia, em Lisboa, pela explosão dum contentor de mercadorias perigosas.

FORMAÇÃO EM TELEVISÃO

O CENTRO DE FORMAÇÃO DA RÁDIO RENASCENÇA
vai promover acções de

FORMAÇÃO EM TELEVISÃO

com o objectivo de criar os quadros da

TELEVISÃO DA IGREJA

INFORMAÇÕES E IMPRESSOS PARA INSCRIÇÃO:
Na sede da RR em Lisboa e nos Estúdios Regionais

DATA DE INSCRIÇÃO:
8, 9, 12 e 13 de Março de 1990

LOCAL DA INSCRIÇÃO:
Sede da RR em Lisboa ou por carta registada
(com data limite 13.03.1990)
Para:
CENTRO DE FORMAÇÃO DA RÁDIO RENASCENÇA
R.IVENS,14
1294 LISBOA CODEX

Com uma espécie de prólogo no Vale do Jamor, começa hoje o Rallye de Port
do Mundial de Rallyes. Mas para estrada os concorrentes só partem amanhã,
de centenas de milhar de espectadores ao longo de um percurso de mais de

Japoneses mais próximos da

BREVES

Auriol: Toyota ao nível da Lancia

Didier Auriol, líder do Campeonato do Mundo de Rallyes, está confiante na sua participação no Rallye de Portugal mas também consciente das difculdades que vai encontrar.

«Ganhei a primeira prova do campeonato e é sempre agradável reeditar uma vitória, mas penso que vai ser um dos rallyes mais difíceis», confidenciou ontem ao DL o piloto da Lancia.

Auriol: consolidar a liderança

«Dominámos o Monte Carlo e os outros pilotos vão esforçar-se por recuperar», acrescentou.

Dider Auriol considera boas as modificações introduzidas na estrutura do Rallye de Portugal e destaca a classificativa da Veiga, na Zona de Fafe, que considera «fantástica para o espectáculo».

Depois desta, Arganil é a que mais lhe agrada.

Entre os adversáriois mais difíceis nesta prova, Auriol refere a Toyota que considera estar neste momento ao nível da Lancia.

«Provaram-no em Monte Carlo e provaram-no no ano passado em terra, andando muitas vezes na frante. Isto prova que há concorrência e é bom para o Campeonato do Mundo».

Sainz: Lancia continua favorita

O espanhol Carlos Sainz afirma que lhe agradaria conquistar a sua primeira vitória em Portugal mas considera que «há que ser realista porque a Lancia, por enquanto, continua a ser a favorita».

Sainz: a expectativa

Em sua opinião, a eventualidade da chuva e da lama não trará quaisquer benefícios à Toyota.

«Essas condições, a única coisa que fazem é aumentar as dificuldades, não só para a Toyota como para todos», sublinha o piloto espanhol.

Sainz está contente com o carro reconhecendo que ele melhora de dia para a dia, e afirma que o mais importante é terminar a prova.

Destacou o «calor e o acolhimento» que recebeu dos portugueses quando andou a fazer o reconhecimento nas diversas zonas do país, facto que faz com que se sinta contente por correr em Portugal.

Carlos Sainz insiste no favoritismo da Lancia, admitindo no entanto que a Toyota e a Mitsubishi podem tornar-lhe as coisas difíceis.

Mas, bem no fundo, e embora com todas as reservas, o piloto espanhol não oculta a secreta esperança de poder ser esta a sua oportunidade.

Uma primeira prova especial de classificação, a disputar nos terrenos de cross do Jamor, inicia esta tarde a edição de 1990 do Rallye de Portugal. Trata-se de um percurso de 2,5 km, incluído pela primeira vez, como alternativa ao Autódromo do Estoril, que o Automóvel Clube de Portugal não quiz utilizar devido ao contencioso existente com a Autodril, entidade proprietária daquele recinto desportivo.

A chuva intensa que tem caído deixou o terreno demasiado lamacento, o que vai dificultar a tarefa dos pilotos, prejudicando também o espectáculo, visto que o andamento, nessas circunstâncias, será, evidentemente, menor.

Mas, verdadeiramente, o Rallye só começa amanhã, às 8.30, quando o concorrente nº 1, Massimo Biasion, campeão do Mundo em 1988 e 1989, partir do Estoril para a primeira etapa, que termina na Póvoa de Varzim, após um percurso de 731 km, com 12 provas especiais de classificação, num total de 187,2 km, todas disputadas em pisos de asfalto, com excepção do troço da Freita e do «prólogo» do Vale do Jamor que inicia oficialmente a prova.

A segunda etapa (Póvoa de Varzim-Póvoa de Varzim) é a mais curta de todas. Tem apenas 282,54 km e seis provas de classificação, num total de 82,2 km e é quase toda disputada em pisos de terra.

Esta etapa foi significativamente alterada em relação ao traçado de 1989. Além do encurtamento do percurso, foram eliminadas as classificativas de Arcos-Portela e de Ponte de Lima, e incluídas as da Veiga, Luílhas e santa Luzia.

É a tradicional jornada minhota, que decorre inteiramente de dia, constituindo o grande espectáculo para o público do Norte do país.

A terceira etapa, ligando a Póvoa de Varzim a Viseu, com a habitual neutralização na Régua, foi também encurtada. São dez provas de classificação (120,7 km), quase tudo em terra, num percurso total de 387,52 km.

A quarta etapa e última etapa - a segunda mais longa - com 660,29 km e dez provas de classificação num total de 177,0 km, traz os concorrrentes de Viseu ao Estoril. No meio fica a zona selectiva de Arganil, que bastantes vezes tem alterado radicalmente classificações que pareciam estabilizadas e derrotado pilotos dados como vencedores certos.

Nos últimos três anos a Lancia tem dominado por completo a prova portuguesa, com três vitórias consecutivas e os três primeiros lugares em 1987 e 1989.

Este ano, a marca italiana continua a registar a maior dose de favoritismo mas, pela primeira vez, para o justificar, vai ter que se empregar a fundo. A Toyota e a Mitsubishi têm vindo a evoluir gradualmente e são, agora, adversários a ter em conta. Isto significa que, em princípio, a edição de 1990 do Rallye de Portugal deverá ser mais competitiva e mais rica, tanto do ponto de vista desportivo como espectacular.

Toyota: o momento pode chegar

Se o mau tempo continuar, como é provável, e os pilotos forem encontrar estradas enlameadas e escorregadias, diferentes equilíbrios podem vir a estabelecer-se. Será mais difícil para todos mas, as vantagens de um melhor reconhecimento das classificativas, de um treino mais intenso e de factores diversos de ordem técnica podem diluir-se bastante e gerar situações novas.

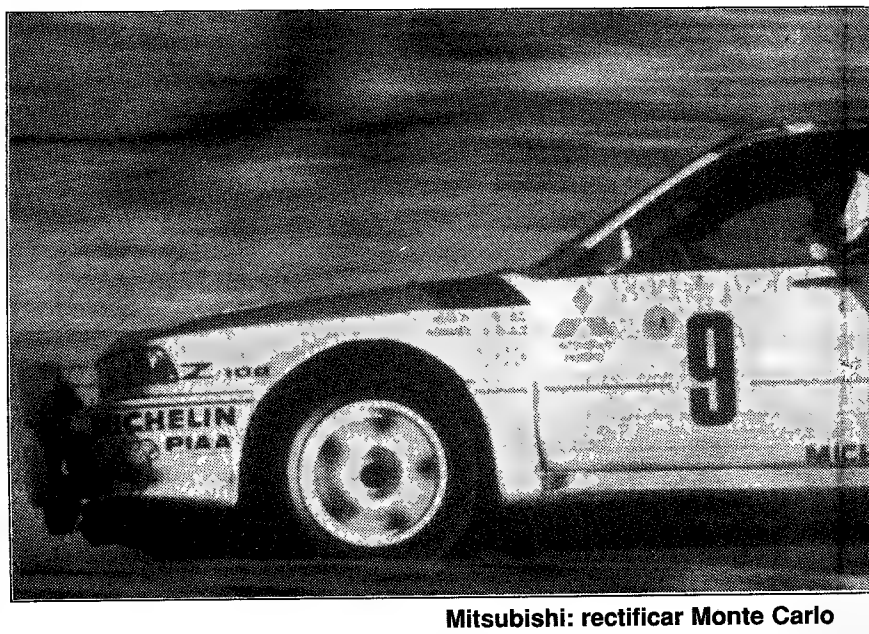
Lancia

A equipa italiana começou da melhor maneira o Rallye de Monte Carlo, primeira prova do Mundial. Está de novo em Portugal na sua máxima força, com três carros, confiados ao campeão do Mundo Massimo Biasion, ao finlandês Kankkunen e ao francês Didier Auriol. Para além disso tem ainda alguns *outsiders* inscritos pelo Jolly Club, que podem ter uma participação importante.

Será curioso ver como se vai desenvolver a estratégia da Martini Racing. Se não houver directivas contrárias, a grande luta pela vitória individual poderá começar no seio da própria equipa italiana.

Didier Auriol, vencedor em

Vatanen: o espectáculo



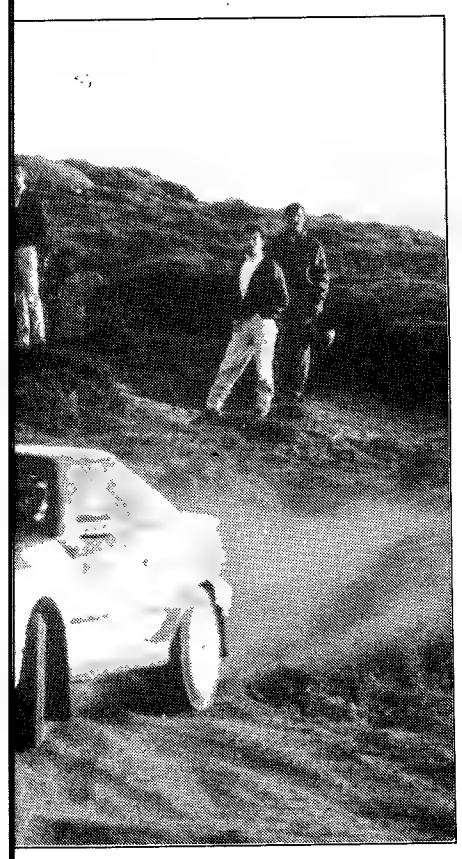
Mitsubishi: rectificar Monte Carlo

CONCESSIONÁRIOS
TOITORRES TOYOTA
Edifício Toitorres E.N. 8 — Km 43,9 — Telefs. 25171/2/3/4 — 2560 TORRES VEDRAS

Portugal, segunda prova nha, polarizando a atenção de dois mil quilómetros

da Lancia

Lancia: defender a hegemonia


egar

sua
car-
peão
sion,
e ao
Para
guns
olly
uma
.
o se
tégia
não
rias,
a in-
r no
itali-

r em

Monte Carlo, não esconde a sua ambição de ir mais longe. Afirma mesmo que, o facto de ter vencido a primeira competição do Mundial, lhe deu motivação para desejar mais e ir mais longe. Sublinha que, apesar de ter vencido, não encontrara as condições ideais para se exprimir ao máximo. Esperava neve e encontrou estradas secas. Em Portugal será diferente e admite que possa vencer.

Peo seu seu lado, Biasion e Kankkunen necessitam de ter um papel de relevo em Portugal. O finlandês terá certamente maiores dificuldades pois está ainda pouco familiarizado com o carro. Para Biasion a situação é diferente. Tem uma uma já longa relação com a máquina e conhece como poucos o Rallye de Portugal.

O cuidado posto pela Martini Racing na prova portuguesa demonstra claramente o desejo de obter uma terceira vitória consecutiva. Pilotos e mecânicos gastaram muito tempo nas zonas mais decisivas do Rallye, procurando optimizar as máquinas para um prova desgastante e cheia de imprevistos.

Toyota

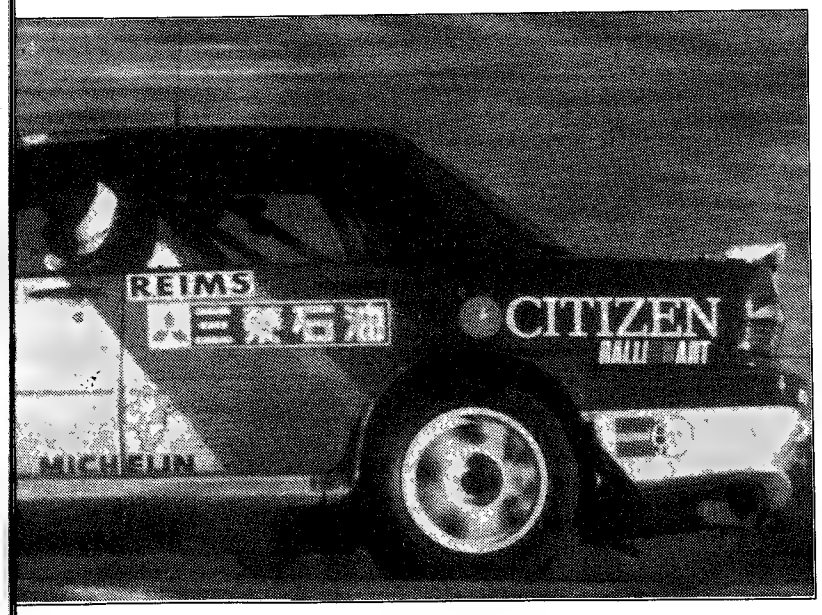
A marca japonesa parte este ano consideravelmente melhor posicionado para discutir com a Lancia a vitória. Não reune tanto favoritismo, mas também não está excluída à partida.

Para fazer frente á armada italiana dispõe de dois Toyota GT-Four, confiados ao espanhol Carlos Sainz e ao alemão Armin Schwarz. Os carros têm vindo a sofrer uma consideravel evolução e a equipa, dirigida pelo veterano Ove Anderson, está mais experiente.

A prova disso foi a excelente prestação em monte Carlo, onde o espanhol Sainz ficou a uns escassos 52 segundos da vitória, e Schwarz em quinto da geral.

Carlos Sainz vê-se, assim, projectado de repente para o primeiro plano e com toda a gente na expectativa do que poderá fazer em Portugal. Com uma primeira etapa disputada quase toda em asfalto, não é de excluir que o piloto

cont. na página 18



Carlo

Lista de inscritos

1 - M. Biasion (I)-T. Siviero (I) - Lancia Delta Int. 16 v (A)
2 - Carlos Sainz (E)-L. Moya (E) - T. Celica GT Four (A)
3 - A. Vatanen (SF)-B. Berglund (S) - Mitsubishi VR4 (A)
4 - D. Auriol (F)-B.Occelli (F) - Lancia Delta Int. 16 v (A)
5 - T.Salonen (SF)-V. Silander (SF) - Mazda 323 4WD (A)
6 - Kankkunen (SF)-Piironen (SF) - Lancia Delta 16 v (A)
7 - K. Eriksson (S)-Parmander (S) - Mitsubishi VR4 (A)
8 - Hannu Mikkola (SF)-Hertz (S) - Mazda 323 4WD (A)
9 - Cerrato (I)-Cerri (I) - Lancia Delta Int.16 v (A)
10 - De Mevius (B)-Luc Manset (B) - Mazda 323 4WD (A)
11 - Alain Oreille (F)-M. Roissard (F) - R. 5 GT Turbo (N)
12 - Recalde (RA)-Christie (RA) - Lancia D. Int. 16 v (N)
14 - G.Trelles (U)-D. Muzio (E) - Lancia Delta Int. 16 v (N)
15 - Amin Schwarz (D)-Wicha (D) - Celica GT Four (A)
16 - M. Duez (B)-A. Lopes (B) - Ford Sierra Cosworth (A)
17 - J. Santos (P)-M. Oliveira (P) - Sierra Cosworth (A)
18 - Louise-Walker (GB)-C.Thomer (S) - Kadett GSi (A)
19 - Carlos Bica (P)-F. Prata (P) - Lancia Delta Int.16 v (A)
20 - Paola De Martini (I)-Gibellini (I) - Audi Quattro (A)
21 - Baumschlager (A)-Zeltner (A) - Golf GTI 16 v (A)
22 - Fischer (A)-Zellnef (A) - Audi 200 Quattro (A)
23 - José Miguel (P)-R. Caldeira (P) - Sierra Cosworth (A)
24 - R. Holzer (D)-Wendel (D) - Lancia Delta Int.16 v (A)
25 - Soto (RA)-Del Buono (RA) - Lancia Delta Int.16 v (N)
26 - A.Coutinho (P)-C. Júnior (P) - T.Celica GT Four (A)
27 - Bento Amaral (P)-Mário Feio (P) - R. 5 GT Turbo (N)
28 - M. Rolo (P)-A.Cardoso (P) - Renault 11 Turbo (N)
29 - Fernandes (P)-C. Monteiro (P) - Delta HF 4WD (N)
30 - José C. Macedo (P)-Miguel Borges (P) - R. 5 GT Turbo
31 - Harrach (A)-Patterman (A) - Lancia Delta Int. (A)
32 - M. Gerber (D)-Peter Thui (D) - Mitsubishi VR4 (N)
33 - C.Carvalho (P)-F.Fernandes (P) - Mitsubishi VR4 (N)
34 - Gottlicher (A)-Rohringer (A) - Audi 90 Quattro (A)
35 - G. Planezzola (I)-L. Baggio (I) - T. Celica GT Four (N)
36 - A. Lopes (P)-L. Lisboa (P) - Mazda 323 4WD (N)
37 - V. Lopes (P)-S.Paiva (P) - Mazda 323 Turbo 4WD (N)
38 - F. da Cunha (P)-C. Resende (P) - Audi 90 Quattro (A)
39 - J. Pontes (P)-A. Manuel (P) - Delta Int. 16 v (N)
40 - João Santos (P)-A. Marques (P) - Lancia Delta Int. (N)
41 - A. Cardeano (P)-M. Tavares (P) - R. 5 GT Turbo (N)
42 - Pedro Azeredo (P)-C. Fundo (P) - R. 5 GT Turbo (N)
43 - Jorge Cunha (P)-J. Capelo (P) - R. 5 GT Turbo (N)
44 - V. Campos (P)-P. Rompante (P) - R. 5 GT Turbo (N)
45 - H. Valente (P)-P. Brandão (P) - R. 5 GT Turbo (N)
46 - A. Antunes (P)-L. Pereira (P) - R. 5 GT Turbo (N)
47 - J. Teixeira (P)-M. Teixeira (P) - R. 5 GT Turbo (N)
48 - Jorge Leite (P) - José Nobre (P) - R. 5 GT Turbo (N)
49 - A. Fernandes (P)-H. Rodrigues (P) - R. 5 GT T. (N)
50 - Paula Costa (P)-C. Mateus (P) - R. 5 GT Turbo (N)
51 - Horst Honrath (D)-Rolf Deubel (D) - Golf GTI (A)
52 - M. Rueda (E)-B. Navareta (E) - R. 5 GT Turbo (N)
53 - H. Franco (P)-T. Mourão (P) - Lancia Delta Int. (N)
54 - Nuno Madeira (P)-Luís Pedro (P) - R. 11 Turbo (N)
55 - Vítor Silva Sá (P)-F. Andrade (P) - R. 11 Turbo (N)
56 - De Sanctis (I)-Galliano (I) - Fiat Uno Turbo I.e. (A)
57 - G. Recordati (I)-F. Delome (F) - Lancia Delta Int. (A)
58 - F. Simões (P)-C. Felgueiras (P) - Corolla GT (A)
59 - M. Couceiro (P)-J. Marques (P) - Corolla GT (A)
60 - Bernard Peuplier (F)-P. Demkin (F) - Golf GTI (A)
61 - Chano Carrera (E)-Pedro Perez (P) - R. 11 Turbo (N)
62 - Manuel Alfaro (E)-Felix Enes (E) - R. 5 GT Turbo (A)
63 - J.-L. Fabre (F)-C. Fabre (F) - Mazda 323 4WD (N)
64 - Marc Hopf (CH)-Stochlin (CH) - Celica GT Four (N)
65 - Ewald Klein (D)-Rolf Schneider (D) - Opel Kadett (N)
66 - V. Calisto (P)-Cristina Calisto (P) - R. 5 GT Turbo (A)
68 - Costa Azevedo (P)-F. Cruz (P) - R. 11 Turbo (A)
69 - José Ferreira (P)-Luísa Silva (P) - R. 5 GT Turbo (A)
70 - Sá Nogueira (P)-Monteiro (P) - R. 11 Turbo (A)
71 - Jorge Rodrigues (P)-José Alberto (P) - Golf GTI (A)
72 - Capre (CH)-Marie-Pialhoux (CH) - T. Celica GT (A)
73 - Manuel Vista (P)-R. Lúcio (P) - T. Corolla GT (A)
74 - A. Santos (P)-A. Pereira (P) - Toyota Corolla GT (A)
75 - Eduardo Cid (P)-A. Miguel (P) - Corolla GT (A)
77 - Altino Rua (P)-Vítor Nunes (P) - Toyota Corolla (A)
78 - Pereira (P)-A. Carvalho (P) - Renault 11 Turbo (A)
80 - José Cerqueira (P)-J. Grácio (P) - Delta HF 4WD (N)
81 - Henrique Reis (P) - J. Miranda (P) - Delta Int. (N)
82 - Paulo Monteiro (P)-M. Ramalho (P) - R. 11 Turbo (N)
83 - A. Magalhães (P)-J. Luís (P) - Lancia Delta Int. (N)
84 - José Iglésias (E)-J. Fonseca (P) - R. 5 GT Turbo (N)
85 - Pedro Pinto (P)-Rui Soares (P) - Renault 11 Turbo (N)
86 - António Gomes (P)-P. Leal (P) - Lancia Delta Int. (N)
88 - A. Domingos (P)-P. Primaz (P) - Renault 11 T. (N)
89 - João Barros (P)-A. Cardoso (P) - Renault 11 Turbo (N)
90 - O. Conceição (P)-F. Chaves (P) - Opel Manta 2.OE (A)
91 - Ricardo Pires (P)-P. Costa (P) - Opel Manta 2.OE (A)
92 - José Relvas (P)-P. Santana (P) - Opel Manta 2.OE (A)
93 - Paulo Sampaio (P)-F. Coelho (P) - Corolla GT (A)
94 - Luís Moniz (P)-A. Gonçalo (P) - Corolla GT (A)
95 - J. Carpinteiro (P)-L. Salgueiro (P) - AX Sport (A)
96 - M. Tomaz (P)-F. Machado (P) - Vauxhall Swing (A)
97 - João Carvalho (P)-J. Santos (P) - AX Sport (A)
98 - Stefane Gallard (F)-P. Besqueut (F) - AX Sport (A)
99 - J. Madeira (P)-R. Sottomayor (P) - Ritmo 130 TC (N)
100 - V. Gonçalves (P)-J. Alves (P) - Peugeot 205 GTI (N)
101 - B. Antoine (F)-F. Frere (F) - Peugeot 205 GTI (N)
102 - Raininger (A)-Jahrbacher (A) - Daihatsu (N)
103 - Georges Simons (B)-Thierry (B) - Golf GTI 16 v (N)
104 - Luís Rodrigues (P)-Paulo Pinto (P) - Golf GTI (N)
105 - José Fernandes (P)-A. Veiga (P) - T. Celica GT (N)
106 - António Fernandes (P)-P. Matos (P) - Fiesta XR2 (N)
107 - F. Leymarie (F)-Rochat (F) - Peugeot 205 Rallye (N)
108 - Veloso Amaral (P)-C. Serrano (P) - AX Sport (N)
109 - «Marko Corrêa» (S)-Gustafsson (S) - Suzuki 16 v (N)
110 - Boin (F)-Amaud (F) - Citro¨en AX Sport (N)
111 - Magri (I)-Bertoncini (I) - Peugeot 205 Rallye (N)
112 - António Rebelo (P)-C. Rebelo (P) - Marbella GL (A)
113 - José Mota (P)-Ó. Ribeiro (P) - Seat Marbella GL (A)

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

RALI DE PORTUGAL

Biasion: defender o título

cont. da página 17

espanhol possa chegar à Póvoa de Varzim na liderança ou muito próximo disso. De resto ele tem andado a rondar a sua primeira vitória numa prova do Campeonato do Mundo. Em Portugal sente-se em casa e frequentemente se refere ao calor com que foi recebido por toda a parte quando fez o reconhecimento.

Os seus compatriotas acreditam nessa possibilidade. Portugal está a ser nestes dias invadido por milhares de espanhóis, especialmente do Norte (Sainz é da Corunha) na expectativa de assistirem à consagração do seu piloto.

É apelidado de «El Matador» pelos seus adversários e todos reconhecem nele um piloto de grandes qualidades e em franca ascensão. Kankkunen, por exemplo, afirma que Sainz melhora de prova para prova e, não só é muito rápido, como conduz com muita cabeça.

Schwarz é considerado também um piloto de grande sentido profissional e principalmente frio, sendo difícil desconcentrá-lo, mesmo nas situações de maior tensão.

Mitsubishi

Ari Vatanen, um piloto espectacular que no passado empolgou os espectadores portugueses, e Keneth Eriksson, têm a seu cargo a responsabilidade de demonstrar as possibilidades da Mitsubishi, que deposita grandes esperanças no seu Galant VR-4.

A equipa começou praticamente em 1989 e, em quatro participações, obteve duas vitórias (1000 Lagos e RAC). É certo que não teve grande concorrência mas, mesmo assim, não deixou de marcar uma presença e de fornecer boas indicações para o futuro.

Este ano, porém, em Monte Carlo, os dois carros da Mitsubishi abandonaram com problemas de motor que os técnicos da marca japonesa consderaram de «imprevisíveis». De então para cá têm vindo a debruçar-se sobre eles. Ao que parece existe agora a garantia de que tenham sido resolvidos. No entanto, no espírito dos responsáveis da Mitsubishi, a participação em Portugal, parece ser encarada, em grande parte, mais com o objectivo de continuar esses testes de uma forma mais rigorosa.

Se tiverem sido de facto resolvidos os problemas de Monte Carlo, não há nenhbuma razão para que os Mitsubishi não se apresentem também capazes de discutir os primeiros lugares.

Uma coisa é certa: a pressão dos construtores japoneses nos rallyes á cada vez maior e, a qualquer momento, pode chegar a sua hora.

Quanto à Mazda, apesar de dispor de um piloto experiente como Hannu Mikkola, com um segundo carro entregue ao recém contratado De Mevius, não parece estar em condições de constituir qualquer ameaça importante.

É importante a sua presença, é de realçar a sua insistência, mas a marca não encontrou ainda uma máquina que possa conduzir os seus pilotos ao pódio.

Portugueses

Como sempre, a juntar à falta de um contacto internacional regular, os portugueses partem em condições técnicas inferiores. O seu papel será o de dar luta aos segundos planos, sem esquecer a eventualidade de uma infiltração entre os pilotos de fábrica se estes se vierem a debater com problemas sérios.

Em condições normais não podem, obviamente, competir com eles, nem é isso que se lhes pode exigir.

Carlos Bica, campeão nacional, e melhor português no ano passado, é o que se encontra em melhores condições. A sua participação esteve ameaçada. A aquisição do pretendido Lancia Delta Integrale encontrou enormes dificuldades. Por último graças á mediação da Fiat Portuguesa e à Abath, foi possível ao piloto português dispor para o Rallye de Portugal do antigo carro de Kankkunen. Nunca teve tanto como agora.

Joaquim Santos alinha no Ford Sierra Cosworth que utilizou no ano passado e tantos problemas lhe deu ao longo da época. Finalmente parece que estão resolvidos, como se depreende dos seus últimos resultados. Todavia, em termos competitivos, o piloto da Diabolique não tem muitas possibilidades de se exprimir, face ás quatro rodas motrizes dos seus mais directos adversários.

Uma atenção muito especial deverá ir para António Coutinho. Estreia nesta prova o novo Toyota Celica GT-Four, num grau de evolução bastante mais avançado.

Augusto Vilela

Massimo Biasion

A nossa equipa de reportagem viaja com lubrificantes

Mobil®

COMPRE A PREÇOS DE 1989

PNEUS DE OCASIÃO 1750$00

O MELHOR CLIENTE

VAMOS SORTEAR EM SETEMBRO UMA VIAGEM AO MÉXICO COM ESTADIA PAGA

	PNEUS NOVOS NACIONAIS	RECONSTRUÍDOS INTERNACIONAL
145×10	3 900$00	3 000$00
155×12	4 600$00	3 500$00
175×70×12	5 800$00	
135×13	3 900$00	2 800$00
145×13	4 500$00	3 000$00
155×13	5 000$00	3 400$00
165×13	5 500$00	3 600$00
145×70×13	5 000$00	3 500$00
155×70×13	5 600$00	4 000$00
165×70×13	5 900$00	4 100$00
175×70×13	6 400$00	4 200$00
185×70×13	6 700$00	4 500$00
145×14	5 000$00	3 600$00
165×14	6 000$00	4 000$00
175×14	6 500$00	4 400$00
185×14	7 300$00	5 000$00
185×14c	8 500$00	5 000$00
195×14c	8 500$00	6 800$00
195×70×14	11 000$00	6 600$00
205×70×14	12 000$00	7 000$00
650×16 10PR	10 298$00	
700×16 10PR	11 594$00	
750×16 10PR	13 313$00	

MONTAGEM GRÁTIS

SOMOS PNEU REMODELADO Tel. 947 28 72
Rua Cidade S. Salvador, ALSF, Bairro de Angola — CAMARATE
FILIAL 1 — BARRO — LOURES — Tel. 983 60 87
Fica à saída de Loures na Estrada para MALVEIRA
FILIAL 2 — TRAJOUCE — S. DOMINGOS DE RANA — Tel. 244 22 21

Horário

6 de Março (3.ª feira)
Verificações documentais
Hotel Estoril/Sol 07.30/13.00
Verificações técnicas
Pavilhão de Cascais 08.00/13.30

Entrada em parque fechado até às 14.30, na Praça da Maratona - Estádio Nacional

JAMOR/SUPERCLASSIFICATIVA
1.ª prova de classificação 15.06

Chegada da 1.ª secção a partir das 16.30, no Casino Estoril

---

7 de Março (4.ª feira)
1.ª Etapa/1.ª Secção
Estoril/Casino
Partida 8,20
GRADIL
2.ª Prova de Classificação 9,19
MONTEJUNTO
3.ª Prova de Classificação 10,33
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
4.ª Prova de Classificação 13,43
CHIMPELES
5.ª Prova de Classificação 14,22
CAMPELO
6.ª Prova de Classificação 14,50
SERRA DA LOUSÃ
7.ª Prova de Classificação 15,27
ARGANIL
8.ª Prova de Classificação 17,01
Arganil (Esc. Secundária)
Chegada 17,30

1.ª Etapa/2.ª Secção
Arganil (Esc. Secundária)
Partida 19,30
MUNA
9.ª Prova de Classificação 20,46
CARAMULO
10.ª Prova de Classificação 21,03
PRÉSTIMO
11.ª Prova de Classificação 21,28
FREITA
12.ª Prova de Classificação 22,35
AROUCA
13.ª Prova de Classificação 23,09

8 de Março (5.ª feira)
Póvoa de Varzim (Piscinas)
Chegada 01,15

Afixação dos resultados da 1.ª etapa (Palácio dos Congressos da Póvoa de Varzim) 08,30

2.ª Etapa
Póvoa de Varzim (Piscinas)
Partida 11,15
VEIGA-1
14.ª Prova de Classificação 12,26
MONTIM-1
15.ª Prova de Classificação 12,51
LAMEIRINHA-1
16.ª Prova de Classificação 13,06
LUILHAS
17.ª Prova de Classificação 13,25
S. LOURENÇO
18.ª Prova de Classificação 15,16
SANTA LUZIA
19.ª Prova de Classificação 16,16

Póvoa de Varzim (Piscinas)
Chegada 17,45
Afixação dos resultados da 2.ª etapa (Palácio dos Congressos da Póvoa de Varzim) 22,00

---

9 de Março (6.ª feira)
3.ª Etapa/1.ª Secção
Póvoa de Varzim (Piscinas)
Partida 07,15
VEIGA-2
20.ª Prova de Classificação 08,23
MONTIM-2
21.ª Prova de Classificação 08,45
LAMEIRINHA-2
22.ª Prova de Classificação 08,59
LAGOA
23.ª Prova de Classificação 09,16
CABECEIRAS DE BASTO
24.ª Prova de Classificação 09,44
CARVALHO DE REI
25.ª Prova de Classificação 11,19
ABOBOREIRA
26.ª Prova de Classificação 11,44

Régua (Restaurante Gato Preto)
Chegada 12,45

3.ª Etapa/2.ª Secção
Régua
Partida 14,30

ARMAMAR
27.ª Prova de Classificação 14,47
COVELO DE PAIVA
28.ª Prova de Classificação 16,07
VISEU
29.ª Prova de Classificação 16,48

Viseu (Feira de S. Mateus)
Chegada 17,45
Afixação dos resultados da 3.ª etapa (Pavilhão A da Feira de S. Mateus) 21,30

---

10 de Março (Sábado)
4.ª Etapa/1.ª Secção
Viseu (Feira de S. Mateus)
Partida 04.00

ARGANIL/FOLQUES — 1
30.ª Prova de Classificação 05.51
SALGUEIRO/COLMEAL 1
31.ª Prova de Classificação 06.27
Cruzamento do Ceiroquinho 06.57
Cruzamento do Fajão 07.12
PORTO DA BALSA
32.ª Prova de Classificação 07.39
ARGANIL/FOLQUES — 2
33.ª Prova de Classificação 08.06
SALGUEIRO/COLMEAL — 2
34.ª Prova de Classificação 08.47
PESCANSECOS
35.ª Prova de Classificação 09.25
Pampilhosa da Serra
Chegada 09.45
Partida 10.30

PAMPILHOSA
36.ª Prova de Classificação 10.41
AMOREIRA
37.ª Prova de Classificação 11.12

Tomar (Hotel dos Templários)
Partida 13.15

4.ª Etapa/2.ª Secção
Tomar (Hotel dos Templários)
Partida 15.00

ABRANTES
38.ª Prova de Classificação 16.03
CORUCHE
39.ª Prova de Classificação 17.18

Estoril (Jardins do Casino)
Chegada 20.00

CULTURA

Companhia de Dança de Lisboa festejou quinto aniversário

Uma luz acesa

Ontem, ao fim do dia, fez-se luz na Costa do Castelo. No Palácio Marquês de Tancos, onde está sediada desde 1988, a Companhia de Dança de Lisboa celebrou o seu quinto aniversário mostrando à Imprensa o que vai fazer nos próximos meses. E, coisa rara neste tipo de ocasiões, disse-se apenas o necessário e deu-se voz à dança. Os bailarinos Maria João Pires/ Paulo Jesus e, mais tarde, Daniela Graça /Stephen Beckon interpretaram excertos de uma das futuras produções da Companhia: «Deixaste a Luz Acesa» de Lionel Hoche, um belo «poema» coreográfico sobre a esperança deixada pela paixão, mesmo quando obsessiva e esmagadora.

Paixão, embora mais serena e produtiva, é também o sentimento que une os responsáveis da Companhia a este projecto que, erguido do sonho há precisamente cinco anos, ainda não cessou de se valorizar.

Para os próximos meses estão já agendados , para além de digressões pelo país e estrangeiro, várias produções de bailados de Lionel Hoche, Vitor Garcia, Mark Haim (temporada de Primavera) e de Paulo Ribeiro e Francisco Ribeiro, no que respeita à temporada de Outono.

Mais importante, todavia, será a inauguração de um Centro de Dança Contemporânea simultaneamente dedicado à criação de novas obras coreográficas e à formação pedagógica de bailarinos e técnicos de dança.

As iniciativas da Companhia de Dança de Lisboa para o ano de 90 não se ficam por aqui. À abertura do Centro de Dança Contemporânea, há a acrescentar a realização do IV Workshop Coreográfico, pela primeira vez aberto aos criadores em geral,visando, assim, seleccionar para produção quatro das candidaturas apresentadas em cassete vídeo até 6 de Abril.

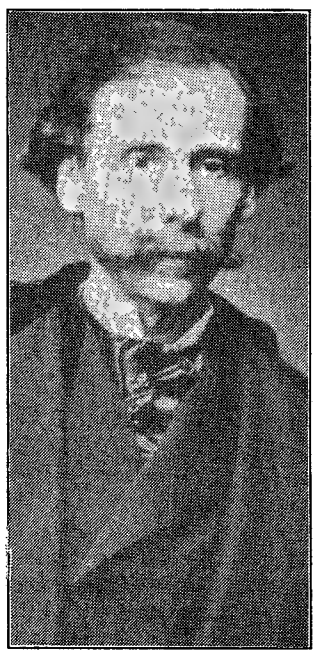
Na sombra destes projectos artísticos vive-se, no entanto, a luta pela obtenção de melhores estruturas. Conforme José Manuel Oliveira referiu ao DL «está neste momento em curso o estabelecimento de um protocolo com a Câmara Municipal de Lisboa para a cedência do Palácio Marquês de Tancos à Companhia por um período de vinte anos». As perspectivas são boas. Antes das eleições autárquicas os candidatos das duas maiores forças então concorrentes, foram convidados a visitar as instalações mostrando, desde logo, inteira receptividade ao projecto. Outra atitude seria, de resto, uma crassa injustiça.

Quando a Companhia aqui chegou em 1988, recordou José Manuel Oliveira, o imóvel estava há dez anos semiabandonado. Dois anos depois, a degradação está travada. Todas as janelas têm vidros e já não há infiltração de águas. Melhor ainda: onde há pouco havia entulho, estão agora vários estúdios de trabalho, em que diariamente funciona uma aula de Dança Contemporânea, frequentada por catorze alunos beneficiados por Bolsas de Estudo e onde, num outro estúdio, trabalham alguns coreógrafos independentes. Duma velha cozinha munida da tradicional chaminé surgirão em breve dois estúdios consagrados ao vídeo e ao audío. Todo este trabalho, refira-se, foi efectuado, segundo José Manuel Oliveira, sem quaisquer apoios directos.

Volvidos dois anos, o velho imóvel encontra-se finalmente arejado, limpo e, o que é mais importante, embelezado por uma certa luz que a criatividade mantém acesa . Resta desejar que a burocracia municipal não se encarregue de a apagar.

Maria João Martins

Câmaras no centenário da morte de Camilo



Câmaras Municipais e entidades culturais nortenhas reuniram-se no Porto, para criarem uma estrutura organizadora de iniciativas de âmbito nacional e internacional comemorativas do centenário da morte de Camilo Castelo Branco.

Na reunião participaram as Câmaras do Porto, Vila Real, Viana do Castelo, Braga e Santo Tirso, as Associações dos Escritores e Homens de Letras do Porto, o Centro de Estudos Camilianos de Famalicão e a delegação do norte da Secretaria de Estado da Cultura.Segundo fonte da Câmara Municipal do Porto, a existência de várias iniciativas autónomas levou à criação de uma estrutura coordenadora, cujo objectivo é permitir uma economia de meios e uma eficácia de resultados na divulgação da obra do escritor.

Os participantes na reunião vão também solicitar uma audiência ao secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, e proceder a um levantamento das diversas iniciativas camilianas a realizar por todo o país.

As Câmaras Municipais de Sintra e Famalicão estiveram ausentes desta reunião. A primeira, em virtude da falta de disponibilidade da pessoa responsável, e a segunda, por ter recebido o convite apenas a 2 de Março e ter o seu programa comemorativo já elaborado.«Não participámos na reunião porque já temos um programa que começou a ser elaborado há dois anos e cujo início é a 16 de Março, data do nascimento de Camilo», disse à Agência Lusa, Joaquim Lima, assessor do presidente da Câmara de Famalicão.

Saramago esgota em Israel

Esgotou numa semana, a primeira edição hebraica do «Memorial do Convento», de José Saramago, durante a visita que o escritor faz a Israel para o lançamento do livro.

Saramago viajou a convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Israel e do Partido Trabalhista Israelita, e da editora, que publicou já uma segunda edição de «Memorial do Convento», tendo sido recebido sábado à noite por Simon Peres, que comparou a obra, pela sua importância, a «Cem anos de solidão», do prémio Nobel Garcia Marquez.

Atribuídos os «Césares» do cinema francês

O filme «Trop Belle Pour Toi», do realizador Bertrand Blier, foi no domingo galardoado com cinco Césares atribuídos pela Academia Francesa de Artes e Ciências Cinematográficas. O realizador Bertrand Blier recebeu os prémios de Melhor Filme Francês, Melhor Realização e de Melhor Guião das mãos do actor norte-americano Kirk Douglas.

Carole Bouquet obteve o César para a Melhor Actriz pelo seu papel em «Trop Belle Pour Toi».

O filme de Bertrand Blier recebeu ainda o prémio da Melhor Montagem, realizada por Claudine Merlin.

Quanto ao César para o Melhor Actor foi atribuído a Philippe Noiret, pelo seu papel no filme «La Vie et Rien d'Autre», do realizador Bertrand Tavenier.

«Ligações Perigosas», do britânico Stephen Frears, foi galardoado com o César para o Melhor Filme Estrangeiro.

Antes da cerimónia, Kirk Douglas foi condecorado pelo ministro da Cultura francês, Jack Lang, com a Legião de Honra.

O restante palmarés desta edição de Césares foi o seguinte:

Melhor Primeira Obra: «Un Monde Sans Pitié», de Eric Rochant.

Actriz Secundária: Suzanne Flon, em «La Vouivre».

Actor Secundário: Robert Hirsch, em «Hiver 54».

Jovem Esperança Feminina: Vanessa Paradis, em «Noce Blanche».

Jovem Esperança Masculina: Yvan Attal, em «Un Monde Sans Pitié.

Argumento ou Adaptação: Bertrand Blier, por «Trop Belle Pour Toi».

Música: Oswald d'Andrea, por «La Vie et Rien d'Autre».

Som, Pierre Lenoir e Dominique Hennequin, por «Monsieur Hire».

Guarda-roupa: Théodore Pistek (Checoslováquia), por «Valmont».

Fotografia: Yves Angelo, por «Noctum Indien».

Curta-Metragem de Animação: «Le Porte-Plume», de Maria-Christine Perrodin.

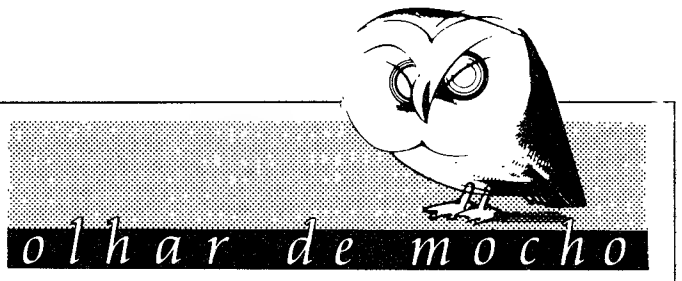
Documentário de Curta-Metragem: «Chanson Pour un Marin», de Bernard Aubouy.

Curta-Metragem de Ficção: «Lune Froid», de Patrick Bouchitey.

Melhor Cartaz: Jouineau-Bourduge e Gilles por «Cinema Paraíso».

Decoração: Pierre Guffroy, Por «Valmont».

Finalmente, o César de Honrade 1990 foi atribuído à memória do actor Gérard Philippe.



olhar de mocho

Teleanálise

Acordei de manhã com o Herman José a debitar as suas piadas de avença na TSF: os críticos da televisão dizem mal do «Casino Royal» porque o que querem é a TV privada (não garanto a exactidão da citação porque de manhã as propriedades inoxidáveis da memória ainda não estão em plena efectividade de funções, mas julgo não ser infiel ao autor). De qualquer modo, a «boca» tem um fundo de perspicácia: a programação estrangeira, regra geral, tem mais garantia de qualidade, facto que mais uma vez, ontem à noite pudemos verificar com o Beckett, mas sobretudo - o próprio Herman o reconheceu -, já ninguém espera muito da produção feita na 5 de Outubro.

Ora este é o ponto mais sensível de todas as críticas feitas e a fazer às ideias televisivas da RTP, serviço público: parece que já ninguém acredita na regeneração do sistema e que os 33 anos da RTP permitem o diagnóstico da doença de Parkinson - esclerose múltipla e irreversível. Com a psicanálise feita a tempo e horas, ainda talvez se pudessem curar os velhos traumas de infância que a RTP sofreu no seu nascimento: servilismo primitivo, raquitismo crónico no que diz respeito à crítica e à emancipação. Por isso é que, no caso nacional parece-me não errar muito a pontaria, prognosticando que a cura para a RTP só poderá vir da concorrência das emissões privadas. Enquanto em outros países da nossa jovem família europeia, os canais privados tiveram sérias dificuldades em conquistarem fatias de mercado, as estatais de serviço público eram, de facto, boas, aqui deve-se dar o fenómeno inverso: a lástima da nossa TV será o grande trunfo para que os canais particulares triunfem. Nesse sentido é que creio que o talento intuitivo do Herman José, falhando embora na tentativa de reconstruir os anos 40 no «Casino», na sua crítica à crítica ao dito casino, acertou em cheio: o que todos querem é a TV privada para se livrarem da estatal, custe o que custar.

Os dois Beckett que passaram no 2, para mim funcionaram como catarse do pecado passivo de quem tem de suportar uma televisão única, um quase monopólio da mediocridade degradante que reina no reino. Esse legitimista da linguagem, tão radical como os esvaziadores da língua o exigem, mantém íntegra a sua função de tentar recuperar o direito a ser-se dissidente e herege dos totalitarismos e das ditaduras dos cavaleiros da publicidade. Mas nesta segunda-feira à noite foi difícil saborear a heresia e o fenómeno de dissidente do Beckett. É que, momentos antes apareceu um ministro, a jeito de manequim publicitário, a elogiar os carros da marca Lancia de tracção às quatro rodas. Não sei se no Uganda os ministros de Idi Amin iam à televisão fazer propaganda de pastas de dentes. Se um membro do Governo pode vir à televisão publicitar uma marca de carros e essa mesma televisão exibe, depois, duas peças do Beckett é porque Deus e o Diabo também já se podem unir em fraterna coligação para pilotar a marcha do planeta.

José Sousa Monteiro

Falar de Cinema

Sangue fresco para Frank

FOGO MALDITO (Hellraiser) - R: Clive Barker (EUA, 1987); A: Clive Barker; P (cor): Robin Vidgeon; M: Christopher Young; Mont: Richard Marden; Dir. art: Jocelyn James; Ef. esp: Bob Keen; P: Christopher Figg/Film Futures; I: Andrew Robinson, Clare Higgins, Ashley Laurence, Sean Chapman, Oliver Nelson, Gay Bernes, etc. D: 90 M; Dist: Filmes Lusomundo; Est: Alfas; Cl: ** (M/18 anos).

Clive Barker é um dos chefes de fila da nova literatura fantástica inglesa, uma espécie de Stephen King britânico, que aqui se estreia na realização cinematográfica, adaptando uma obra de sua autoria, depois de por diversas vezes se ter sentido diminuído por adaptações de outros.

Hellraiser é um filme que apresenta alguns aspectos interessantes, uma realização sóbria dentro de um terreno esquivo e difícil como é o «gore», mas que deixa também algo a desejar, sobretudo como sintoma dos caminhos do mais moderno cinema fantástico que se preocupa mais com o horror do sangue, e sua especulação ao nível dos sentimentos dos espectadores, do que com a sugestão e o fascínio de uma mitologia emblemática que fez a grandeza do género. Mas o terror é hoje o que é, e dentro dos seus limites *Fogo Maldito* é um título curioso, jogando com aspectos sadomasoquistas facilmente detectáveis.

Uma estranha caixa está na base de todos os acontecimentos. Um cubo cujas diferentes partes mudam, formando novas figuras geométricas e libertando demónios que torturam e matam quem se aventura nos seus domínios. Isso mesmo acontece com Frank Cotton... Tempos depois, o seu irmão Larry e a mulher, Julia, vão habitar, sem o saberem, a casa onde Frank tentara penetrar nos terrenos do desconhecido, com maus resultados. Um dia, Larry fere-se numa mão e as gotas de sangue que caem no soalho são o bastante para ressuscitarem parcialmente o esqueleto de Frank. Resta acrescentar, para quem não saiba, que Frank seduzira Julia no dia do seu casamento com Larry e que esta, atormentada pelo prazer então sentido, lhe jurara total fidelidade, propondo-se fazer tudo quanto Frank quisesse. Pois bem, o amante que se esconde no sótão pede-lhe agora que cumpra a palavra e lhe traga diariamente novos corpos com muito sangue fresco para recuperar completamente, por forma a poderem ambos reviver as violentas tardes de amor de outrora. E Julia aceita a empreitada, engatando senhores que mais tarde serão o bendito bife tártaro do endemoinhado Frank... Aqui e acolá, à mercê de quem os chama, vão surgindo os «Cenobitas», conjunto de inquietantes personagens que a caixinha das surpresas liberta. E deve dizer-se que estes «Cenobitas» são graficamente muito curiosos e uma das melhores criações deste título de terror pesado, que cai mal depois de qualquer refeição, mas representa na perfeição algumas das vias do fantástico actual, com muito pouco de maravilhoso e um olhar puritano para tudo que seja sexo e quejandos. Actores medíocres não conseguem tornar plausível este drama hemofílico que alguns ensaístas do género consideram do melhor que os anos 80 nos deram no domínio.

«Pai, não me comas!»

QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS (Honey, I Shrunk the Kids) - R: Joe Johnston (EUA, 1989); A: Ed Naha e Tom Schulman, segundo ideia de Brian Yuzna e Stuart Gordon; F (cor): Hiro Narita; M: James Horner; Mont: Michael A. Stevenson; Ef. esp: Image Engineering; P: Penney Finkelman/ Walt Disney Pictures; D: 94 m; Dist: Columbia, Tri Star e Warner; Est: Alfas, Amoreiras, Fonte Nova, King, Mundial, Nimas, Politeama, S. Jorge, 7.ª Arte, Star (Lisboa), Batalha, Nuno Álvares e Stop (Porto), e ainda, Amadora, Carcavelos, Braga, Setúbal, Almada, Évora, Vilamoura, Faro, Albufeira e Coimbra (23.2.1990). Cl: *** (M/6 anos).

A Walt Disney modificou de há uns tempos a esta parte a sua política de produção cinematográfica, abandonando aquele tipo de filmes para toda a família que fizeram uma época durante os anos 50 e 60, mas hoje em dia se revelam intragáveis (na época também já eram bastantes, mas iam fazendo receitas!), e entrando abertamente no campo da aventura e dos efeitos especiais, com obras como *Tron*, e posteriormente com a sua associação com Steven Spielberg e George Lucas (veja-se o caso de *Quem Tramou Roger Rabbit?).*

Querida, Eu Encolhi os Miúdos é apenas mais um exemplo desta reciclagem que tem dado muito bons resultados financeiros e mesmo algumas boas referências críticas.

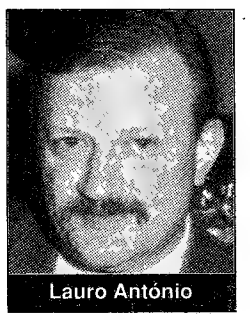
Continua-se com a política de «filmes para toda a família», que desde sempre deu o tom à casa produtora, mas agora ajustaram-se os temas e os processos aos interesses das famílias de hoje.

Wayne Szalinski (o desconcertante Rick Moranis), cientista e inventor, tem no seu laboratório uma estranha máquina com a qual procura aumentar e diminuir as coisas. Um dia sai de casa e deixa as suas crianças e as do vizinho a brincarem no jardim. É óbvio que os miúdos vão ao laboratório, mexem na máquina, diminuem de tamanho até ao quase microscópico, e vão parar ao jardim que se assemelha a uma selva para os seus novos habitantes.

A relva monstruosa, a abelha que mais parece um autocarro, as gotas de chuva que provocam verdadeiras tormentas, estes são apenas alguns dos aspectos deste pesadelo nascido no quintal de casa onde agora surge como um interminável parque de fatais diversões que se leva alguns dias a percorrer, quando antigamente bastavam duas ou três passadas para se atravessar e chegar ao acolhedor portal da casa paterna. Neste aspecto, até mesmo a casa materna deixou de ser um local protector, pois as crianças são lançadas inadvertidamente no saco do lixo do aspirador pelo próprio pai que não contente com isso quase as devora nas suas sopinhas de leite. Uma história divertida, com bons momentos e alguma invenção.

Uma cena do filme "Querida eu encolhi os miúdos"

Mas será precisamente ao nível da originalidade que *Querida, Eu Encolhi os Miúdos* se mostra um pouco aquém do que seria possível fazer hoje em dia e aquém mesmo do que alguns outros já haviam conseguido com menos meios e em épocas de menores recursos técnicos. Estou a lembrar-me, sobretudo, de *Dr. Cyclops*, 1940, do excelente Ernest Schoedsack, ou de *The Devils Dolls*, 1936, do fabuloso Tod Browning, para já não falar de *The Incredible Shrinking Man*, 1957, de Jack Arnold, ou *Attack of the Puppet People*, 1962, de Bert I. Gordon. Entre os títulos ultimamente vistos abordando temas semelhantes, há a assinalar *Viagem Fantástica*, 1966, de Richard Fleicher, ou *O Micro Herói*, 1987, de Joe Dante.



Lauro António

De qualquer forma, um filme interessante e bem disposto que reactiva os estúdios Walt Disney e nos permitem esperar mais e melhor. Em complemento, um «cartoon» de Roger Rabbit explosivo: *Dor de Barriga*. Na linha dos terríveis desenhos de Tex Avery e Chuck Jones, da série Bugg's Bunny, *Tummy Trumble* assinala a estreia do que se supõe vir a ser uma longa carreira de Roger Rabbit em desenho animado a solo.

«A ementa do dia»

****

O CLUBE DOS POETAS MORTOS, de Peter Weir
VALMONT, de Milos Forman
UM MUNDO À PARTE, de Chris Menges
O BANDO DAS QUATRO, de Jacques Rivetti

***

O PROCESSO DO REI, de João Mário Grilo
QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS, de Joe Johnston
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER, de Steve Kloves
NEGÓCIO DE FAMÍLIA, de Sidney Lumet
CORRUPÇÃO NA CIDADE, de Karel Reisz
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA, de Euzhan Palcy
VEREDICTO FINAL, de Joseph Reuben
CORAÇÕES DE AÇO, de Brian de Palma
100 MIL VOLTES DE TERROR, de Wes Graves

**

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?, de Pedro Almodóvar
FOGO MALDITO, de Clive Baker

*

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS, II, de James Uys

"Epístola aos vindouros"

O testamento de Carlos Queiroz

Quarenta anos depois da sua morte, Carlos Queiroz surge como um clarão que vem iluminar o firmamento literário. Esta voz «autêntica e autónoma da poesia portuguesa», no dizer de David Mourão-Ferreira, autor do prefácio de "Epístola aos Vindouros e Outros Poemas", livro agora editado pela Ática e que esclarece o sentido de um discurso poético breve mas imtenso, foi bruscamente calada.. Do poeta, morto aos 42 anos, eram apenas conhecidos os volumes "Desaparecido" e "Breve Tratado de Não-Versificação", em circulação desde 1984, onde se confirmava a pureza da sua palavra, como sublinhou Vitorino Nemésio num texto sobre esta figura das letras potuguesas superficialmente confundida com o perfil "presencista".

Daí que David Mourão-Ferreira, durante a apresentação de "Epístola aos Vindouros e Outros Poemas", ocorrida no Centro Nacional de Cultura, tenha posto algum ênfase na questão da autonomia.

Ele não pode ser incluído em nenhum movimento nem escola, vislumbrando-se, todavia, na sua escrita algo que o aproxima dos poetas do Orpheu, em particular de Fernando Pessoa, de quem foi amigo.

Nascido em Lisboa a 5 de Abril de 1907 e falecido em Paris a 27 de Outubro de 1949, deixou diversos poemas espalhados por revistas e jornais, entre os quais se destaca o "Diário de Lisboa". Admirador de Rimbaut e Verlaine produziu uma lírica que ainda hoje contém ingredientes bastante modernos. Segundo David Mourão-Ferreira «compete ao público leitor fazer justiça ao poeta», acrescentando que a "Epístola aos Vindouros" se impõe como um símbolo de que «a verdadeira poesia não tem pressa». Apesar de só agora sair do escuro, após um longo eclipse, ainda vem muito a tempo de ser reconhecida.

É bem possível que os atrasos e vicissitudes que travaram a marcha editorial deste texto "maior", na opinião de David Mourão-Ferreira, não prejudiquem a receptividade do poeta junto dos tais vindouros a que ele se referia. Sem dúvida que o ímpeto e a força do discurso de Carlos Queiroz se mantêm em perfeito estado de conservação.

Na vanguarda da moda masculina, desde há 30 anos, declarou guerra ao tédio do vestuário tradicional. Arrancou as golas dos casacos, destruturou as linhas dos fatos, convencendo os homens a aderir às ousadias que lhes propunha

As deambulações estéticas de Pierre Cardin

À frente de um império fabuloso e que não cessa de crescer, Pierre Cardin observa o mundo lá do topo, onde chegou após um percurso, glorioso e sem acidentes, que regista saltos qualitativos medidos por décadas. Em matéria de moda, relativamente aos seus companheiros de ofício, sempre se colocou na vanguarda, tanto no que respeita à roupa de mulher como à de homem. Começou por se dirigir ao feminino e, só dez anos depois, decidiu intervir na esfera do masculino. Tal atitude assumiu as características de um acontecimento importante, tendo mobilizado um contingente apreciável de jornalistas internacionais, na ocasião em que o costureiro francês, já montado no cavalo do sucesso, apresentou a sua primeira colecção de pronto-a-vestir para cavalheiros, em 26 de Fevereiro de 1960, no Hotel de Grillon, Paris. Aventura que lhe valeu aparecer, nas páginas do "New York Times", como "o costureiro do homem moderno".

Cépticos, os cavalheiros mais conservadores sorriram, duvidando da hipótese de qualquer homem, verdadeiramente viril, se atrever a vestir as criações de Pierre Cardin que afrontavam o cinzentismo e a falta de imaginação, notas dominantes da indumentária masculina. Mas logo se renderam ao *charme* daquelas propostas invulgares, sobretudo desde que personalidades como Visconti, Cocteau, Christian Jacques, e Rex Harrisson as adoptaram sem preconceitos.

Vedetas da música como os Beatles, os Rolling Stones e Johnny Halliday também aderiram às inovações, mas a esses tudo era permitido, na medida em que se incluem numa franja social, receptiva a qualquer tipo de moda que desse ares de extravagância. No primeiro ensaio, Pierre Cardin ousou suprimir as tradicionais golas dos fatos, concebendo uma espécie de *look* militar. Durante os últimos trinta anos, entre 1960 e 1990, não se lhe apagou o ímpeto

Pierre Cardin quando se deslocou a Portugal em 1989

inventivo, antes pelo contrário tem continuado a namorar a vanguarda. Assim, em 1970, volta a surpreender-nos, ao introduzir na área da moda, as peças "desvertebradas". Perdida a rigidez, devido à exclusão da ossatura, as roupas caem com "souplesse". Entretanto inventa as linhas Apolo, Pijama, *Superman*, Maxim's e *Espace*, divagações arrojadas que lhe proporcionaram quase meia dúzia de dedais de oiro. Merece ainda referência a linha "Santé", com data de 1987, e que se inspira nas batas dos médicos e enfermeiros.

Potentado económico

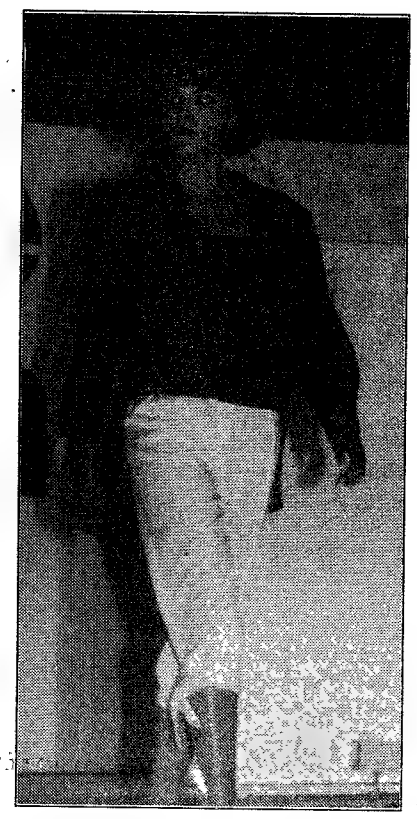
O certo é que Pierre Cardin venceu, tranformando-se num potentado económico, com um volume de negócios ainda não ultrapassado pelos seus rivais mais aguerridos, caso de Dior, St. Laurent e Armani. Segundo um quadro, fornecido na edição de Dezembro de 1989, do The Wall Street Journal, entre os dez produtos de luxo consumidos pelo Japão, Cardin aparece no quinto lugar, a seguir às marcas Porsche, que encabeça a lista, Chanel e Cucci. Nos patamares mais baixos sobressaem Louis Vuitton, Dior, Rolex, Hanae Mori, BMW e Dunhill. Quanto aos Estados Unidos, maníacos dos automóveis, preferem o Cadillac, o Rolls-Royce, o Mercedes, o BMW, o Porsche e o Jaguar. Convenientemente apetrechados de brutas máquinas, só depois se dignam a prestar atenção ao visual. Aí, distingue-se Pierre Cardin que derrota Chanel e Cucci.

A última proeza deste lince dos negócios foi ter conseguido assinar um acordo com o governo do Peru, mediante o qual deterá, a partir do Inverno de 1981, o monopólio da produção de lã daquele país. Quer dizer: a quarta parte dos 20.000 quilos produzidos no mundo. Os peruanos, entre os diversos candidatos, escolheram Pierre Cardin. A lã, recolhida em bruto, será tecida em Itália, onde a indústria téxtil atingiu uma qualidade superior, condição imprescindível para a confecção de um artigo de luxo.

No âmbito das excelentes relações comerciais que mantém com a União Soviética, Pierre Cardin convidou as manequins russas, Svetlana e Natacha, vindas de Moscovo, para apresentarem as suas colecções de Alta-Costura, em Paris. Trata-se de duas lindíssimas finalistas que participaram num concurso organizado, em Dezembro passado, pela agência francesa "Glamour", empresa com expressão universal, e que se prepara para abrir uma sucursal na capital soviética, sob a égide de Pierre Cardin, assumindo a categoria de sociedade mista.

A agência, para além de se encarregar da formação dos manequins femininos e masculinos, assegura-lhes ainda um estatuto profissional, facto inédito nos países do Leste.

Lourdes Féria



Na vanguarda da moda masculina há 30 anos, Pierre Cardin influencia de modo decisivo a roupa feminina

«Margarida do Monte» em questão

Carta de Hélder Costa

A propósito da crítica ao espectáculo da Barraca *Margarida do Monte* («DL»/16-01-90), recebemos uma carta de Hélder Costa que transcrevemos na íntegra:

«Foi com atraso que li o que escreveste sobre «Margarida do Monte», e hesitei em te enviar estas palavras até porque nunca forneci pasta pública à malandragem que por aí anda. Mas como te considerei sempre diferente da maioria/mixórdia que despeja textos exibindo frustrações várias, incompetências e arrivismos yuppies, lá vai o que tenho a dizer.

Teces umas considerações sobre a obra de Marcelino Mesquita, e dizes: «É óbvio que foi isso que interessou a Hélder Costa, esse quadro histórico em que poderia levantar as caricaturas dos vários poderes, como fizera já, mas muito mais convincentemente em D. João VI».

O que me surpreendeu foi esta frase. Como é possível escrever-se que foi isso que me interessou na obra de M. Mesquita, se não é esse o espectáculo que eu construí, e se essa cena-pivot (para ti), com Alexandre de Gusmão, *nem entra na peça que tu viste?* Como é possível comparar este espectáculo tão diferente com D. João VI? Só porque em «Margarida do Monte» há *um* D. João V? Como é possível não ver a abordagem do romantismo, do melodrama, do jogo nu de sentimentos e emoções, como matriz de um espectáculo que joga entre o real e o sonho? A ordem e a subversão? Dificuldades na escolha da barreira entre popular e populismo? Falta de disponibilidade? Qualquer dramaturgia escolhe os seus vectores essenciais, e a função da crítica é esforçar-se por compreendê-los e *tentar* a sua explicação. Exercer subjectivismo, lançar ideias preconcebidas, baralhar pistas de leitura, não é exercício digno para quem é considerado o Papa da crítica em Portugal. Parafraseando-te, seria desconsiderar-te não te dizer estas coisas.

E até à vista que tenho de ir para a festa dos ciganos com a «Margarida do Monte».

Hélder Costa

Resposta:

Se esquecermos a piada papal e as referências *à malandragem que por aí anda* (que não percebi), a carta de Hélder Costa coloca problemas interessantes que têm a ver não só com a análise do espectáculo por que é principal responsável como com as relações - que é possível estabelecer, que é urgente estabelecer, entre criadores, críticos, espectadores.

Antes do mais convém esclarecer o seguinte: a carta de Hélder Costa não me chegara ainda às mãos, já eu escrevera um pequeno comentário a declarações suas a respeito da minha crítica ao espectáculo («DL»/Mosca - 23-02-1990), comentários que aqui vou repetir.

Citação de Hélder Costa: *É óbvio que foi isso que interessou a Hélder Costa, esse quadro histórico em que poderia levantar as caricaturas dos vários poderes, como fizera já, mas muito mais convincentemente em* D. João VI.

Convém alargar a citação: *O transe amoroso serviu a Marcelino Mesquita para levantar um quadro crítico da época (devassidão real, delapidação dos bens públicos, corrupção da Igreja); sem grandes preocupações históricas o mais interessante é talvez a cena em que Alexandre de Gusmão faz a síntese da situação do país e aponta os culpados dela.*

É óbvio que foi isso que interessou, etc. («DL»/16-01-90).

Portanto, quando falo em quadro histórico não me refiro a uma determinada cena, a protagonizada por Alexandre de Gusmão, (*talvez* a cena mais interessante), mas à situação histórica que o país atravessa e que, a meu ver, teria interessado a Hélder Costa como interessara a Marcelino Mesquita. Por isso o relacionamento desta peça com a peça de Hélder Costa *D. João VI* me parece possível: uma e outra são peças sobre o Poder (poder político, poder religioso), embora existam na peça de M. Mesquita que Hélder Costa adaptou outros registos, os que se referem ao «poder sentimental e sexual», inevitavelmente esmagado pelos outros poderes. Podemos considerar, a favor do espectáculo, que esse alargamento de registos implica outros processos da abordagem histórica, por um lado, e implica, por outro, a criação de outras estruturas formais que passam pelo *romantismo*, pelo *melodrama*, tendo em consideração as intenções do adaptador-encenador. Entre o romântico e o melodramático, correndo o risco de misturas sempre imprudentes, *Margarida do Monte*, adaptação, dramaturgia e encenação de Hélder Costa, espectáculo da Barraca, não consegue ultrapassar os limites da caricatura. É a minha opinião e é naturalmente uma opinião falível que ganha em ser confrontada com outras opiniões. Como aqui se fez, sem qualquer problema, como é óbvio.

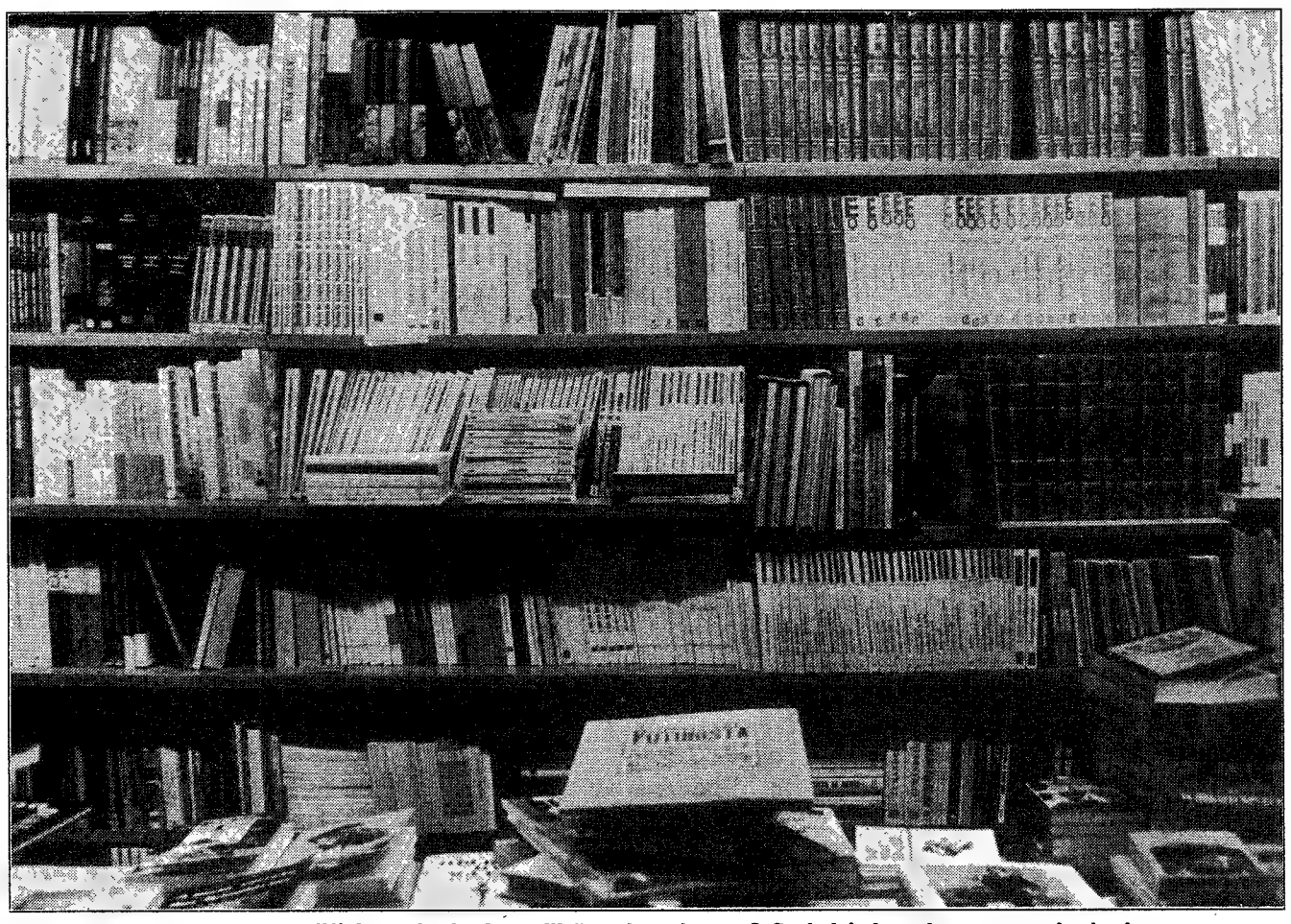
Carlos Porto

Responsáveis das grandes bibliotecas estiveram reunidos em Paris

Que fazer a dez milhões de livros?

Durante quatro dias, de 30 de Janeiro a 2 de Fevereiro, realizou-se em Paris, por sugestão do ministro francês da Cultura, Jack Lang, um colóquio internacional sobre «o futuro das bibliotecas». Estavam presentes todos os responsáveis das grandes bibliotecas mundiais. É evidente que se falou da futura Biblioteca de França. Dominique Jamet, responsável pelo projecto e Dominique Perrault, arquitecto do futuro edifício, delinearam os contornos. Emmanuel Le Roy Ladurie, administrador-geral da Biblioteca Nacional, focou as exigências de uma sucessão que se mostra complicada, a acreditar no animado debate que encerrou o colóquio. A sorte das outras bibliotecas, ainda em projecto ou já em fase de construção, foi igualmente focada: Francfort, Alexandria e a nova British Library de Londres, que abrirá as suas portas alguns meses depois da TGB de Tolbiac e cujas ideias são o oposto das nossas. Os países de Leste estavam igualmente representados, nomeadamente a Roménia, que acaba de perder num incêncio, em Bucareste, um dos seus mais belos emblemas, a Biblioteca Central Universitária.

Vieram dos quatro cantos do Mundo. Não é uma figura de retórica: as instituições mais prestigiosas dos cinco continentes enviaram os seus principais responsáveis para debater o futuro das suas bibliotecas. A British Library de Londres, a Biblioteca do Congresso de Washington, a Deutsche Biblioteck de Francfort, a Biblioteca Apostólica Vaticana, a National Diet Library de Tóquio, a Biblioteca Nacional de Wellington (Nova Zelândia) e o Instituto Fundamental da África Negra de Dakar, mais de quarenta países estiveram representados no anfiteatro da galeria Vivienne. Na ordem do dia, os problemas com que se têm defrontado neste final do séc. XX: saturação, restauração, modernização, informatização, comunicação, extensão. As vedetas incontestadas destas jornadas foram a França e a Grã-Bretanha, visto que ambos os países estão empenhados na construção de novos centros e têm de mudar as suas existências em idênticas condições. Confrontados com os mesmos problemas, os dois países chegaram a conclusões bastante próximas. Todavia, as soluções encontradas são totalmente diferentes. Em público, felicitam-se mutuamente por esta diversidade, o que não impede que, nos bastidores, se verbere a escolha do vizinho. «A França só tem êxito nas reformas que faz através de revoluções», sublinhou Pierre Nora no decurso dos debates. Assim, o nosso país escolheu a ruptura, a ostentação e a rapidez. A Grã-Bretanha prefere a tradição, o conforto e uma sensata lentidão. Nas margens do Tamisa reina o mais absoluto pragmatismo. Como instalar num edifício mais de dez milhões de volumes? Os britânicos levaram mais de vinte anos a responder a esta questão. À beira do Sena, o mais importante é o gesto. Antes de se pensar no programa decidiu-se sobre o invólucro. A arquitectura dos edifícios já estava escolhida e ainda se debatia quantos livros se iriam alojar: cinco milhões? Dez milhões? Hoje já estamos nos trinta milhões. Apesar dos esclarecimenrtos que há meses vêm prestando os responsáveis da TGB puseram-se, durante os debates, questões que reflectem as mesmas inquietações de antes.



Como instalar num edifício mais de dez milhões de volumes? Os britânicos levaram mais de dez anos a responder a esta questão

O destino da rua Richelieu

A Biblioteca de França será uma biblioteca de tipo patrimonial (dos dez milhões de livros que estão na Rua Richelieu mais de 80% são exemplares únicos) ou uma biblioteca aberta a todos? Se se pretende sobrepor os dois sistemas não se correrá o risco de uma excessiva concentração, um dos meios da velha Biblioteca Nacional? O livro terá aí um papel hegemónico ou minoritário? Será negligenciado em prol do audiovisual?

Esta nova biblioteca deve ser o núcleo de uma rede de bibliotecas. Mas como se vai construir esta rede? Como vamos melhorar estes «terminais», nomeadamente as bibliotecas universitárias, se a TGB vai absorver uma massa orçamental considerável? Esta mudança vai originar a transformação da Biblioteca Nacional em Biblioteca de França. Quem se irá encarregar desta tarefa, Tolbiac ou a Rua Richelieu? Como planificar uma acão de tal modo complicada se os dois estabelecimentos - o antigo e o moderno - entrarem em conflito? Finalmente, qual será o destino da Rua Richelieu, esvaziada dos seus livros? Um instituto de arte? Não é verdade que a coabitação entre a Universidade e os museus parece anunciar-se difícil?

Dominique Jamet, director do estabelecimento público e Dominique Perrault, arquitecto do futuro edifício, deram esclarecimentos sobre o esboço da TGB. Não sem lamentar, como referiu Dominique Jamet, o processo de intenção que lhe está a ser feito: «Eu não lidero nenhuma conspiração contra o livro. Eu procuro pôr de pé uma biblioteca mais rica, maior e que funcione melhor que a actual Biblioteca Nacional.»

Presença massiva do audiovisual

Mais, quer dizer três bibliotecas numa só. O santo dos santos, acessível aos investigadores, que poderão ocupar 1200 lugares (contra 600 na Rua Richelieu). Uma biblioteca de informação de dois milhões de volumes destinada ao grande público. Um terceiro espaço, mais misterioso: a biblioteca da actualidade, que deve ser a montra do noso estabelecimento. Numa terceira sala serão apresentados conjuntos de livros, sobre um mesmo tema ou do mesmo autor, em função de um aniversário ou de uma celebração, desporto em que os franceses são campeões em todas as categorias.

Além disto, há ainda a presença do audiovisual, presença massiva, segundo afirma Dominique Jamet: «Não podemos atrasar-nos em relação a uma revolução». Melhor, é a elegância da arquitectura, a restauração e a microfilmagem das obras mais frágeis, a completa informatização do catálogo, a ligação com uma extensa rede de bibliotecas, quer francesas quer europeias.

Para além da querela comunicação-conservação, ficaram por aclarar largas zonas de sombra. Primeiro que tudo, o custo da operação. Cerca de 7 biliões de francos, estima-se. Mas esta verba, simplesmente aproximada, irá certamente ser acrescida dos custos das operações anexas, em simultâneo com a TGB: aceleração da informatização do ficheiro, já em curso (em finais de 1990 já poderão consultar-nos no «écran» cerca de 1 milhão de fichas; serão precisas mais cinco ou seis vezes este trabalho para o ficheiro ficar completo), junção das colecções em geral (a última vez que se fez este trabalho foi em 1947), restauração de 4,5 milhões de volumes, desdobramento das colecções que ficam na Rua Richelieu e instalação do novo instituto de arte.

Ummanuel De Roux
Serviço Exclusivo
«Le Monde»/«DL»
Tradução de Maria Otília Moreira

Roménia: quando os livros ardem

Toda a gente em França viu as imagens da Biblioteca Central Universitária de Bucareste em chamas. «O incêndio foi desencadeado voluntariamente», afirma Ionescu, o seu director. «O objectivo foi permitir que os membros da Securitate se eclipsassem, aproveitando o pânico.» A verdade é que os quinhentos mil volumes se desfizeram em fumo: livros únicos, incunábulos, edições raras e também numerosos manuscritos.

Durante o colóquio, Ionescu lançou um apelo à comunidade internacional para a reconstrução da sua biblioteca e para a «actualização» do conjunto das bibliotecas romenas afectadas por quarenta anos de ditadura.

E. de R.
Tradução de Maria Otília Moreira

A Biblioteca de Alexandria renasce das cinzas

Toda a gente conhece a mais célebre biblioteca da Antiguidade, com os seus 700.000 volumes, fundada no reinado de Ptolomeu Soter por Demétrio, um aluno de Aistóteles, três séculos antes de Cristo e devorada pelas chamas novecentos anos mais tarde, durante a conquista do Egipto pelos árabes. Graças à UNESCO, este símbolo do conhecimento vai certamente renascer.

Este organismo internacional abriu já um concurso de arquitectura para a sua reconstrução.

Ganhou a equipa norueguesa liderada por Thorsen. O edifício que apresentaram no colóquio é de forma circular. O seu diâmetro é de 160 metros e a sua altura de 35 metros. É fechado por uma parede onde estão inscritas todas as formas de escrita. A cobertura, que serve igualmente de filtro térmico, inclina-se até ao solo na direcção do mar. A iluminação é zenital.

O interior é dividido por uma série de planos desiguais, dispostos em terraços. As salas de leitura estão situadas à beira destes. Os armazéns encontram-se no fundo, ao abrigo da luz. Estão previstos 2000 lugares sentados. Deverá abrir em 1995 com 200 mil volumes, que aumentarão progressivamente para 4 milhões, sendo a sua capacidade total de 8 milhões de livros. Ficará situada junto a uma Universidade frequentada por 80.000 estudantes e deverá ser gerida pela UNESCO.

Há ainda grandes problemas a resolver. Por exemplo, o do seu financiamento, que deverá ser realizado através de uma campanha internacional, a ser lançada em 15 de Junho próximo em Assuão. François Miterrand pronunciará o discurso inaugural.

E. de R.
Tradução de Maria Otília Moreira

Para o jogo uefeiro com o Benfica

Dniepr em Lisboa: aeroporto-hotel em táxis!

Aí estão os quartos-de-final da Taça dos Clubes Campeões Europeus, quando os maiorais uefeiros recomeçam a perseguição aos mais honrosos pergaminhos futebolísticos do velho continente. Na Luz a noite de amanhã recepciona os soviéticos do Dniepr Dnepropetrovsk, colectividade fundada sob o nome de Stali, em 1936. Clube do Estádio Meteor (30 mil lugares), campeão do seu país em 1983 e 1988, cotado em 2.º lugar no último torneio da URSS (o vencedor, com mais dois pontos, foi o Spartak de Moscovo). Equipando precisamente como o Benfica (camisola vermelha e calção branco) o Dniepr é pioneiro do profissionalismo desportivo na URSS, tendo como técnico da turma de futebol um homem de 48 anos (Eugeny Kucherevsky) e apresentando normalmente a seguinte formação: Gorodov; Cherednik, Gerashenko, Sidelnkov e Yudin; Kudritsk, Yarovenko, Bagmut e Son; Shakov e Son.

A turma acaba de terminar as suas longas férias, em larga quota aproveitadas para efectuar diversos jogos-treino com outras equipas de futebol do estrangeiro, (RFA, México, Espanha), de molde a ir proporcionando rodagem para o duplo confronto com os benfiquistas e, simultaneamente, o ataque ao título soviético. Na fase de preparação, a turma de leste começou por bater (2-1) a mais que modesta formação alemã-federal do Baunatal (da 3.ª divisão) e os demais jogos que vem realizando não encheram o olhar dos adeptos, embora na 1.ª jornada do campeonato soviético tenha natido o Rotor Volgograd (3-1).

— De qualquer maneira (garante o treinador Kutcherevsky) *estou muito crente no meu «team»: vamos empatar na Luz a um golo e depois, na Ucrânia, até o 0-0 nos vai servir para continuarmos na prova.*

Até hoje, o Dniepr participou em cinco edições de troféus uefeiros: Taça dos Clubes Campeões (84/85, com ultrapassagens dos turcos do Trabzonspor e dos búlgaros do Levski, para travagem ante os franceses do Bordeaux graças a uma grande penalidade concretizada por Fernando Chalana, quando o «pequeno genial» estava ao serviço do clube tricolor; 89/90, com imediata eliminação ante os irlandeses do Linfield) e Taça UEFA (85/86, êxitos sobre o Wismut, da RDA, Hannover, da RFA. O afastamento veio de seguida; 0-3 infligidos pelos jugoslavos do Hajduk). O Dniepr voltou à liça, mas novamente sem sorte: afastamento em 1.ºs eliminatórias (86/87, pelo Legia da Polónia; 88/89, pelos franceses do Bordeaux). Como se nota, uma muito fraca prestação internacional.

O quadro de jogadores do Dniepr ressente-se da recente transferência do dianteiro Vladimir Liuty, para os alemães do Schalke 04, que seguiu os passos de outros atletas que mudaram de símbolo e passaram para o Dínamo de Kiev, pela mão do seleccionador Lobanovsky: precisamente Protassov, Demianenko e Litovtchenko, o que enfraqueceu notavelmente a formação que nos visita neste angustiante mês de Março em que a *f90terá, para além dos dois confrontos uefeiros, ainda responsabilidades a nível interno que são fundamentais para as suas aspirações ao nosso trono: casos das recepções ao Porto e ao Sporting, vitais para o futuro benfiquista.*

Mas, reportando-nos ao Dniepr recordemos que, para chegar a este degrau uefeiro, bateu o Linfield, da Irlanda (2-2, vantagem de um golo em terreno alheio) e Tirol, da Áustria (4-2). O seu total quadro de atletas inclui os guarda-redes Gorodov (28 anos, 1 e 82 de altura, 74 quilos) e Krakovski (29, 1 e 83, 80); defesas Sorokalet (34, 1 e 79, 72), Bachkirov (30, 1 e 70, 72), Putchkov (27, 1 e 80, 80), Iarovenko (26, 1 e 84, 77), Tchervoni (28, 1 e 80, 72), Guerachenko (21, 1 e 85, 76) e Ludin (22, 1 e 72, 68), os médios Chokh (29, 1 e 88, 83), Kabaev (28, 1 e 80, 73), Bagmug (27, 1 e 78, 70), Tichenko (26, 1 e 85, 78), Khudojilov (24, 1 e 75, 67) e Pafaltchuk (27, 1 e 76, 70) mais os dianteiros Krivichenko (23, 1 e 80, 72), Son (25, 1 e 76, 72), Kudritski (27, 1 e 66, 64), Chbirin (26, 1 e 86, 80), Cidelnikov (22, 1 e 84, 72) e Moskvltch (21, 1 e 78, 68).

A delegação do Dniepr chegou ontem a Lisboa, mas, mal poisou pé em Portugal, vinha o insólito: má organização de quem estava encarregado de promover a recepção logo perturbou a comitiva, pois não havia qualquer autocarro para transportar os nossos visitantes ao hotel e, assim, assistiu-se ao insólito de toda a embaixada se ir encaixando em táxis, com o Benfica verdadeiramente envergonhado do que acontecia.

Passado este momento frio e aborrecido, o treinador soviético Kutcherevsky (que foi cumprimentado pelo presidente benfiquista João Santos) escusou-se a divulgar os nomes dos jogadores que fizeram a viagem, declarando apenas: «trago 21. Só posso adiantar que não vieram Kusnetsov e Zaitsev, que ficaram treinando com outros colegas».

O tradutor oficial fez tal e qual como a agência encarregada de dar assistência ao Dniepr: não apareceu no aeroporto. Valeu, na emergência, um funcionário da embaixada da URSS em Portugal que lá foi traduzindo meia dúzia de coisas, pois os seus compatriotas riam imenso, mas quase não diziam uma palavra que se entendesse.

— *O treinador manda dizer que respeita muito o Benfica, mas que vem empatar o jogo, com golos no marcador. Nomes de atletas? Só conhece Chalana e Bento. Faz um voto: que o jogo seja bonito e muito correcto.*

A seca-rolhas, o técnico soviético ainda soltou:

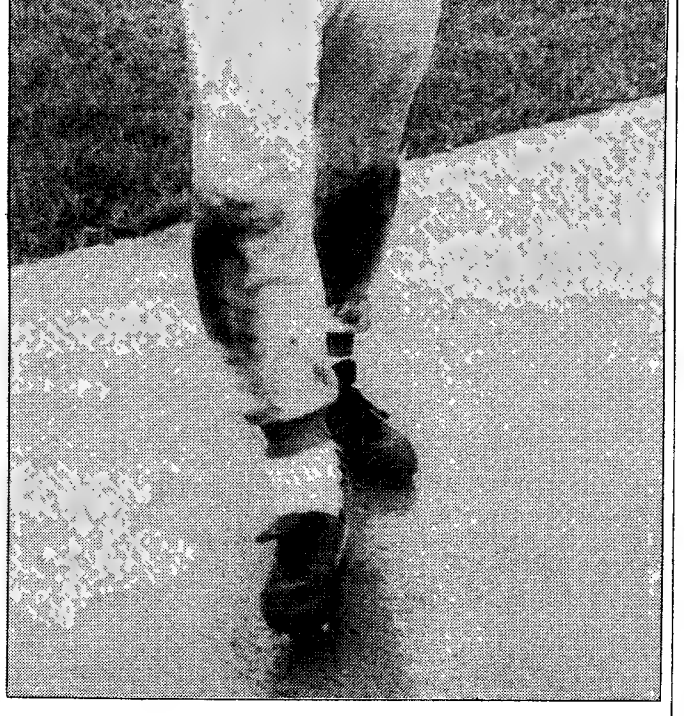
— Fizemos já 11 jogos, ganhámos nove, estivemos há pouco em Madrid (vencemos uma equipa do Real, por 2-1). A nossa primeira figura (Tichenko) ficou em Dniepr: está castigado pela UEFA. Aqui, tenho o Iorovenko, ainda em dúvida, com uma lesão na coxa.

Em táxis, sacos de bagagem aos trambolhões, o Dniepr lá marchou a caminho do hotel. Mais tarde, iria treinar ao Estádio Nacional. Hoje, estão indicadas duas sessões de preparação física: em Pina Manique e, pelas 21 horas, no Estádio da Luz. Entretanto, a direcção do Benfica reúne-se com os responsáveis soviéticos em jantar que decorrerá num restaurante típico da capital.

Já se sabe que o árbitro do jogo de amanhã será o francês Jean Quiniou, bem conhecido do nosso público e que, na turma benfiquista, tudo se conjuga para o reaparecimento do sueco Thern (que tem estado lesionado), ao mesmo tempo que é igualmente possível que o defesa brasileiro Aldair já possa formar dupla central com o compatriota Ricardo. Desse modo, todo o grupo de 1.º plano estará ao dispor de Sven Eriksson, para um espectáculo que terá na moldura 700 policias e 150 elementos de uma empresa privada de segurança que, como nos disseram na Luz, «*vai peneirar até ao milímetro quem entrar no estádio, impedindo desordens ou provocações, pois o Benfica bem sabe que há grupos organizados para tentarem a sua desestabilização nesta importante altura da época: quando compete pelo título nacional e pelo melhor prémio europeu*».

Espera-se, portanto, que o «show» luso-soviético (que não deve ser transmitido pela RTP) funcione como bela alavanca para os portugueses, face à difícil deslocação complementar que, a 21 do corrente, os colocará numa cidade que até há pouco estava completamente vedada a olhares estrangeiros, dada a proximidade de importante central nuclear. Agora Dniepr é uma cidade aberta.

Neves de Sousa



Thern: regresso perante o Dniepr

Benfica: último apronto oficial (em Penafiel) foi bom teste

«Hooliganismo» no nosso país

Violência chega à Polícia!

A violência vai alastrando nos recintos desportivos portugueses de forma a causar sérias preocupações e exigir decisões urgentes com medidas drásticas: relatórios que os serviços de relações públicas da Guarda Nacional Republicana emitem semanalmente são elucidativos quanto ao número (alarmante) e à especificidade dos incidentes e distúrbios que ocorrem nos recintos desportivos da sua zona de jurisdição, mas as entidades responsáveis pela lei e pela grei parecem pouco inquietadas com a gravidade que o caso aconselha e recomenda.

No passado sábado, houve hooliganismo em S. Mamede de Infesta com duas dezenas de adeptos do vandalismo armados de ferros e paus, munidos de pedras e protegidos com capacetes de motorizadas, dispostos a mostrar a sua «valentia» frente aos jogadores e dirigentes do Fafe. Três futebolistas (Agostinho, Figueiredo e Osvaldo) tiveram que ser assistidos no Hospital de S. João e o autocarro do clube fafense ficou seriamente danificado, a exigir uma reparação que orça em mais de dois mil contos.

Naturalmente que os dirigentes do Fafe pretendem que sejam apuradas responsabilidades e bom será que elas não tardem, com severa punição aos agressores.

Polícia engana-se na vítima

Para que conste a notícia (triste) aqui fica. Segundo revela o jornal «Record», na sua edição de hoje, um agente da PSP, trajando à civil, entrou nas cabinas do Penafiel e desatou aos socos ao treinador Coelho (adjunto de José Augusto) que terá ripostado a preceito. Indagado pelo técnico do Penafiel, das razões sobre tal atitude, o «cívico» afirmara que se enganara na cabina. Queria a do Benfica! Esta notícia dispensa comentários.

Assassino de José Reis detido na Póvoa de Varzim

O presumível assassino do guarda-redes José Moreira dos Reis foi, juntamente com outros três protagonistas do bárbaro acontecimento de 8 de Fevereiro, detido, ontem, pela PSP do posto de Caxinas, quando se encontrava escondido no sótão de casa da mãe de um deles, na Urbanização da Mariadeira (Póvoa de Varzim). Os detidos foram entregues à Polícia Judiciária sendo hoje presentes ao Tribunal de Instrução Criminal do Porto.

Violência em Argel

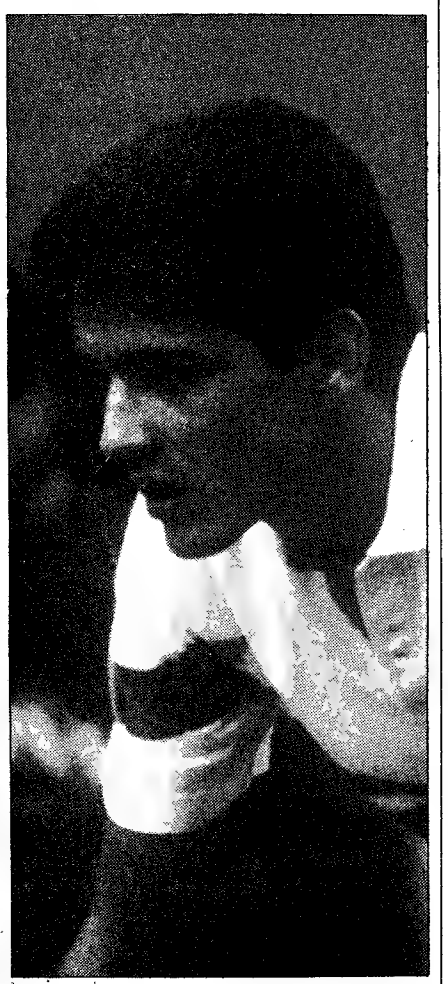
O encontro Nigéria-Egipto, realizado ontem (em Argel) terminou em batalha campal e a chacina esteve à vista. O público (70 mil pessoas) apresentou-se fortemente municiado de garrafas, pedras, latas e blocos de madeira. O hino nacional egípcio não foi respeitado. A polícia era em número reduzido para conter a fúria dos argelinos, em pleno ebolição bélica. O caos esteve prestes a suceder e receia-se que, no encontro de amanhã, entre a Argélia e o Egipto, a violência venha a ser reacendida.

Sporting joga no sábado

Alterações em três dos jogos referentes à ronda 23 do campeonato nacional de futebol, com antecipações para sábado: Feirense-Beira Mar (15 e 30), Sporting-Portimonense e Marítimo-Penafiel (16 horas). Os demais jogos da rodada processam-se pelas 15 horas de domingo.

Ivan Lendl: o melhor de todos

João Cunha e Silva: 176.º do mundo



Nuno Marques: 130.º mundial

Ténis: Nuno Marques é o 130.º Mundial

Cunha e Silva está no 176.º lugar

Nuno Marques ascendeu à 130.º posição do «ranking» mundial, na classificação divulgada pela Associação de Tenistas Profissionais. O tenista portuense está a um passo de igualar o seu melhor «ranking» de sempre: quando, a 17 de Abril do ano passado, figurava em 126.º do mundo, após ter ganho dois torneios «challenger» (em Portugal) além de ter sido semifinalista num outro também por cá em Tróia).

Nesta pontuação já estão contabilizados os pontos adquiridos na passada semana no torneio do Cairo e onde Nuno Marques atingiu os quartos-de-final, perdendo para aquele que seria o finalista vencido do torneio, o espanhol José Francisco Altur.

Cunha e Silva surge classificado no 176.º lugar apenas dois postos acima do seu melhor de sempre, alcançado no início deste ano. Bernardo Mota (que integrou a selecção portuguesa para a Taça Davis, na deslocação ao Gana) surge classificado em 893.º do mundo, sendo o 4.º elemento entre os melhores portugueses. O 3.º tenista português a figurar nas listas do ATP é Pedro Cordeiro (actual treinador de Nuno Marques) que figura em 675.º do mundo.

Lendl: o máximo

O norte-americano Brad Gilbert ascendeu ao 4.º lugar do «ranking» mundial, que continua a ser comandado pelo checoslovaco Ivan Lendl. Gilbert assumiu o comando de um grupo de sete tenistas norte-americanos nos 10 primeiros lugares do «ranking», com o seu primeiro triunfo num torneio europeu (domingo, em Roterdão, frente ao sueco Jonas Svensson). «Ranking» mundial» 1.º, Ivan Lendl (Checoslováquia); 2.º, Boris Becker (Alemanha Federal); 3.º, Stefan Edberg (Suécia); 4.º, Brad Gilbert (EUA); 5.º, John McEnroe (EUA); 6.º, Aaron Krickstein (EUA); 7.º, Michael Chang (EUA); 8.º, André Agassi (EUA); 9.º, Tim Mayotte (EUA) e 10.º, Jay Berger (EUA).

Steffi Graf: a 1.ª

A alemã-federal Steffi Graff comanda o «ranking» mundial e a tabela de pontos do circuito feminino de ténis, de acordo com a associação da modalidade (Wita). A argentina Gabriela Sabatini é a número 3 do mundo, mas não a figura entre as 20 primeiras tenistas da tabela de pontos, onde a 3.ª posição é ocupada pela checolovaca Helena Sukova, 10.ª no «ranking» mundial. Lista mundial feminina: 1.ª, Steffi Graff (RFA); 2.ª, Martina Navratilova (EUA); 3.ª, Gabriela Sabatini (Argentina); 4.ª, Zina Garrison (EUA); 5.ª, Arantxa Sanchez (Espanha); 6.ª, Mónica Seles (Jugoslávia); 7.ª, Manuel Maleeva (Suíça); 8.ª, Mary Joe Fernandez (EUA); 9.ª, Conchita Martinez (Espanha) e 10.ª, Helena Sukova (Checoslováquia). Tabela de pontos:

1.ª, Steffi Graff, 1120 pontos; 2.ª, Martina Navratilova, 975; 3.ª, Helena Sukova, 655; 4.ª, Natália Zevereva (URSS), 613; 5.ª, Mary Joe Fernandez, 575; 6.ª, Zina Garrison, 570; 7.ª, Amy Frazer (EUA), 493; 8.ª, Manuela Maleeva, 485; 9.ª, Cláudia Porwick (RFA), 483; 10.ª, Katerina Maleeva (Bulgária) e Dinky Van Rensburg (África Sul), 325.

Incerteza

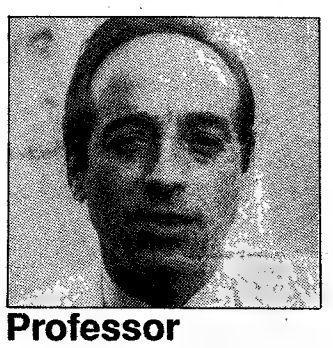
Antigo director-geral dos Desportos e actual vice-presidente leonino, o professor Lopes Marques parece disposto a apresentar hoje a demissão do seu cargo, quebrando o elenco de Sousa Cintra pelo quarto nome desistente da sua lista de primeiro arranque.

Infelicidade

Tremendo azar do goleador Romário (de Sousa Faria), ponta-de-lança dos holandeses do PSV: fractura da perna direita, no encontro com o Dan Haag, rouba-o aos planos do técnico Lazaroni para o *escrete canarinho* que vai exibir-se no «Mundial», em Itália.

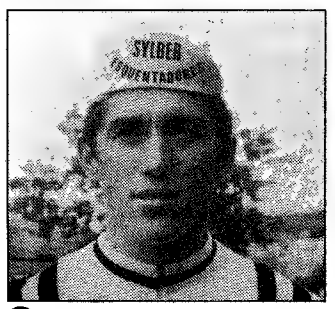
Brilhante

Magnífico comportamento do canoista José Garcia, nas Regatas de Sevilha: o atleta de Vila do Conde, que conquistou medalha de bronze nos «Mundiais» (na Bulgária) bateu agora o campeão mundial Attila Szabo (da Checoslováquia) numa prova de 1000 metros.



Professor

Um dos mais jóvens técnicos do nosso hóquei em patins vai ensinar outros mestres, em Moçambique. Vítor Pinheiro (que foi seleccionador nacional) encontra-se no Maputo, leccionando uma modalidade desportiva que já teve altos representantes moçambicanos.



Surpresa

Aos 28 anos de idade, o antigo campeão nacional de juniores, José Marques (que correu bastante tempo em França) veio agora vencer a sua 1.ª prova como profissional: o Grande Prémio de Lisboa, em Ciclismo, representando o renovado bloco do Bom Petisco/Tavira.

Rentabilidade

Bem se pode invejar a bela vida de Manuel José, treinador despedido do futebol sportinguista. Depois de ter «amigavelmente rescindido» o contrato com os *verde-brancos* continua a receber mensalmente (e até Julho) a pequena quantia de 1800 contos!

Arbitragem do futebol

Coro nacional de protestos cantado em vários tons

«Tenho vários motivos para estar imensamente contente: os árbitros novos que beneficiaram de minha aposta, cumpriram como eu já esperava e isto resultou num estímulo encadeado para os que irão surgir... Todos os juízes que estão na primeira categoria devem efectuar o mesmo número de jogos pois só assim poderemos encontrar uma forma justa da avaliação... Num jogo de futebol, o árbitro não deve ser nomeado levando em conta o seu nome, mas sim a sua categoria, estado físico e psicológico, que são elementos determinantes para garantirem um trabalho eficaz e dentro das exigências que se pretendem.»

Rosa Santos, Vítor Correia e Carlos Valente aferidos pela bitola dos «debutantes»

Sabendo-se das convulsões geradas em torno do insensato critério protagonizado pelo dr. Lourenço Pinto, estranha-se que tenha vindo a terreiro confessar o seu contentamento. Afirmar satisfação por uma atitude generalizadamente contestada não se afigura atitude a respeitar. O actual presidente do Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol resolveu inovar métodos, ignorando os riscos advindos e uma onda de revolta que fez galgar as margens de tranquilidade, tendo como vítimas os árbitros que por aí foram acusados de gatunos e ladrões apenas porque cometeram atropelos às normas instituídas pelo International Board, na maioria dos casos, por inexperiência, noutras talvez por motivos que se nos escapam.

Lourenço Pinto inovou o nivelamento por baixo e fez mal, porque esqueceu a regra basilar de que para os jogos mais importantes deverão ser escolhidos os árbitros mais experientes. Colocar José Guímara no patamar de Rosa Santos, Alexandre Morgado ao lado de Vítor Correia, considerar Vítor Pereira igual a Carlos Valente, medir Fernando Correia pela bitola de Veiga Trigo, só poderia passar pela mente da quem tem andado muito afastado da realidade futebolística. É esse o caso do advogado Lourenço Pinto que, em «cima da hora», foi descoberto para liderar o mais sensível dos órgãos sociais da FPF, bastando, para o reconhecer, atentar nesta sua afirmação feita poucas horas depois de, no dia de S. Martinho, ter sido eleito: «*A designação do árbitro não tem em vista quer este elemento quer o clube, tem em vista, sim, a especificidade do jogo, a questão territorial e a quilometragem que tem de ser distribuída, porque as diferenças de compensação são grandes, não devendo esse factor financeiro não vir a prejudicar o mérito da actuação, o que quer dizer que terá de ser encontrada uma consonância levando em linha de conta vários factores como o geográfico, as deslocações, a especificidade do jogo e o facto das actuações posteriores e/ou anteriores não darem repetições.*»

Daqui se infere que o presidente dos árbittros ignorou as regras fundamentais: grau de dificuldade do jogo, experiência do árbitro, reputação, credibilidade do árbitro, antecedenttes entre o árbitro e o(s) clube(s) em confronto e outras questões basilares que recomendam rigor, transparência, insenção na difícil função de escolher os juízes do jogo.

Uma desatenção que terá custado algumas suspeições e graves acusações, só porque o líder da arbitragem não cuidou de se familiarizar com o sector recolhendo «ensinamentos» de gente experimentada, como, por exemplo, António Manuel Pereira, Fernando Pimenta, Sousa Loureiro, Rafael Rodrigues, Pinto de Sousa e outros antigos dirigentes que muito dignificaram a arbitragem quando passaram pelo filtro da competência.

Nomeações e secretismo

Das inovações e originalidades do dr. Lourenço Pinto, sabe-se o resultado: protestos, denúncias, suspeições, conferências de Imprensa, e «atestados de incompetência». Tudo isto vem sucedendo a esmo, com rótulos que em nada abonam um sector que se deseja fortemente moralizado.

Ao chamar a si o exclusivo das nomeações, para os jogos da I divisão (e outros), o presidente da arbitragem deu um primeiro passo em falso. Porque ao pretender colocar os árbitros «em linha» medindo internacionais pela bitola de «debutantes» é, apenas, ideia platónica. Não resultou. Inevitavelmente.

Nomeações feitas, exclusivamente, pelo presidente. Outro erro. Porque o presidente acabava de chegar e nunca estivera familiarizado com o sector. Mas exigiu que assim fosse, porque se tal não sucedesse ele se demarcaria das nomeações. Uma afronta ao bom-senso. Uma ofensa aos companheiros. Uma exigência indecifrável. A afronta e a ofensa foram ultrapassadas e a exigência vingou. Lourenço Pinto venceu. O futebol perdeu. A arbitragem bateu com a dignidade do tapete.

Quanto aos métodos de secretismo o dr. Lourenço Pinto pensava assim:

«*Sou defensor acérrimo de que os árbitros quando imbuídos de boa-fé, podem e devem ser publicitados para que todos possam conhecer atempadamente. Os homens de direito são assim. Gostam que tudo seja feito às claras e quando ambas as partes, no caso vertente, árbitros, dirigentes e clubes, são sérias e honestas, nada obsta que se conheçam, previamente e com alguma antecedência, as respectivas nomeações. Esta é a minha ideia. No entanto, as decisões serão tomadas pelo Conselho Nacional, que é o órgão colegial que decida em maioria e não na ironia, como princípio totalmente presidencialista, que nunca perfilhei nem perfilho*» (*«O Jogo» — 14-11-89*).

Pensava realmente assim mas agiu de forma contrária ao «esconder» as nomeações até à tarde de 6.ª feira. Mais uma incoerência. Outra contradição. Mais um erro. Outra falha. Contradições que se devem evitar. Erros sem desculpa. Lapsos imperdoáveis. O presidente da arbitragem contradiz-se, erra e falha. Por isso, reconsidere. Ou demita-se. Obviamente fica a alternativa.

Alves Henriques

BREVES

PRÉMIOS: A Federação Alemã Federal de Futebol prometeu aos jogadores da selecção um prémio individual especial de 125 000 marcos (mais de 11 000 contos) pela vitória no Campeonato Mundial de Itália e caso sejam finalistas vencidos, o prémio será de 80 000 marcos (cerca de 7000 contos).

Todos os 22 jogadores do plantel — sejam efectivos ou suplentes — receberão o prémio especial, que foi anunciado durante o estágio que a equipa actualmente efectua em Montpellier, França.

«DOPING»: O Convénio do Conselho da Europa Contra o «Doping» no Desporto, entra hoje em vigor em cinco países signatários do documento, informou a organização dos «23» em comunicado. O convénio, o primeiro instrumento internacional com força legal no âmbito da luta contra o «doping», prevê a redução do acesso aos esteroides anabolizantes e o apoio à realização regular de análises de controlo em competições e treinos.

O documento do Conselho da Europa prevê também a actualização periódica por uma comissão especializada da lista de todas as substâncias proíbidas.

Os cinco países onde vai ser implementado o convénio são a Noruega, Dinamarca, San Marino. Grã-Bretanha e Hungria, apesar de o texto ter sido também assinado pela Espanha, Bélgica, Finlândia, França, Itália, Liechenstein, Luxemburgo, Polónia, Suécia, Suíça e Turquia.

SIDA: Um pugilista africano foi afastado de um combate, em Londres, ao recusar revelar o resultado de um teste anti-SIDA obrigatório.

A Comissão de Controlo Britânica de Boxe excluiu Proud Kilimanjaro, do Zimbabwe, campeão africano de pesos pesados, pouco antes do iníco do seu combate, com o canadiano Lennox Lewis.

Recorde-se que a Grã-Bretanha exige, desde 1988, testes anti-SIDA para pugilistas estrangeiros. Kilimanjaro, que já combatera anteriormente em Inglaterra, foi o primeiro a recusar-se a revelar o resultado do teste.

ÓBITO: O veterano William McKinney morreu perto da meta, quando disputava a maratona de Los Angeles, vitimado por um ataque cardíaco a cinco milhas da meta, sendo a primeira morte ocorrida na maratona de Los Angeles, desde que começou a disputar-se em 1986. Este ano participaram 18 918 atletas.

REGRESSO: A atleta norte-americana Florence Griffith-Joyner, que ganhou três medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Seul e abandonou depois a competição, afirmou que vai correr a maratona, e tentar participar nos Jogos Olímpicos de 1996. «Gostaria de correr os 800 metros, e sou ainda candidata ao recorde mundial dos 400 metros. Penso que tenho ainda todas as oportunidades, e o meu grande sonho é correr a maratona, porque eu gosto do atletismo», afirmou a atleta, que diz estar em negociações para participar em cenas de um filme da série James Bond.

Florence Griffith-Joyner: maratona em perspectiva

TORRES da BELA VISTA
(Planalto S. António dos Cavaleiros) Lisboa Informações: 988 0646/0489

TORRES do SADO
Setúbal Informações: 065 721144

Compre o seu apartamento de 2, 3 ou 4 assoalhadas
Preços baixos e entradas facilitadas. Empréstimo tratado por nós junto C.G.D.

ESTIL ESTUDOS, INVESTIMENTOS E URBANIZAÇÃO S.A
TETRA CONSTRUÇÃO, S.A
TRIGERE GESTÃO IMOBILIÁRIA, Lda

I Série N.º 54
Dia 6 de Março
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças

Portaria n.º 171/90:
Fixa o valor do índice 100 correspondente à escala salarial das carreiras médicas.

Ministério das Finanças

Declarações:
De ter sido autorizada a abertura de créditos especiais no orçamento de vários ministérios no montante de 108.043.760 contos para o ano de 1989.

De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 112.910 contos para o ano de 1989.

Ministério da Administração Interna

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 744.589 contos para o ano de 1989.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério dos Negócios Estrangeiros para o ano de 1989 no montante de 199.739 contos.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 172/90:
Dá nova redacção ao n.º 9.º da Portaria n.º 80/88, de 5 de Fevereiro, na redacção que lhe foi dada pela Portaria n.º 3/89, de 2 de Janeiro (altera os prémios da imobilização temporária e definitiva de embarcações de pesca).

Ministério da Saúde

Decreto-Lei n.º 73/90:
Aprova o regime das carreiras médicas.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 62.560 contos.

VIDEO crac filmes

O CINEMA DE QUALIDADE EM SUA CASA

- O Couraçado Potemkine
- A Mãe
- Escrava do Amor
- Amor em Tempo de Guerra
- Balada do Soldado

PACOTE COM 3 TÍTULOS 10 CONTOS
PREÇO UNITÁRIO: 5 CONTOS

PANORAMA DO CINEMA DE ANIMAÇÃO NA CHECOSLOVÁQUIA
Filmes de Animação - colecção VASCO GRANJA

- O Paraíso das Imagens (Canadiano) 3.400$00
- O Homem de Papel (Canadiano) 3.450$00
- Volume I e Volume II (Cassetes para todos)
- Volume III e Volume IV (Cassetes para adultos)

PREÇO UNITÁRIO DE CADA VOLUME 2.950$00

Enviamos à cobrança pelos CTT Aceitamos cheques/encomenda
Apartado 90-2745 QUELUZ
Telf. 437 50 86/437 09 31-Telex 66 973 CRAC

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: - Céu pouco nublado, vento fraco e neblina durante a manhã.

Regiões do Centro e Sul: -Períodos de céu muito nublado, vento fraco ou moderado de Leste e aguaceiros.

Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros ma Costa Ocidental e de pequena vaga a cavado com ondulação Sueste de 4 metros na Costa Sul.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado e vento Sudoeste fraco a moderado. Aguaceiros fracos.

Mar de pequena vaga com ondulação Norte de 3 metros na Costa Norte e mar encrespado com ondulação Sueste de 1 metro na Costa Sul.

No Funchal, céu geralmente muito nublado e vento fraco.

Amanhã: - Céu muito nublado e vento Sudoeste fraco ou moderado.

Depois de amanhã: - Céu geralmente muito nublado e Vento Nordeste fraco ou moderado. Aguaceiros fracos.

AÇORES

Grupo Ocidental: - Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco, Mar de pequena vaga com ondulação Nordeste de 2 a 3 metros. Mar cavado a grosso com ondulação Nordeste de 2 a 4 metros.

Grupo Central: - Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Nordeste de 3 a 4 metros.

Grupo Oriental: - Céu geralmente muito nublado e vento Nordeste moderado a forte, com rajadas. Aguaceiros fracos. Mar cavado a grosso com ondulação Nordeste de 3 a 4 metros.

Amanhã:

Grupo Ocidental - períodos de céu muito nublado e vento fraco ou moderado de do quadrante Oeste.

Grupos Central e Oriental - Períodos de céu muito nublado e vento Norte, por vezes forte.

Depois de amanhã:

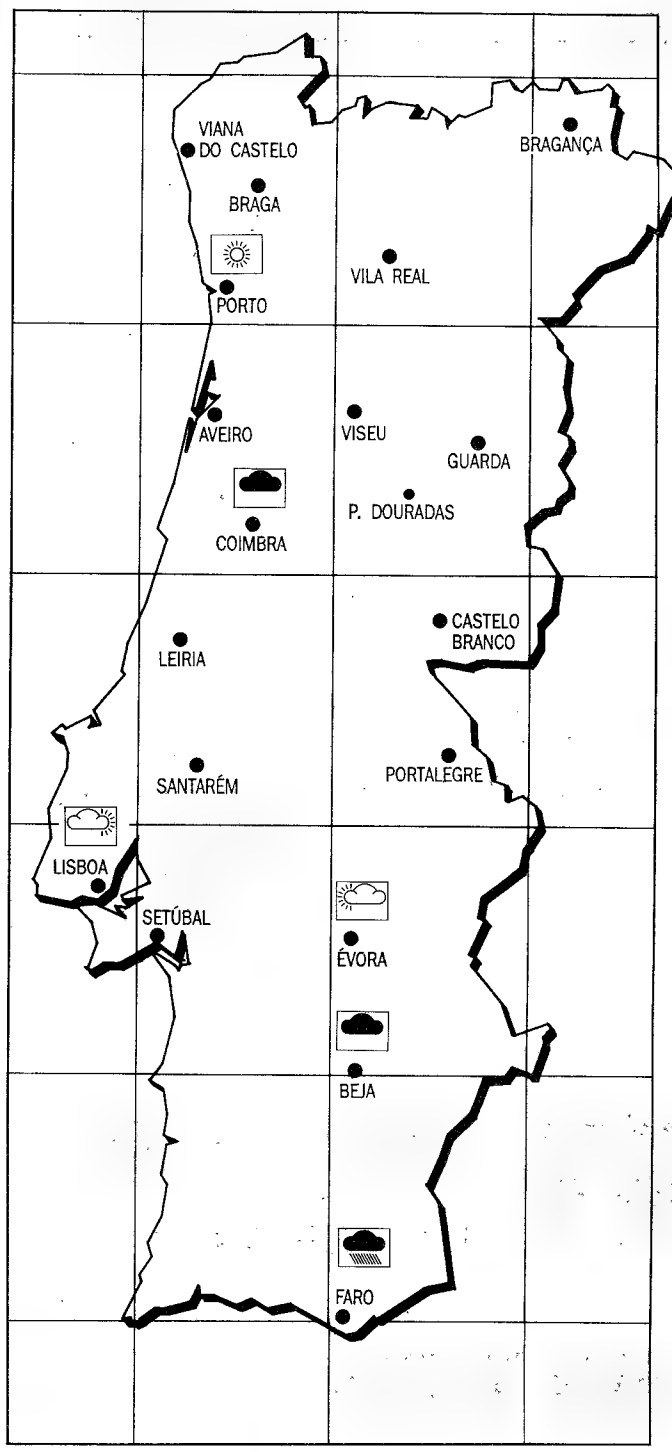
Grupo Ocidental - céu geralmente muito nublado e vento Sul moderado a forte com períodos de chuva.

Grupos Central e Oriental - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Sul no Grupo Central e de Nordeste no Grupo Oriental.

Amanhã
No Continente:
Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco de Sueste. Aguaceiros fracos durante a madrugada e manhã e pequena subida da temperatura, em especial nas regiões do interior.

Depois
No continente:
Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco. Neblina matinal.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.55	2,9m	03.13	1,5m
22.36	3,1m	15.48	1,6m

Amanhã

11.30	2,9m	04.59	1,4m
23.58	3,2m	17.21	1,5m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	4	4	P. nub.
V. Castelo	6	6	Limpo
Vila Real	5	5	Limpo
Porto	5	5	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	13	13	M. nub.
C. Carvoeiro	12	12	Encoberto
C. Branco	5	5	P. nub.
Portalegre	6	6	P. nub.
Lisboa	10	10	M. nub.
Évora	7	7	P. nub.
Beja	8	8	M. nub.
Sines	11	11	Encoberto
Faro	13	13	M. nub.
Sagres	-	15	P. nub.
P. Delgada	12	12	M. nub.
Horta	10	11	M. nub.
Funchal	12	12	M. nub.

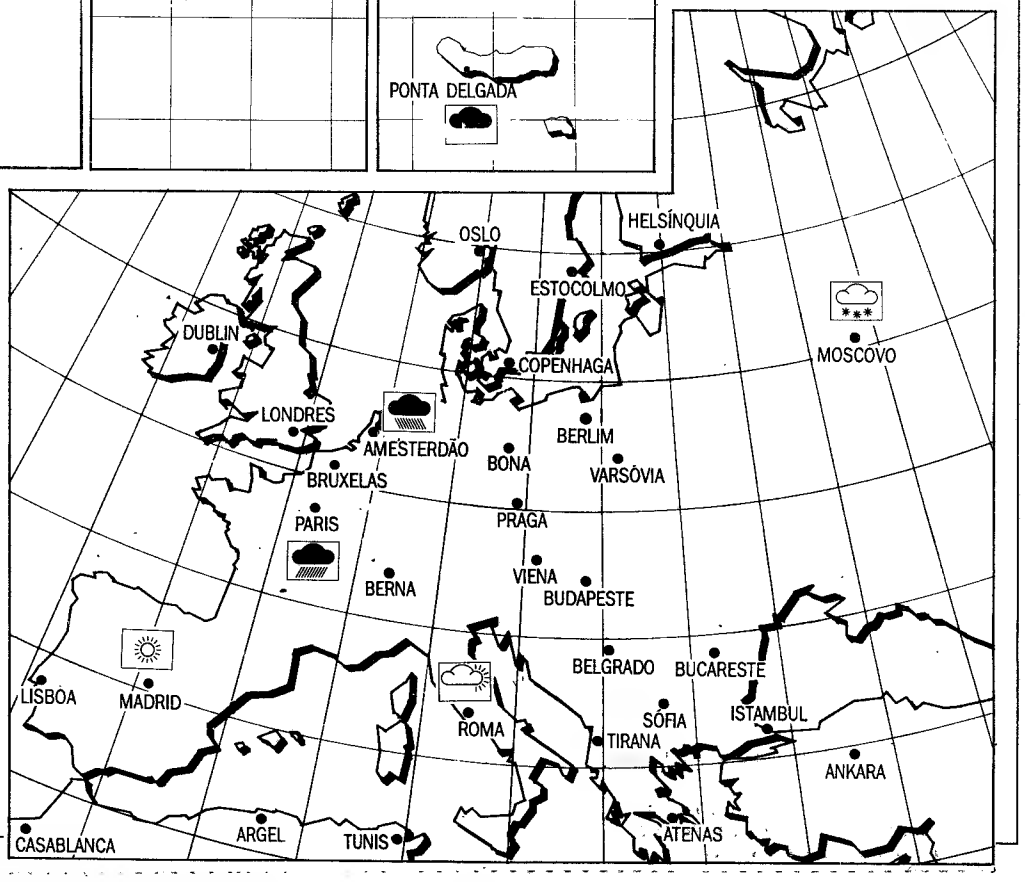
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 15; Porto, 15; Faro, 17; P. Delgada, 14; Funchal, 19.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	-2	-2	Limpo
Londres	8	8	Encoberto
Paris	1	3	M. nub.
Bruxelas	6	6	M. nub.
Amesterdão	7	8	M. nub.
Genebra	-4	-3	M. nub.
Roma	-1	0	Neblina
Oslo	0	2	P. nub.
Copenhaga	5	5	Chuva
Estocolmo	0	0	P. nub.
Berlim	7	8	Chuva
Viena	7	7	P. nub.
Varsóvia	-	-	-
Atenas	5	7	P. nub.
Moscovo	-	-	-

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-1	3	P. nub.
Houston	15	24	Trovoada
Los Angeles	10	19	Limpo
Montreal	-18	-8	Limpo
Nova Iorque	-3	4	Neve
S. Francisco	6	16	Nevoeiro
Toronto	-17	-7	Limpo
Vancover	6	10	Aguaceiros
Washington	0	7	P. nub.
Hong Kong	12	18	Limpo
Melbourne	16	26	Limpo
Pequim	-2	7	Limpo
Perth	21	30	V. forte
Singapura	25	34	Limpo
Sydney	21	29	Aguaceiros
Tóquio	3	11	Limpo
Wellington	13	23	V. fraco



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Teles, Rua João Barros, 2 - Frente, Tel. 3638176; **Alvalade:** Belo, Av. Roma, 53-A, Tel. 776314; **Benfica - Portas Benfica - Damaia:** Progresso, Estrada-a-Damaia, 64-C, Tel. 702226; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Campo Pequeno - Apolo 70:** Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, Loja 18-19, Tel. 771661; **Chile - Alto São João:** Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; **Liceu Pedro Nunes:** Janeiro, Av. Álvares Cabral, 96-100, Tel. 661453; **Lumiar:** Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93 A-B, Tel. 7591131; **Olivais Sul:** Antunes Rosas, Pc. Cidade do Luso, Lote 199, Tel. 313610; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Amoreiras - Campolide: Pinto, Rua Campolide, 11, Tel. 682610; **Areeiro:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Caminhos Ferro:** Alves Carvalho, Rua Vale Santo António, 7-9, Tel. 8140125;: **Campo Grande:** Neoterapia, Campo Grande, 138-140; **Enc. Restelo - Esc. P. Vicente:** Belém, R. Tristão Vaz, 10-A, Tel. 612248; **Infante Santo - Pampulha:** Infante Santo, Rua Olival, 290, Tel. 661003; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rossio:** Estácio, Rossio, 60-63, Tel. 327067; **Saldanha:** Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55, Tel. 543938; **Santa Bárbara:** Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10, Tel. 570593; **Sete Rios:** Canto, Est. Laranjeiras, 202-B, Tel. 7264841; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvite - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Amadora, P. 25 Abril, 3-A, Tel. 4935518. Permanente; Campos, R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Até às 22 h; **Damaia:** Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22 h; **Queluz:** Serra & Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-GE, Tel. 4377619. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Central, R. Olivença, 11-B, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Santa Marta, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44, Tel. 2072141. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cidade Setúbal, 1-B, Tel. 2536172.

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766 171 / 766 178 / 766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

TOTOBOLA

POZZUOLI: população em pânico

XXI VOLTA A PORTUGAL AUTOMÓVEL

ENSAIA-SE UM NOVO MÉTODO PARA APRENDER A FALAR FRANCÊS

Experiências pedagógicas em duas escolas de Lisboa

Pozzuoli: população em pânico

Transformou-se hoje num êxodo irreprimível o que começou como a evacuação ordeira de alguns milhares de habitantes de Pozzuoli, antigo posto de pesca italiano. Pouco convencidos pelas garantias dos técnicos de que não está iminente qualquer abalo de terra ou erupção vulcânica, cerca de metade dos 65 mil habitantes de Pozzuoli abandonou já a cidade. O êxodo principiou há três dias quando funcionários começaram a evacuar um «bairro de lata»...

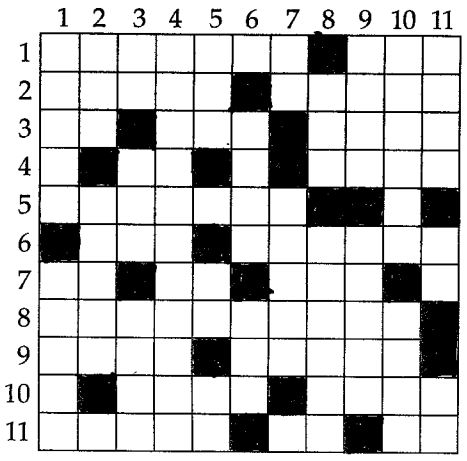
Muskie critica Nixon

O senador Edmund Muskie, proeminente candidato à nomeação presidencial democrática em 1972, atacou, a noite passada, a política do presidente Nixon no Vietnam, classificando-a como uma fórmula para continuar a guerra, enquanto abafava as críticas internas.

Acusação chinesa à Índia

Pequim acusou a Índia de estar a intensificar os seus preparativos de guerra ao longo das fronteiras com a China e o Paquistão. A Rádio Pequim afirmou que o Governo indiano aumentou este ano, de forma tremenda, as suas despesas militares, sacrificando e explorando o povo.

PALAVRAS CRUZADAS



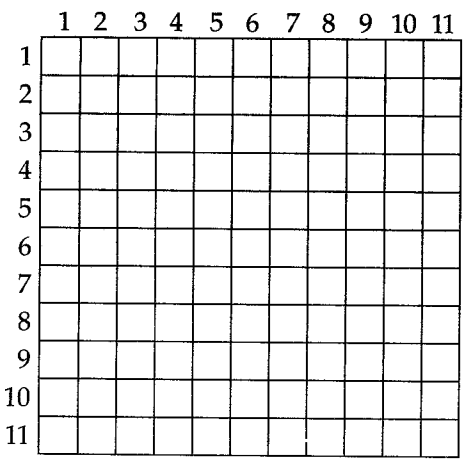
PROBLEMA N.º 17871

HORIZONTAIS:

1 - Aquele que trabalha em loiça de barro. Pronome relativo.
2 - Elevação da voz ou do tom. Tocas.
3 - Amuletos. Interjeição brasileira.
4 - Carta de jogar. Patrona da ilha de Malta.
5 - Medida de comprimento. Artéria.
6 - Saltar. Aqui.
7 - Exprime admiração (interj. Bras.). Arreda!
8 - Manganés (s.q.). Serra de Portugal. Tanto.
9 - Idem. Zunam.
10 - Acudo. Platina (s.q.).
11 - Alcorão. Irmão de Moisés.

VERTICAIS:

1 - Executa. Artigo indefinido. Antes de Cristo.
2 - O mesmo que penol. Vaso de noite.
3 - Unidade de trabalho. Mulo. Mágoa.
4 - Diz-se dos monstros duplos em que cada indivíduo está completamente desenvolvido e possui todos os órgãos necessários à vida. Batráquio.
5 - Rente. Basta! Líquido que se separa do leite e do sangue depois de coagulados.
6 - Cidade de França.
7 - Sem tardança. Executa. Artigo definido.
8 - Espécie de inambu. Aqui. Agora.
9 - Cidade da antiga Caldeia. Velhaco (pop.).
10 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Ouro (s.q.). Prensa de penteeiro.
11 - Catedral. Grande cão de fila. Porco.



PROBLEMA N.º 16681

HORIZONTAIS:

1 - Antiga capital da Judeia.
2 - Agucei. Cidade da Arábia.
3 - Amimados. Homem (Gir de ciganos Bras).
4 - Além. Introduzia.
5 - Uma das Cíclades. Samário (s.q.). Caminhar para cá.
6 - Ondas curtas. Cevou.
7 - Ataque repentino.
8 - Vê. Acredita.
9 - Atraíra. Rio da Suíça.
10 - Guardaram segredo. Íntimo.
11 - Rezar. Costumes.

VERTICAIS:

1 - Ilha inglesa das Grandes Antilhas. Ferro temperado.
2 - Heróico. Bater.
3 - Ramalhudos. Olé.
4 - Rio da Rússia. Pisar aos pés.
5 - Luxos (pop.). Tragédia de Shakespeare.
6 - Escudeiro. Matemática. Oceano (inv.).
7 - Samário (s.q.). Observam.
8 - Preposição. Nome de mulher.
9 - Atormentais.
10 - Pele espessa e dura de alguns animais. Pernada.
11 - Leito. Osso do braço (pl.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17870

HORIZONTAIS: 1 - CORAÇÃO. Dar. 2 - Arica. Anata.. 3 - Pã. Osa. Amem. 4 - Fr. Oaio. 5 - Amargor. 6 - Abé. Lumiar. 7 - Fi. NB. Men. 8 - Rastejaras. 9 - Ásia. Irene. 10 - Arma. Cela. 11 - Oiras. Se. Ou.
VERTICAIS: 1 - Capsa. FRACO. 2 - Ora. Maias. 3 - Ri. FAB. Siar. 4 - Acorrentara. 5 - Cãs. Be. Ms. 6 - Atol. Jia. 7 - Ao. Rumar. 8 - NÃO. MERECE. 9 - DAMA. Inane. 10 - Ateima. Selo. 11 - Ramo. Rh. Au.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16680

HORIZONTAIS: 1 - Vicksburg. 2 - Ateai. Raras. 3 - Lonim. Amam. 4 - Ás. Anas. 5 - Arrependida. 6 - Doirar. Atol. 7 - Omo. Rd. Soro. 8 - Lascais. Sam. 9 - In. Orais. 10 - Dora. Airão. 11 - Sassar. Em.
VERTICAIS: 1 - Valladolid. 2 - Ito. Romanos. 3 - Cenários. Rã. 4 - Kaiser. Coas. 5 - Sim. Parar. 6 - Perdia. 7 - Ura. Siar. 8 - Ramadas. Si. 9 - Granitos. Re. 10 - Amadora. Am. 11 - Cs. Salomão.

PROVÉRBIO: CORAÇÃO FRACO NÃO MERECE DAMA

EFEMÉRIDES

1475
Nasce, em Casentino (Itália), Miguel Ângelo, artista renascentista italiano.

1836
O forte de Alamo, em Santo António, Texas (EUA), cai em poder do Exército mexicano, após 13 dias de cerco, no qual pereceram o lendário David Crockett e outros 186 defensores.

1921
É fundado o Partido Comunista Português.

1970
Alexandre Dubcek é expulso do Partido Comunista Checo.

1980
A escritora Marguerite Youcenar, 76 anos, torna-se a primeira mulher eleita para a Academia Francesa, desde a fundação desta instituição em 1635.

1988
Ferraz de Abreu é eleito presidente dos socialistas portugueses.

1989
É publicado o diploma legal que determina a atribuição de alvarás às estações de Rádio locais em Portugal.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
CORAÇÕES DE AÇO
Filme de Brian de Palma, c/Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
CAÇA GROSSA
Filme de Abel Ferrara
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
LISA, SEXO FATAL
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
FUROR SEXUAL DE VANESSA
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO? — **PUB** — **M/16 anos**
Em exibição — **SALA 4** — **Quarteto**

.CINE PORTELA ESTÚDIO SHEZA
Telefone 9434762
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
VIOLÊNCIA E PAIXÃO
Filme de Luchino Visconti, às 18.30 horas.
INTRIGA EM FAMÍLIA
Filme de Alfred Hitchcock, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Filme de Sidney Lumet
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
DOIS DETECTIVES EM APUROS!
Com Lorin Dreyfuss
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O BANDO DAS QUATRO
Filme de Jacques Rivette
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

.LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BACKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

«Valmont», em exibição em várias salas

.LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O POLICIA DE MIAMI
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
COMPETIÇÃO SEXUAL
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
ARIEL
Filme de Aki Kaurismaki
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
UM MUNDO À PARTE
Filme de Chris Menges, c/ Barbara Hershey
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da SEGUNDA E ÚLTIMA PUBLICAÇÃO DESTE ANÚNCIO.

Execução DE SENTENÇA n.º 6754/B, 2.ª secção.

Exequentes — CRESPO & REBELO, Ld.ª.

Executados — CIPREL — COMPANHIA DE INVESTIMENTOS PREDIAIS, SARL, com sede na Av. Infante Santo, n.º 23-8.º-C — 1300 Lisboa.

Lisboa, 1 DE MARÇO DE 1990.

O Juiz de Direito,
Pedro dos Santos Gonçalves Antunes
A Escrivã Adjunta,
Leonor Augusta Ferreira Piçarra

«DL» 1.ª Pub. — 6/3/90

CARTAZ

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 6 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
OS REIS DA NOITE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
SANGUE E ARENA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO

LISBOA

A BARRACA CINEARTE
Largo de Santos, nº 2 - Telef. 665360 /686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

TEATRO DE CARNIDE
Azinhaga das Freiras - Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30 horas
DIVINAS PALAVRAS
De Rámon del Valle-Inclan.

«Vitória! Vitória!», no Maria Vitória

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ªFeira
SALA NOVA
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30. Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando.
(Última exibição no dia 7)
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24 - Telef. 607299
De 3ª a Dom. às 22.00 horas
E O ZÉ QUE ZÉ
Textos de Mário Cesariny de Vasconcelos, Fernando Pessoa, José Manuel Ribeiro, Lauzier e Stig Dagerman. Encenação de José Carretes
(Última exibição no dia 6).

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telef. 661515/669205
De 5ª a Sáb. às 21.30. Dom. e Feriados às 16.00 horas
SALADA
De Tristan Rémy.

RITZ CLUBE
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 5ª a Sábado às 21.30. Sábado e Domingo às 16.00 horas
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telf. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30. Sextas e Sábados às 20.30 e 23.00. Dom. e Feriado. às 15.00 e 18.00 horas.
SEVERA
De Júlio Dantas.

TEATRO MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - Telef. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 23.00 horas
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

TEATRO DA POLITÉCNICA
R. da Escola Politécnica, 58-Telf. 674474
De 3ª a 6ª às 21.00 horas
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patricio
(Em cena até dia 18).

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037
De 3ª a Domingo às 21.30. Domingos e Feriados às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas
ORA BATE... BATMAN'SO.

INFANTIL

TIL
R. Leão de Oliveira, nº1 - Telef. 3639974
Aos Sáb. Dom. e Fer. às 16 horas
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes.

TEATRO DA MALAPOSTA
R. Angola - Olival Basto - Odivelas - Telef. 9873299
De 2ª a 6ª às 11.00 e 15.00 horas
A TARANTELA VERMELHA
De Salvatore Cuffaro

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 4ª a Sáb. às 22 horas. Dom. às 17 horas
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria
(Em cena até dia 11).

EXPOSIÇÕES

LISBOA

ANA JOTTA
"Firmeza" - instalação de escultura.
Um ano depois de uma série de retratos na Galeria Diferença, onde a persistência da volumetria ameaçava a conseguida autonomia, Ana Jotta propõe um festim nú (*naked lunch*) de moldes de gesso. Instalação em duas partes (a segunda inaugura dia 17), de um percurso que vai buscar à catarse poética (agora é Francis Ponge) a necessidade de referênciar uma linguagem pós funerária. Fragilidade (gesso) e efemeridade (banquete) percorridas por uma firmeza ridicularizada.

Galeria Alda Cortez
Largo de Santos, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)
JE *EST* UN AUTRE
Exaltação do *ego* numa exposição internacional de auto-retratos que, pelas características museológicas, coloca a actividade da galeria acima dos imediatos conceitos de mercado. Boyd Webb, Chuck Close, Cindy Sherman, Clegg & Guttman, John Coplans, Lucas Samaras, Jorge Molder e Thomas Ruff, encontram nos limites da fotografia o veículo da auto-representação. Numa segunda fase, a apresentar em Junho, no Museu de Arte Moderna (Casa de Serralves), Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje.

Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos. Encerra dia 24)
FRANCISCO ROCHA - Instalação que, se ainda encontra na linguagem conceptual como dizer, afinal pouco diz. 15 pratos mais 15 pratos estabelecem o diálogo com um rodapé de três quadros a contraplacado legendados **natureza morta/paisagem/paisagem**. É a palavra a fazer figura. No chão, Francisco Rocha encaixota frases dos Diálogos de Platão, juntamente com a paisagem (?) fotografada. Quanto à mesa, construída a partir da indisponibilidade das cadeiras, e assente num xadrez monocromático (amarelo) muito à Leonel Moura, duvidamos que se sentasse Eugénio Cano. Não se comprende como é que o autor embala em excessos (folclóricos) depois do equilíbrio conseguido na parede

Biblioteca Nacional
Campo Grande (10 às 18 horas, excepto domingos)
BALTAZAR TORRES e **MARTA WENGOROVIUS** - Apresentação em Lisboa da escultura de um pintor portuense que viu chumbada a proposta de uma exposição de pintura. Evidentemente que não podemos saber se a direcção da galeria tomou uma decisão acertada ou não. O que sabemos é que

continua na pág 30

CARTAZ

estamos perante uma exposição de escultura de pequeno formato onde os objectos adquirem autonomia face às *reciclagens* arquitectónicas de Caro. Jardins submersos (côr), construtivismo (pontes) e caixas de interior percorrível pelo olhar. Na intimidade da sala ao lado, onde há cerca de um ano vimos desenho pintado, Marta Wengorovius regressa com desenhos quase para ver na mão. Ainda registos onomatopaicos, intergeições, letras sibiladas sob transparências coladas. Pelo facto de terem sido feitos durante o Outono, em Paris, as dificuldades de transporte não justificam facilidades encontradas

.

Galeria Módulo Caçada dos Mestres, 34 (16 às 20 horas, excepto domingos)

LUÍS ALVES DA COSTA - O desenho e a aguada sobre papel transparente caricaturam um quotidiano já mais que ridicularizado e desactualizado. Traídos pela programação da galeria, muitos destes desenhos surgem-nos agora como bonecos desamparados

.

Livraria Barata Avenida de Roma, 11 (12

***Firmeza*, instalação de escultura de Ana Jotta**

às 23 horas, excepto domingos. Encerra dia 24)

JOÃO CUTILEIRO - Exposição antológica. Entre as peças, que documentam 34 anos de actividade do escultor, destaque para A Bífide, Évora Revisitada e um busto de André Resende, emprestados ao Centro de Arte Moderna pela Câmara Municipal de Évora.
Simultaneamente, sete novos escultores homenageiam João Cutileiro: António Campos Rosado, Maria Felizol, Manuel Rosa, José Esteves, José Pedro Croft, Pedro Fazenda e Sílvia Westfalen.
Inauguram dia 8, às 18 horas.
Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian.

ARREDORES

ALMADA
30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes. **Galeria Municipal de Arte** (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras. Encerra dia 30)

CASCAIS
NUNO FÉLIX DA COSTA - Aguarelas resolvidas em superfícies que remetem para as iluminuras de um «Livro de Horas» delirante. **Galeria Arcada**
JOAQUIM CARVALHO - Dípticos iluminados pela ruptura entre duas superfícies brancas (folhas de papel), apostas ao branco da cartolina (suporte). **Galeria Arcadas do Parque**

ESTORIL
EMÍLIA MORAIS - Finalmente a pintora consegue um espaço para expor individualmente. Habitual participante nos Salões do Casino Estoril, onde já obteve uma menção honrosa, é Espaço2 que a direcção da Galeria do Casino vocacionou para primeiras individuais de jovens artistas. O que se saúda. **Casino Estoril/Espaço 2** (Diariamente, entre as 15 e as 24 horas. Encerra dia 18).

JF

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz da Solidariedade; **21.00:** Música Portuguesa; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Efemérides. **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 12 concertos para violoncelo e orq. de câmara de Bocherini; **19.22:** Álbum Musical. Obras de Mozart, John Philip Sousa, Copland, Mendelssohn, Paul Genin, Mussorgsky, Morley e Wilbye; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Ciência e Tecnologia... A Procura sem Fim; **21.30:** O Compositor dirige a sua obra - Wilhelm Furtwangler; **23.00:** Eurorádio - O Festival de Viena, 1989; **00.20:** Música Coral Sinfónica. Requiem, op.5, de Hector Berlioz; **02.00:** Música na Madrugada . Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quando o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiários de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA
15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DO PORTO
16.00: Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

VOZ DO ALENTEJO
15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA
15.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Nordeste Magazine.

UL ULTRAPAL
TRANSFORMADORA E DISTRIBUIDORA NACIONAL DE PAPEL, S. A.
R. LEITE DE VASCONCELOS, 48-A — 1100 LISBOA - PORTUGAL

N.º de Identificação de Pessoa Colectiva 500 291 497
Matrícula n.º 35.755 Cons. Reg. Lisboa 3.ª Secção
Capital Social 6.500.000$00

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos da Lei e dos Estatutos, são convocados os Senhores Accionistas da ULTRAPAL — Transformadora e Distribuidora Nacional de Papel, SA, para reunirem em Assembleia Geral Anual, na sede da Empresa, Rua Leite de Vasconcelos, 48-A, pelas 18.30 horas do dia 30 de Março de 1990, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório do Conselho de Administração, o Balanço e as Contas, relativas ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1989.
2.º — Deliberar sobre a proposta de Aplicação de Resultados.
3.º — Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da Sociedade.
4.º — Apreciar qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1990.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Luís Coelho Fernandes dos Santos

TRIBUNAL DO TRABALHO DO BARREIRO

ANÚNCIO

O Doutor José Maria Ferreira Lopes, Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho do Barreiro.

Faz saber que pela 1.ª Secção deste Tribunal correm seus termos uns autos de acção com processo comum — ordinário — registados sob o número 72/82 em que é autora Almerinda Maria Póvoa Branco e outras, residente na Rua de Verderana — Barreiro, e ré Corticeiros Intermundo, Ld.ª, com sede em parte incerta e com última morada conhecida no Complexo do Lumiar,Quinta do Serrado, Azinhaga das Travessas — Lisboa, e neles correm éditos de trinta dias, CITANDO a ré acima indicada para, no prazo de oito dias, findo o dos éditos, contando-se estes a partir da 2.ª publicação dos anúncios, contestar a referida acção sob pena de, não o fazendo, o processo prosseguir à revelia, consistindo o pedido em diferenças salariais, vencimentos não pagos, férias e respectivo subsídio, subsídio de Natal e indemnização por despedimento, no montante de 698 400$00.

Fica ainda citada para, no mesmo prazo, deduzir oposição, querendo, ao pedido de apoio judiciário formulado pelas autoras.

O duplicado da petição inicial encontra-se à disposição da citanda na secção acima indicada.

Barreiro, 21 de Fevereiro 1990

O Juiz de Direito
José Maria Ferreira Lopes

A Escriturária Judicial
Adélia de Matos Correia da Cunha

DL 2.ª Pub. — 6/3/90

nétel

PRONTO A VESTIR

HOMEM

SENHORA

JUVENIL

Informa os seus exmos clientes, amigos e público em geral, que a *nétel* reabriu com uma **espectacular redução de preços** em todos os seus artigos.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 8-D — TEL. 32 76 60 — LISBOA

Aceita-se cartões de crédito

SNOOPY POR SCHULZ

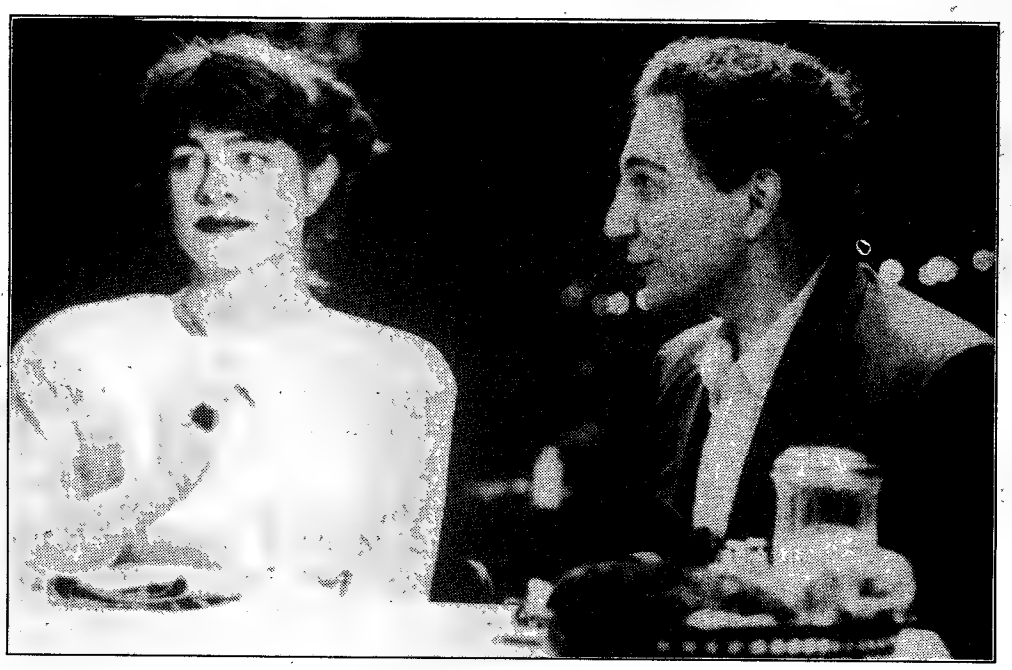
CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
118º episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.40- RUA SÉSAMO
87º episódio
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
63º episódio
21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
22.15 - CRÓNICA DO CRIME
25º episódio: numa altura em que Torello e os seus homens continuam a apostar forte no desmantelamento da rede de tráfico de droga que Steve Kordo controla, Joe encontra uma rapariga que conheceu em tempos idos e que se dedica agora à prostituição. Mike Torello concorda em ajudar o amigo e companheiro de trabalho a tirar a rapariga da "má vida",mas os acontecimentos precipitam-se quando Keech, o chulo que a tinha a trabalhar para ele, resolve empregar a força e a mata.

Às 18.40 no 1º Canal, mais uma «Rua Sésamo»



No 2º Canal às 22.15, em Cinemadois, o filme «Histórias n' América»

23.05 - 24 HORAS
23.35 - REMATE
Inclui o Rally de Portugal

RTP-2

16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
15º episódio: uma misteriosa rede televisiva começa a funcionar, subitamente, em Manhattan e as imagens transformam-se em fantasmas gigantes, que saem dos aparelhos e entram nas casas dos desprevenidos espectadores. Os Caça Fantasmas descobrem o edifício, a partir do qual se processa esta estranha emissão.
17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
54º episódio
18.30 - DESENHOS ANIMADOS
18.50 - ESPECIAL DESPORTO
Futebol: Anderlecht-Admira
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - RALLY DE PORTUGAL
21.50 - CINE MAGAZINE
22.15 - CINEMADOIS

«Histórias n' América» :um filme de Chantal Akerman (produção franco-belga de 1988), com Mark Amitin, Eszter Balint, Stefan Balint e Kirk Baltz, entre outros.
Esta película corresponde a cerca de hora e meia de depoimentos feitos no vazio, de noite, directamente para a câmara em plano fixo recolhidos no East River de Nova Iorque. Homens e mulheres de várias idades que têm em comum o facto de serem judeus emigrados na América e que como se fossem interrogados por uma reportagem televisiva contam a sua "história" pessoal sobre a sua condição de judeus num admirável mundo novo que a seus olhos nem sempre foi admirável nem novo. Todos estes depoimentos são intercortados por vários momentos anedóticos de humor tipicamente judeu, como o do homem que se queixa a outro dos seus sapatos apertados, que usa intencionalmente, para ter ao fim do dia, quando os descalça, algum prazer na vida, já qua a sua vida familiar e profissional é uma desgraça. Nesse sentido, «Histórias n' América é, como alguém afirmou, muito mais um filme que se relata do que um filme que se desenrola.

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
11.00 - MISSA DO ANIVERSÁRIO DA RTP
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - O MUNDO ANIMAL
13.50 - «KRAMER CONTRA KRAMER»
15.35 - TV SHOW COM CARLOS DO CARMO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.40 - RUA SÉSAMO
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.20 - AMÁLIA
22.55 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«A Chorus Line»
00.10 - 24 HORAS
01.30 - REMATE
Inclui o Rally de Portugal

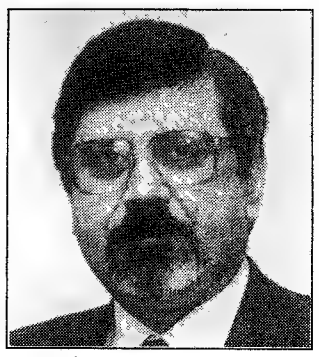
RTP-2

13.41 - RALLY DE PORTUGAL
14.45 - TELEMERCADO
15.10 - FILHOS E FILHAS
15.35 - AGORA ESCOLHA
17.05 - OS CAMPBELLS
17.30 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
18.00 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.45 - A ROTA MARÍTIMA DA SEDA
19.40 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - LUSITÂNIA EXPRESSO
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - RALLY DE PORTUGAL
21.50 - O SUBMARINO
1º episódio
22.45 - SÉCULO XX
«A Caminho da Guerra» - 1º episódio
23.25 - SOM DA SURPRESA

«O PCP não está em crise»

Álvaro Cunhal, «Público», 05.03.90

A PERGUNTA DO DIA



Carlos Loureiro
secretário de Estado
da Construção
e Vias Terrestres

Os exames de condução automóvel vão ser alterados?

«Trata-se de matéria a que atribuímos grande relevância, em termos do interesse público envolvido, dado que estão em causa incidências na segurança rodoviária e no relacionamento entre o Estado e os cidadãos em domínio que abrange segmento significativo do universo populacional.

Já foram realizadas experiências tendentes a colher informação útil à introdução de melhorias no regime da realização dos exames de condução. Assim, com a informação colhida, o contributo de todos os intervenientes - de que destacamos o proveniente das escolas de condução automóvel - e com a adopção plena do princípio de que o Estado não pode alienar um papel importante neste domínio e de que, por outro lado, este se deverá revestir da eficiência necessária, nomeadamente quanto a tempos de resposta, serão concebidas e implementadas as modificações requeridas.

A resposta é, pois, afirmativa, com a reserva de que não se trata de alterações já delineadas e de concretização imediata.»

Quarta-feira no
Diário de Lisboa

«Cuidado com a liberdade» alerta Joaquim Letria

Artigo de Manuel Alegre

O dia-a-dia do Rali de Portugal

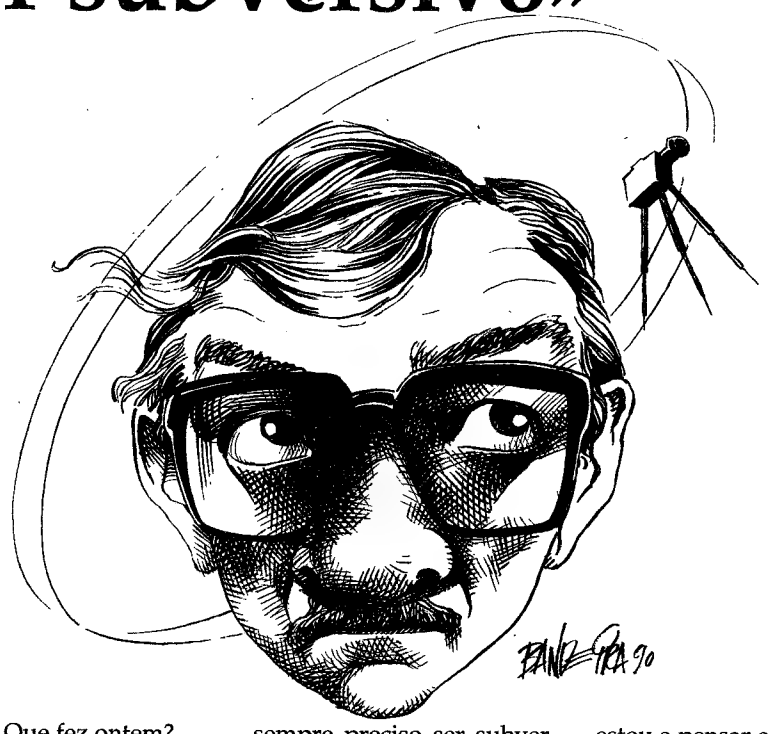
Entrevista a Oliver Stone

Angra: cidade nova com trajes antigos

ENTREVISTA

Luís Filipe Costa é realizador da RDP e da RTP. A sua primeira tentação foi o teatro radiofónico, mas o que sempre desejou foi fazer filmes. Já fez uma dúzia e os próximos anunciam-se «Crimes pré-feitos»

«É preciso ser subversivo»



D.L. - Que fez ontem?

L.F.C. - Sou um homem de memória curta. Não devo ter feito nada de importante... A não ser... A não ser um trabalho que fiz com um operador de som. Estivemos a fazer pequenos sons: passos, o bater de uma máquina...

D.L. - Para quê?

L.F.C. - Para a banda sonora de um filme que estou a terminar na RTP e que será o primeiro de uma série de quatro.

D.L. - Como se chama?

L.F.C. - «Crimes pré-feitos».

D.L. - E o que são esses crimes?

L.F.C. - São histórias policiais, são quatro filmes independentes entre si, três de pura ficção, o outro muito ligado à realidade portuguesa. Não é sobre a fuga dos Cavacos, mas sobre tudo o que antecedeu a fuga. A série pretende ser uma reflexão sobre o bem e o mal e, sobretudo, sobre como a ordem está sempre a ser subvertida por elementos inesperados. Dá também conta da dificuldade de nos movermos neste real cada vez mais fluido.

D.L. - A subversão aumentou?

L.F.C. - A subversão no meu tempo - este também é o meu tempo! -, mas refiro-me ao tempo em que eu e outros fazíamos subversão. Esta palavra tinha uma conotação muito forte, sobretudo para quem, como eu, tinha muitas vezes que falar nas entrelinhas...

D.L. - E hoje?

L.F.C. - Hoje a própria Natureza está subversiva, para se defender das agressões que constantemente lhe estamos a fazer...

D.L. - E politicamente?

L.F.C. - Eu acho que é sempre preciso ser subversivo.

D.L. - Porquê?

L.F.C. - Porque a ordem tem tendência a tornar-nos monolíticos. Quando se perde o sentido de humor e da crítica - e estas duas coisas têm a ver com a subversão - caímos em situações muito desagradáveis.

D.L. - Em que ocupa os seus dias, para além da actividade profissional?

L.F.C. - Eu procuro viver muito porque trabalhei de mais durante estes anos todos, fui um fanático do trabalho, tive quatro e cinco funções ao mesmo tempo e não era pelo desejo de ganhar muito dinheiro. O dinheiro nunca me atraiu, além da necessidade de comprar livros, de ir ao cinema, de viajar, mas nunca pensei em ter piscinas, casas na Quinta da Marinha. Hoje quero recuperar uma coisa que o excesso de trabalho em que caí me amputou: a alegria de viver, que julgo que tinha quando era jovem...

D.L. - Sente necessidade de ter muitos amigos à sua volta?

L.F.C. - Hoje estou profundamente selectivo. Escolho muito os amigos. Só me dou com meia dúzia deles e com esses poucos não me dou tanto como gostaria. Estou a tentar recuperar... O mesmo acontece com os prazeres da leitura. *É do Kundera! Tem que se ler!* Não tem. Se ao fim das vinte primeiras páginas vejo que não me interessa deixo de ler. E nos filmes a mesma coisa...

D.L. - Como vai a escrita?

L.F.C. - De momento, a escrita que faço é uma escrita profissional de adaptação das histórias que vou filmar. Para livros, neste momento, não estou a pensar em nada.

D.L. - Porquê?

L.F.C. - Não sinto que tenha a dizer às pessoas seja o que for.

D.L. - Que é que faz hoje com a voz?

L.F.C. - Pouco, até porque a minha voz já não é a que era. É como a Amália, mas também eu sinto isso. Julgo que é dos muitos cigarros que continuo a fumar... Leio alguns programas na Rádio...

D.L. - A Rádio estimula-o?

L.F.C. - Não. Continuo a gostar muito de rádio, mas continuo em guerra aberta com o critério da rádio. A rádio portuguesa tem propensão para se tornar um giradiscos gigante. E não é esse o meu conceito.

D.L. - Qual é o seu conceito?

L.F.C. - Eu acho que aquela coisa de dizer «Nós somos a sua companhia», companhia era a das Índias e lixou-se! Eu não quero ser companhia quando sou rádio, quero ser ouvido, não quero ser ruído de fundo... A rádio não é um meio, é um fim em si próprio. Tinha uma certa esperança neste movimento das novas rádios, mas, quanto a mim, foi frustrante.

D.L. - Porquê?

L.F.C. - Porque, tirando a TSF que apareceu com um projecto e procura cumpri-lo, as outras são iguais ao que se fazia.

Tinha esperança num contrapoder, numa rádio que não fosse essa tal companhia tipo *demoiselle* do século passado a ler uma novela a uma senhora mirradinha no fundo de um sofá. Eu não quero ser essa senhora e que esteja alguém do outro lado a ler-me uma novela...

A.J.T.

meteorologia

Troca-Troca

Cada qual pode enganar-se. O erro, implícito, explícito, é um juízo que não acerta no objecto. Pode mudar o juízo ou o objecto, mas antes tem de se distinguir as fontes lógicas ou psicológicas do erro...

Encurtando as razões, o nosso PM nomeou para ministro da Justiça Laborinho Lúcio, homem de cultura, competente conhecedor do microcosmos criativo, um discreto agente mecenático dos grupos teatrais em orfandande recebidos no seu Limoeiro transformado no Centro de Estudos Judiciários.

Assim, vimos em salas de tribunais simuladas em autênticos pátios prisionais, em espaços estilizados de pedra nua, processos brechtianos, Joanas d'Arc, Camilos em ruptura com a sociedade civil.

O novo ministro era colaborador de revistas culturais, humanista no seu discurso irónico e autoirónico, liberal diante das diferenças e assimetrias e desvios, atento a toda a fenomelogia cultural, sempre «estagiário» da civilização de amanhã. Homem que só fala do que conhece pela experiência, numa plenitude exacta e esteticamente exigente.

Noutra ocasião, o nosso PM nomeou para a Cultura um homem de ordem, de sistema, para quem o direito e a justiça ocupam dentro de um conjunto global uma situação peculiar, vincada; por força da tradição, na linguagem ambiciosa desse jovem político predomina a ambiguidade, e o silêncio encobre a estratégia ou a táctica.

Trocados? Para destrocar? Cada qual pode enganar-se, como diz num poema de Prévert o pássaro pousado num boné da tropa, mas isso seria do domínio de um terceiro ministério, o da Defesa. Cala o bico, pássaro.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS VW Audi
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
Diário de Lisboa

Mercado de capitais prepara o futuro

A compra e detenção, por residentes, de títulos expressos em moeda estrangeira e cotados nas Bolsas da OCDE poderá ser uma realidade até meados deste ano, com uma liberalização dos movimentos de capitais destinada a investidores institucionais ou particulares. É um factor que, segundo Tavares Moreira, governador do Banco de Portugal, marca a «nossa vontade de participar no processo da União Económica e Monetária da Europa», que tem início marcado para 1 de Julho.

O mercado de capitais português encontra-se, assim, numa fase próxima de grandes reformas, a principal das quais deverá ser a nova lei-quadro que visa harmonizar ao máximo as regulamentações requeridas pela criação do Mercado Único de Serviços Financeiros e condensar, num só diploma, a múltipla legislação existente.

Contudo o mercado de capitais reveste-se, ainda, de diversos meandros desconhecidos pela maioria de quantos possam ou desejem nele movimentar-se. É o mundo dos «fazedores de mercado», dos «títulos de lixo». É, acima de tudo, o conhecimento necessário para uma gestão perfeita que permita não só enfrentar mas -e principalmente- participar na resolução do desafio empresarial de uma Europa cada vez maior.

Última página

Construção ignora investigação

A fragilidade da investigação e desenvolvimento (I&D) em Portugal é patente no sector da construção, como ficou demonstrado no Encontro sobre Actividades de I&D nos Sectores Empresariais da Construção, organizado pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Para este facto contribui de forma importante a inexistência de I&D realizada pelas empresas de construção, ao contrário de outras realidades, desde logo comunitárias.

Justificada por Fernando Maurício, dirigente da Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul (AECOPS), com a estrutural indisponibilidade financeira, aquela inexistência é "compensada" pelo recurso à imaginação na resolução dos problemas, o que, como diz, não deixa de ser uma actividade de I&D.

Esta imaginação não esconde, por outro lado, a rotina e a ignorância manifesta nos métodos quotidianamente empregues, nem a desatenção ao que de novo surge no sector, de acordo com Caldeira Rodrigues, da Associação Portuguesa de Projectistas e Consultores.

À demissão flagrante das empresas de construção da promoção de actividades de I&D junta-se, ainda, a "esterilidade" de parte da I&D realizada, devida mais a "interesses pessoais", a apontar para o currículo, do que "nacionais", a apontar para o desenvolvimento e a inovação.

Enquanto surgem milhões de contos dos fundos estruturais para apoiar o fortalecimento e o desenvolvimento do sector científico português, houve quem se referisse a uma ausência de estratégia nacional para a I&D.

Pág. 6/7

Europa quer economia ainda mais privada

Peter Sutherland afirma que o futuro não é só dos grandes, mas de quem assumir o desejo de vitória

Mais privatizações e menos proteccionismo, da parte do Estado, para o sector público, são as ideias centrais que presidem à nova filosofia empresarial europeia, as quais são igualmente defendidas por empresários e gestores portugueses.

Esta foi também a conclusão do seminário sobre «O Sector Público Empresarial e o Desafio de 1992», efectuado recentemente em Lisboa, organizado pelo Secretariado Europa 92 e pelo CEEP, Centro Europeu da Empresa Pública. A presença do ex-comissário da CEE, o advogado e empresário irlandês Peter Sutherland, foi pretexto para discutir um tema ainda polémico como o proposto por aquele seminário.

Entre a necessidade de se ultrapassar a fase de «perplexidades» como afirma ao DL Cruz Almeida, director do Secretariado Europa 92 e a urgência de as empresas públicas efectuarem «uma aprendizagem do jogo concorrencial, nacional e internacional» como salienta Isabel Mota, secretária de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional, ficam no ar as perguntas: que fazer com a Europa das Regiões? E com as economias periféricas?

Peter Sutherland afirma que não se pode continuar a pensar que «os grandes ganham sempre», devendo-se «incentivar o desejo de vitória».

Centrais

Direitos fundamentais crescimento e Estado
Pág. 3

O arroz vai mostrar-se a Portugal
Pág. 3

AGROPROMOTORA
CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA
RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX 73 54 17 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

Concertação indispensável para futuro da CEE

Alberto Masprone e Jean Matteoli presentes em debate promovido pela AIP

A importância da concertação social foi o tema forte da conferência-debate que decorreu no passado dia 2, com a presença do Alberto Masprone, presidente do Comité Económico e Social da CEE, e de Jean Matteoli, presidente do Conselho Económico e Social de França. O papel destes organismos foi analisado durante o encontro promovido pela Associação Industrial Portuguesa e, mesmo que indirectamente, insere-se na procura do apoio português, nas instâncias comunitárias, para que o Comité seja considerado, pelo Conselho Europeu, como uma instituição da Comunidade.

O encontro promovido pela AIP contou com a presença do ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Valente de Oliveira, bem como de representantes parlamentares, figuras partidárias, entre as quais o presidente do PS, Ferraz de Abreu, dirigentes sindicais e empresários.

Jean Matteoli, que foi apresentado por Luis Morales, a vice-presidente executivo adjunto do presidente da AIP e representante português, por esta associação, no Comité Económico e Social da CEE, traçou o perfil do CES francês, organismo que, disse, é uma assembleia consultiva com grande poder negocial e onde o consenso é o objectivo que todos os parceiros sociais pretendem alcançar.

Papel participativo

O Conselho francês tem a missão de colaborar e participar, mediante pareceres e estudos, a pedido do Governo, na vida económica e social de França, favorecendo a colaboração entre as diversas categorias profissionais, para além de assegurar a participação na elaboração política, económica e social governamental, num país onde, conforme disse Jean Matteoli, desde o tempo de Júlio César tem sido difícil governar.

A abrir a sua intervenção Alberto Masprone, depois de recordar que Matteoli é a terceira figura do Estado francês, traçou o perfil do Comité Económico e Social da CEE, organismo criado em 1958 pelo Tratado de Roma, com base na experiência de órgãos semelhantes existentes em diversos Estados e no Conselho Consultivo da CECA, com o objectivo de permitir a participação dos diversos grupos de interesses económicos e sociais na realização da Comunidade.

A participação deste órgão, onde Portugal tem 12 dos 189 membros, passou a ser mais activa a partir de 1972, quando lhe foi dado o direito de emitir pareceres por iniciativa própria, o que tornou possível que se pronuncie sobre todas as questões de âmbito comunitário.

Encontro com Cavaco Silva

Alberto Masprone e Jean Matteoli foram recebidos, na sexta-feira, pelo primeiro-ministro, a pedido dos dois primeiros. Durante os encontros foi sublinhada a importância que o Comité Económico e Social atribui à concertação social e foi destacada a importância que poderá ter, para outros países, o resultado da actuação portuguesa neste campo.

Luis Morales ladeado por Alberto Masprone e Jean Matteoli

O papel de Portugal, bem como o do comissário Cardoso e Cunha -este referido de forma elogiosa por Jean Matteoli, durante o debate- foram focados pelos dois visitantes, tendo Alberto Masprone elogiado, perante Cavaco Silva, o empenhamento dos membros portugueses do Comité, entre os quais os representantes das centrais patronais, sindicais e das associações de consumidores.

Redacção DL

MIE compra nova rede informática

O Ministério da Indústria e Energia está em vias de aquisição de um dos mais evoluídos sistemas de comunicação e também de tornar-se independente de fabricantes de «hardware». Uma decisão tomada foi convidar a Transdata e a Marconi a constituir um grupo de trabalho que estabeleça, em Portugal, actividades idênticas às da Eurosinet na Europa.

Na presente fase encontram-se concluídos os testes de compatibilização da rede informática do MIE, o que se insere no objectivo final de efectuar a ligação dos equipamentos existentes e determinar critérios de futuras aquisições. Estes testes foram feitos em simultâneo por cinco grandes empresas construturas.

A presente fase é a primeira sequência dos acordos Eurosinet - iniciativa conjunta de todos os grandes fornecedores europeus de equipamentos informáticos, com o objectivo da interligação dos sistemas de comunicação de mensagens e transferência de ficheiros.

BREVES

Vinho: Governo ameaça

O Governo ameaça suspender em Abril todas as barreiras fiscais à importação de vinho se os preços do produto português não baixarem. Recorda-se que o vinho comum teve em Janeiro aumentos entre 15 e 20 por cento, o que é considerado injustificado pelo Ministério do Comércio, que afirma: «Estes aumentos indiciam uma tendência especulativa que tem graves reflexos no consumidor».

Novo regime portuário

Foi aprovado em Conselho de Ministros o novo regime da operação portuária, que prevê a extinção do Instituto do Trabalho Portuário. O diploma clarifica a intervenção dos operadores e dos trabalhadores, redefinindo os requisitos e termos de licenciamento dos primeiros e de inscrição dos segundos. Igualmente especifica os termos de concessão de instalações portuárias e cria mecanismos de optimização dos preços e de índices de gestão portuária.

Mais duas privatizações

A Portline e a Transinsular vão ser privatizadas pelo Governo, que alega que elas estão inseridas num sector «em que o dinamismo e a capacidade empresarial privadas assumem uma importância capital». Ainda não está decidido se a privatização será feita através de concurso público ou de transacção na Bolsa.

Fabor torna-se anónima

A Fabor (Fábrica de Artefactos de Borracha) elevou o seu capital de cinco mil para cem mil contos, através de incorporações de reservas e passou de sociedade por quotas à sociedade anónima. Com estas iniciativas, a empresa visa consolidar a sua situação económica e financeira e tornar-se mais flexível e adequada às realidades actuais do mercado.

Quebra de negócios na Bolsa de Lisboa

Valores transaccionados em Fevereiro foram 11 por cento inferiores aos do mês anterior

A transacção de 13,5 milhões de títulos, na Bolsa de Valores de Lisboa, em Fevereiro, movimentou 28 milhões de contos, o que traduz uma quebra de negócios de 11 por cento, em comparação com o primeiro mês do ano, com baixas de 4,2 por cento no sector accionista e de 11,8 no obrigacionista.

Os títulos de participação constituiram o único segmento representantivo onde foi registada uma melhoria, que ascendeu a 18,8 por cento.

De registar, também, que em 30 títulos, só 12 tiveram uma variação percentual de cotação positiva, entre os valores do dia 1 e os do dia 28 de Fevereiro, com o destaque para as acções nominativas e ao portador dos bancos Comércio e Indústria e Comercial Português a terem as maiores quebras.

Os títulos do BCI ao portador tiveram uma quebra de 24,2 por cento (6.600 escudos - 5.000 escudos) e os nominativos 10,7 por cento (5.600 - 5.000). Quanto ao BCP, os títulos ao portador baixaram 12,6 por cento ((5.950) - 5.200) e os nominativos 7,6 (4.440 - 4.100).

Sentido oposto foi registado nos títulos da Soja, que passaram de 4.500 escudos, a 1 de Fevereiro, para 5.050, no dia 28, o que representa um crescimento de 5,2 por cento; no BPI portador, com 5,2 (7.550 - 7.950); e Soporcel, com um aumento de 4 por cento (9.700 - 10.100).

Irregularidade

O mercado registou, durante o mês passado, um comportamento irregular, sem que se tivessem verificado transacções que apontassem para negócios espectaculares

No mercado de acções foram movimentados 2,7 milhões de títulos, com um volume de negócios de 11,4 milhões de contos. Referência para os papéis BCP nominativos, com uma transacção superior a 300 mil títulos, a que se seguiu a Sonae, BCP portador, Mabor e BTA, com mais de 100 mil unidades e os BPI portador, Companhia Portuguesa do Cobre e Corticeira Amorim, que negociaram entre 90 e 80 mil papéis.

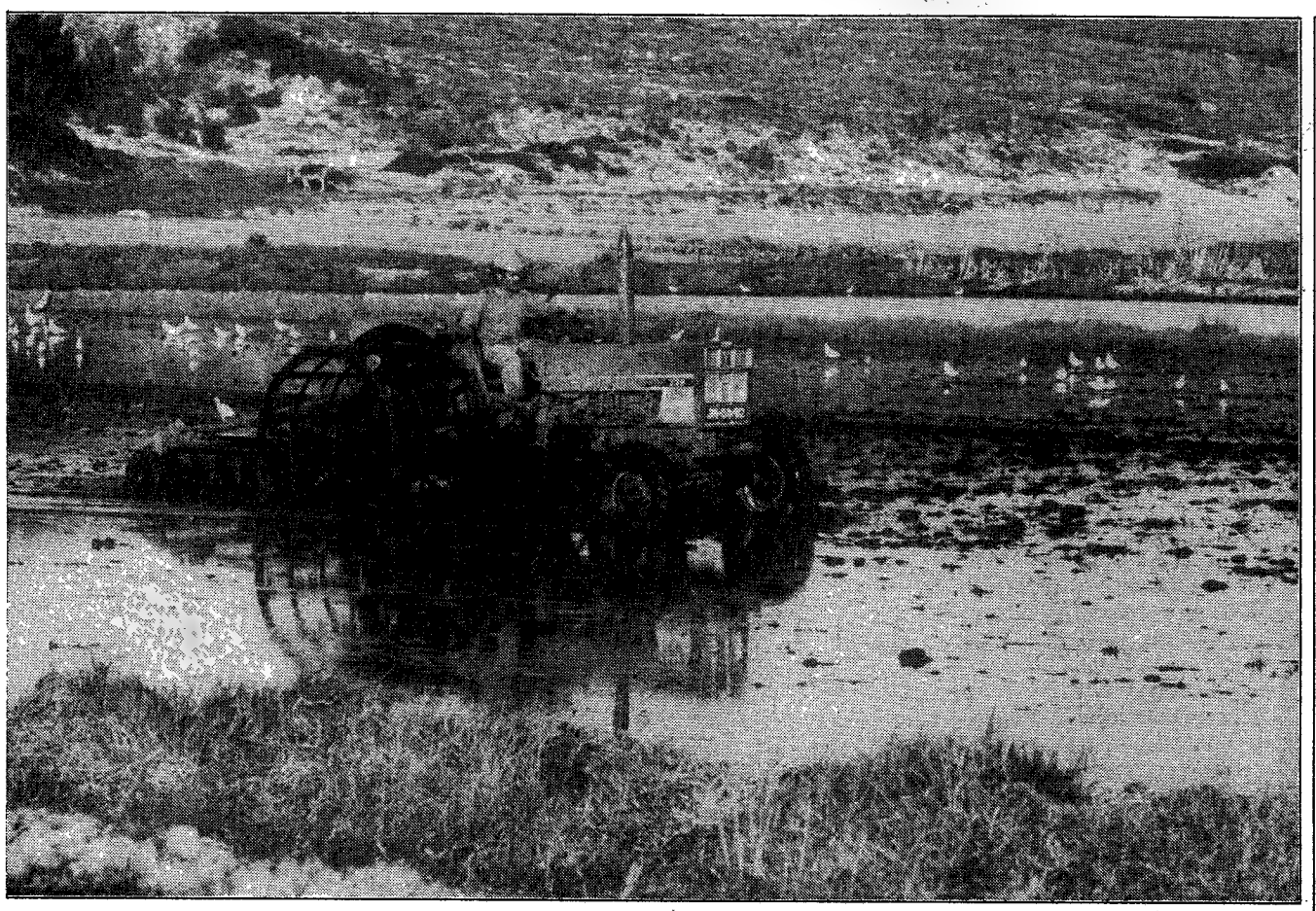
Destaque para o sector obrigaccionista que, embora tivesse decrescido em relação ao mês anterior, continuou a ter grande procura por parte dos fundos de investimentos e pensões. Durante Fevereiro foram negociados 10 milhões de obrigações, com um volume de 12,7 milhões de contos.

Outros títulos merecem referência, como é o caso da EDP - 13ª emissão, onde houve o máximo de transacções, com a compra e venda de mais de 800 mil títulos. Os títulos de participação melhoraram as suas «performances», com a transacção de 489 mil papéis, para um volume de negócios de 788 mil contos, sendo a maior procura para o BESCL - 2ª emissão, UBCP e BTA.

Segundo lugar

O relatório recentemente publicado pela Interfina afirma que Portugal terá sido o país europeu com a segunda maior valorização de cotação de acções, somente ultrapassado pela Alemanha Federal.

O estudo sobre a evolução das principais bolsas europeias, norte-americanas e asiáticas, desde o início de 1989 até finais de Janeiro deste ano, mostra que, apesar da quebra registada na Bolsa de Valores de Lisboa no primeiro mês de 1990, Portugal assumiu posição de destaque, com uma valorização de 31 por cento. Quanto à análise do nível relativo das cotações, o relatório da Interfina mostra que Portugal se encontra dentro dos valores apresentados pelas bolsas dos restantes países. A relação entre preço e o resultado líquido por acção (PER), excluindo resultados extraordinários, apresenta os seguintes valores: Alemanha Federal, acima dos 16; Portugal, 14; Reino Unido, 13; França, 13,5; Suíça, 16; Estados Unidos, 13; Espanha, 13.



Vale do Sado é onde se produz mais arroz em Portugal

Arroz: todos os condimentos no Salão de Grândola

O arroz, enquanto actividade agrícola, indústria, comércio e alimento, vai ser objecto de uma Feira, que se realiza no próximo fim de semana na vila alentejana de Grândola.

Cerca de quarenta expositores mostrarão não só o produto, como a maquinaria, as embalagens, a agroquímica apropriada a esta cultura, não faltando a mostra gastronómica, em dois restaurantes que servirão aos visitantes pratos confeccionados com arroz.

O programa do Salão Nacional do Arroz, organização da Associação dos Municipios do Litoral Alentejano, com apoio da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, prevê a realização de dois colóquios, um sobre as técnicas de cultivo com a presença de um investigador do Instituto de Investigação Agrária, e um outro que reunirá produtores, industriais, comerciantes e consumidores.

A localização do Salão em Grândola, placa giratória rodoviária do Alentejo, justifica-se pelo facto do vale do Sado, desde Alcácer do Sal até Odemira, ser uma das principais regiões produtoras de arroz do país. As outras são os vales do Mondego, do Tejo e Sorraia e o perímetro de rega do Caia.

A cultura do arroz é uma das culturas com maiores perspectivas de futuro na região alentejana porque, ao contrário do que acontece com outros cereiais e produções agrícolas, nesta a Comunidade Económica Europeia é deficitária. Por isso tem estado a subsidiar a plantação desta gramínea, animando muitos agricultores a expandir a área de cultivo.

Esse subsídio, de 59 contos por hectare, dirige-se para espécies de maior consumo na Europa, o que é importante se queremos transformar-nos num país exportador de arroz. Na Europa Comunitária os únicos países produtores de arroz são do Sul, com relevo para a Itália e a Espanha.

O consumo de arroz em Portugal é bastante maior do que o de outros países desenvolvidos da Europa, 22 quilos per capita por ano contra, por exemplo, 3,5 em Inglaterra.

O concelho de Grândola assenta o seu desenvolvimento económico no arroz, na cortiça e nas possibilidades turisticas da sua costa. O problema está em que, quer em relação à cortiça, quer em relação ao arroz e a outras culturas agrícolas, a respectiva industrialização se tem deslocado para outras zonas do país. O Alentejo, que parece já ter perdido a batalha da instalação da fábrica de açucar de beterraba, não pode atrasar-se mais no investimento de indústrias agro-alimentares, baseadas no aproveitamento das matérias primas produzidas na região.

Outro problema que se coloca em relação à cultura do arroz diz respeito às técnicas agrícolas de produção, que implicam um esforço de investigação aplicada, que chegue até junto dos agricultores. A qualidade do arroz é deficiente e o nível de produtividade por hectare é baixa. Espera-se que estes problemas sejam debatidos entre os mais interessados nos colóquios que se vão realizar no âmbito do programa do Salão Nacional do Arroz.

A cultura do arroz levanta alguns problemas ecológicos que, no nosso país ainda não são devidamente considerados, mas cuja solução não pode se permanentemente adiada. O uso intensivo de adubos, fertilizantes e pesticidas, sendo a cultura feita sobre o leito de cursos de água, provoca índices de poluição preocupantes. Nos concelhos de Alcácer do Sal e de Grândola, essa poluição está a causar problemas em zonas ecologicamente sensíveis, como a reserva dos estuário do Sado ou a lagoa de Melides.

As preocupações de preservação do ambiente que se manifestam em relação à costa alentejana não podem ser desligadas das consequências das actividades económicas, incluindo as agrícolas.

A.C.

BEI privilegia regiões mais pobres

Do nosso correspondente em Bruxelas

Cerca de dois terços dos projectos financiados, para os quais foram canalizados 64 por cento dos empréstimos do BEI (Banco Europeu de Investimentos) a partir de recursos próprios, situam-se em regiões com maiores problemas estruturais: Portugal, Grécia, Irlanda, certas regiões de Espanha, o Mezzogiorno italiano e a Irlanda do Norte.

Em 1989, as regiões com problemas de declínio ou de reconversão industrial absorveram aproximadamente 20 por cento dos financiamentos. Cerca de 48 por cento das verbas destinam-se a infra-estruturas, principalmente de transportes e de telecomunicações; 16 por cento a equipamentos energéticos; e 36 por cento ao sector produtivo, especialmente pequenas e médias empresas. O BEI considera que o desenvolvimento das grandes infra-estruturas de comunicação é essencial à livre circulação no espaço económico unificado de 1993, das pessoas, mercadorias e dados, em boas condições e com menores custos. A perspectiva de 1993 conduziu a um forte aumento dos investimentos neste domínio, que foi acompanhado de um importante acréscimo dos financiamentos do BEI.

Foi outorgado um total de 2677 milhões de ecus, destinando-se 1848 milhões a ligações rodoviárias e ferroviárias (incluindo o túnel sob a Mancha) e aos transportes aéreos. Para as telecomunicações foram canalizados 817 milhões de ecus.

José Rui Cunha

COMENTÁRIO

Direitos fundamentais crescimento e Estado

Vivemos numa economia mundial mas não numa sociedade mundial. Na ausência de um «direito internacional» os mais fortes tornar-se-ão mais fortes e os mais fracos mais fracos. A internacionalização pode favorecer o processo de crescimento - ou não -, mas que pode fazer no que respeita aos direitos fundamentais?

O interesse para com os desfavorecidos, para além de obedecer a razões de ordem social, tem também a ver com razões de progresso económico, pelo que o Estado assume aqui uma centralidade decisiva. Mesmo os direitos formais, igualdade perante a lei e participação política, exigem salvaguarda institucional, do apoio jurídico à educação pública, de um sistema prisional humano a dispositivos de financiamento dos partidos.

A natureza política do Estado é um aspecto chave do desenvolvimento. Desde que se levem em conta os efeitos da democracia na sociedade como *objectivo e factor* de progresso, o Estado aparece associado a um *processo de produção de democracia*.

A crise de confiança entre os cidadãos e o Estado, as questões da governabilidade e legitimidade têm de ser descortinadas neste contexto.

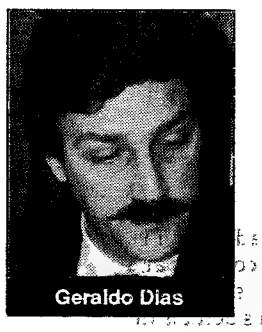
Diagnóstico e solução coincidem: *há um défice democrático* - centralização e burocratização da administração; planeamento, legislações e práticas cristalizando privilégios arbitrários na concretização de direitos fundamentais (habitação, por exemplo); impermeabilidade das instituições à expressão e interesses das populações, designadamente da sua participação individual ou colectiva nos processos de planeamento e gestão.

Acresce a incapacidade dos poderes - central/local - para recuperar estratégias individuais e colectivas de sobrevivência e contorno num contexto de dependência forte de meios financeiros centralizados. As economias fora do mercado - urbanização clandestina, por exemplo - são respostas do tecido social à incapacidade de soluções institucionais inovadoras tidas como instáveis em relação ao equilíbrio ou dominação económica ou social.

A intervenção do País como protagonista internacional na defesa dos limites económicos e políticos da sua influência passa por um desenvolvimento político a par de um desenvolvimento económico: o desenvolvimento político não é um resultado directo do económico. A democracia social permitirá as inovações necessárias ao novo quadro de relações.

A importância das fugas da procura para o mercado exterior torna relevante a formação de um mercado interior com formação de rendimentos pelas *diferentes categorias sociais* em que as despesas sejam coerentes com os tipos de produção que estão aptas a desenvolver. Requer uma particular atenção às modalidades de inserção internacional que ultrapasse a visão estreita do abandono à lógica do mercado mundial.

Lidar com a transnacionalização do capital e com as transferências de tecnologia requer uma visão em que o económico e o tecnológico se encontram estreitamente ligados ao social, ao político e ao cultural. A internacionalização do assalariado é operada pelo empregador e não pelos próprios empregados. Os avanços técnicos e o capital financeiro assumem mais importância que a força do trabalho. A sua depreciação é acompanhada por uma denúncia de corporativismos que teriam um carácter conservador. Não pode, contudo, desligar-se esta questão das dificuldades da gestão da mão-de-obra bem como da defesa dos assalariados.



Geraldo Dias

As diferentes tecnologias de produção e de uso da força do trabalho, como de consumo e de *habitat* , que contribuem para a produção de uma cultura nova, não são nem neutras nem universais. As maiores inovações sociais, comunicacionais ou culturais, tecnológicas ou económicas, políticas, resultarão do combate democrático, harmonizando direitos fundamentais e crescimento económico.

Informar, informar, informar, é o grande objectivo do Secretariado Europa 92, afirma o seu director, Cruz Almeida, ao «DL»

Vencer a barreira das perplexidades

«Vencer a barreira do desconhecimento e das perplexidades, descodificando as medidas que vão sendo adoptadas pela CEE, com o pacote Delors ou inscritas no Livro Branco da Comissão, é um dos grandes objectivos do Secretariado Europa 92», disse ao DL o respectivo director, Cruz Almeida.

Criado em 8 de Setembro de 1988, aquele Secretariado está dependente da Secretaria de Estado da Integração Europeia e inclui no seu programa de acção uma atitude de «permanente esclarecimento» sobre todas as questões relacionadas com o Mercado Comum, através de uma informação telefónica directa ou Linha Verde, de seminários e de acções de formação e recreativas.

O Secretariado Europa 92 privilegia na sua actuação a divulgação e o debate das questões relacionadas com a criação de um espaço económico e cultural europeu únicos e fomenta o acesso à informação dos agentes económicos e sociais que operem no espaço português com vista à sua preparação para o impacto decorrente da integração de Portugal na Comunidade.

Os interlocutores

Segundo Cruz Almeida, o Secretariado tem quatro categorias de interlocutores: os meios económicos, o universo educativo, a administração pública e os cidadão em geral.

As empresas e associações empresariais, bem como os sindicatos e outras organizações de classe, são interlocutores especiais, já que a imagem de Portugal junto dos parceiros da Comunidade passa por uma indústria e um comércio fortes, competitivos e de qualidade.

O conhecimento da realidade comunitária pelos jovens e pela população em geral é uma aposta que não pode ser esquecida e tem em vista promover a Europa dos cidadãos.

A ligação à administração pública é importante, salienta Cruz Almeida, porque «faculta aos seus agentes uma informação especializada e colabora em programas de formação profissional adequados às responsabilidades crescentes».

Quem ligar o telefone 500, simbolizando os Descobrimentos seguido dos números 1992, ano europeu por excelência, poderá questionar o Secretariado Europa sobre qualquer assunto de âmbito comunitário. Assistentes e especialistas respondem às suas dúvidas.

A edição de um boletim mensal, programas televisivos, a criação de uma Agenda Jovem, a atribuição de Prémios, o apoio às PME e a continuação dos programa «Objectivo 92» da Rádio RDP-Internacional, são outras das actividades daquele Secretariado.

«O papel do nosso programa radiofónico tem uma vertente importante que é a emigração.

Queremos que os portugueses espalhados pelo mundo se comportem como cidadãos comunitários, cidadãos desse colosso económico que é a Europa constituída por 320 milhões de pessoas, para "combater" esses outros colossos que são o Japão e a América», sublinha Cruz Almeida.

A opção europeia

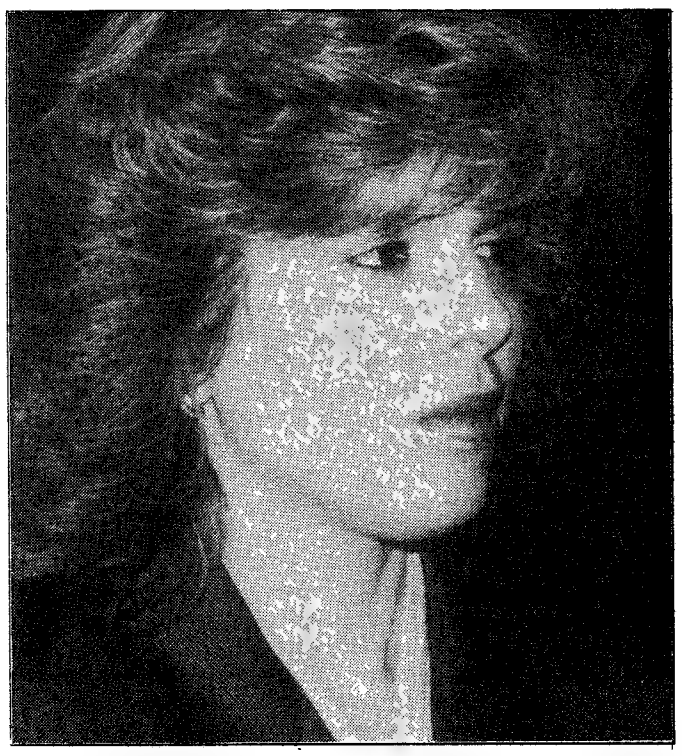
Embora a economia mundial tenha manifestado nos últimos meses uma confiança em Portugal, após a adesão à CEE, não se pode subestimar o esforço de adaptação estrutural que é necessário levar a cabo.

Para Cruz Almeida, esse esforço consiste em superar, essencialmente, «duas tensões», uma no plano macroeconómico e outra no plano micro-económico.

A primeira tem como objectivo «prosseguir a recuperação das finanças públicas e, ao mesmo tempo, operar uma indispensável aceleração do investimento público e privado, decorrendo daqui uma boa afectação dos recursos».

No plano micro-económico, Cruz Almeida defende «a modernização da indústria portuguesa, confrontada com o duplo desafio da realização do Mercado Interno e o final do período transitório da adesão, e o prosseguimento da luta contra o desemprego, dando prioridade à formação profissional, em especial a nível de quadros intermédios».

O apoio da Comunidade



O sector público tem que se adaptar às novas realidades, diz a secretária de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional

Isabel Mota contesta receitas rígidas

Coube a Isabel Mota, secretária de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional, fazer o discurso de encerramento do seminário sobre o sector público empresarial, no qual fez incidir a necessidade de o quadro económico do futuro se caracterizar pelas seguintes premissas: «Um desafio constante de renovação competitiva, uma maior abertura tendencial à concorrência exterior à CEE, ou seja, um quadro totalmente incompatível com imobilismos e tradicionalismos e toda a espécie de proteccionismos geradores de deseconomias».

Segundo Isabel Mota, Portugal está perante um duplo apelo: o da internacionalização e o da modernização da economia. Por isso, refere, é necessário crescer mais depressa do que os outros países da Comunidade e reforçar a competitividade global, para além de reduzir as assimetrias internas, numa espécie de «corrida de fundo».

«A eficiência e a equidade, a modernização e a justiça não se compadecem com receitas fechadas e rígidas. O sector público tem, no fundo, de saber adaptar-se às realidades novas no contexto da economia aberta que estamos a criar», afirma aquela secretária de Estado.

Isabel Mota salienta , por outro lado, que compete ao Estado português criar condições que favoreçam o investimento, dotando o país com as infra-estruturas necessárias e de quadros com capacidade científica e desejo de mudança. Às empresas públicas ou privadas é destinado, na óptica da secretária de Estado, uma intervenção concorrencial, num espaço cada vez mais transnacional, capaz de se inserir no amplo movimento de integração de mercados e de liberalização das economias, onde assenta a construção do Mercado Único Europeu.

«Com ou sem privatização, as actuais empresas públicas têm que se perspectivar como núcleos potenciais de poder económico e de mercado, efectuando uma aprendizagem do jogo concorrencial, nacional e internacional», acentua Isabel Mota.

R.F.S.

Competitividade e concorrência n

Empresários e gestores defendem uma intervenção do Estado cada vez mer de vitória», aconselha o ex-comissário da CEE, Peter Sutherland

Mais privatização e menos proteccionismo do sector público são as duas ideias chave da nova filosofia empresarial europeia para 1992, defendida por conhecidos empresários e gestores portugueses.

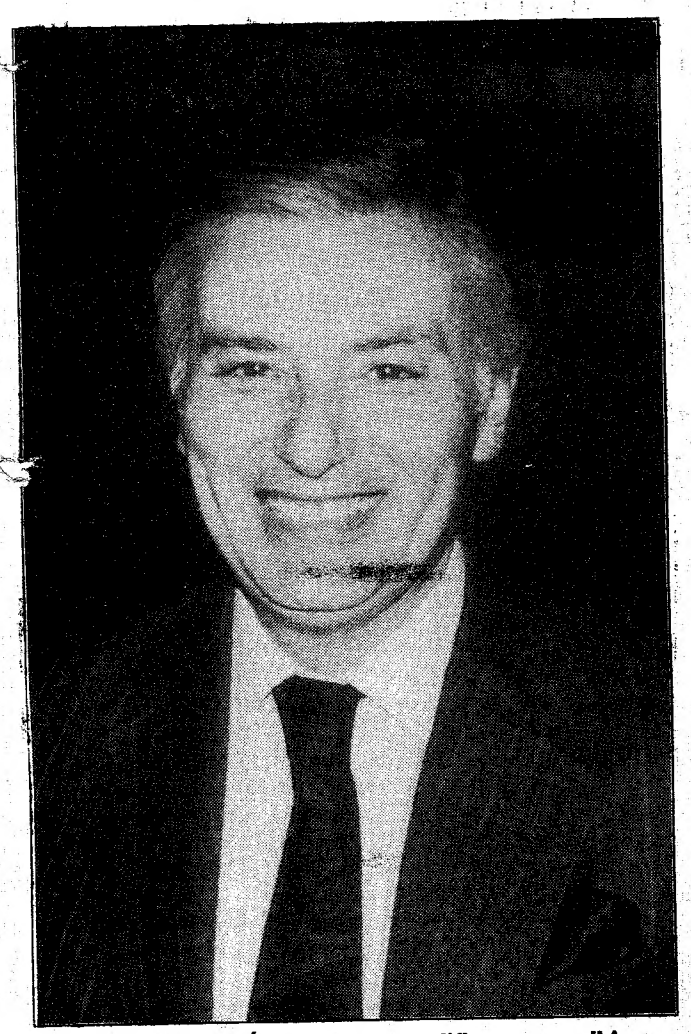
O advogado irlandês e ex-comissário da CEE, Peter Sutherland, medalha de Ouro do Parlamento Europeu e actualmente presidente da Federação de Banqueiros Irlandeses, teve a oportunidade de repisar aquela tese, na qualidade de convidado de honra, num seminário subordinado ao título «O Sector Público Empresarial e o Desafio de 1992», efectuado na passada semana , em Lisboa, organizado pelo Secretariado Europa 92 e pelo CEEP, Centro Europeu da Empresa Pública. «O insistir na vulnerabilidade das economias periféricas não é uma ideia positiva. Não se pode continuar na Comunidade com a ideia de derrota, mas incentivar o desejo de vitória. A competitividade e a concorrência aberta são saídas melhores do que o proteccionismo. A atitude não pode ser a de que os grandes ganham sempre. Nos últimos 30 anos, os países que procuram proteger os mercados nacionais, fechando-se para os europeus, têm sido os mais prejudicados. O caso da Irlanda é exemplar», diz Peter Sutherland.

Para este ex-comissário da Comunidade, todos os países têm um preço a pagar por pertencerem ao Mercado Comum: o preço da competitividade. Na Irlanda, refere, não existia indústria. Nos primeiros seis anos após a entrada na CEE, aquele país fechou algumas empresas protegidas pelo Estado, mas atraiu 600 indústrias estrangeiras e hoje algumas delas são constituídas a 100 por cento na Irlanda, dando emprego a milhares de trabalhadores. Na agricultura o emprego diminuiu, mas assistiu-se a um desenvolvimento industrial grande. As áreas digital, do papel e dos licores, são exemplos da capacidade de fabricação irlandesa. A resposta é dada por Peter Sutherland: «O que interessa é saber quem produz num determinado país, sobre

Belmiro de Azevedo: «Privatizar é alavanca do desenvolvimento»

GC Gestão e Coordenação SA obra — 4370420
R. NOVA DA TRINDADE, 1, 2.º Dt.º — 1200 LISBOA — TELEF.: 346 06 18/9

PERTO DO PALÁCIO DE QUELUZ
Lotes 18 e 19 na Cidade Desportiva/Massamá
Construímos e vendemos 3, 4 e 5 assoalhadas com financiamento garantido
Construímos obras públicas e particulares



Cruz Almeida: «É preciso descodificar as medidas adoptadas pela Comunidade e aplicá-las a Portugal»

Desenvolvimento industrial necessita de perícia

«A independência de um país vê-se na indústria e não no Parlamento», disse Vasconcellos e Sá, professor da Universidade Nova, no seminário sobre o sector público empresarial em que estiveram presentes gestores, empresários e membros do Governo.

Vasconcellos e Sá salientou os três tipos de estratégia básica que, na sua opinião, as empresas portuguesas podem optar: «Servir o mercado nacional através de *joint venture* com empresas estrangeiras; aliar-se a uma empresa estrangeira para servir o mercado europeu, ou seja a desintegração vertical, ou concorrer com as empresas estrangeiras no mercado europeu».

Qualquer destas estratégias pode ser eficaz se for feita com competência, partindo do princípio que tanto as grandes como as pequenas empresas têm problemas específicos.

«Os grupos portugueses vão combater com elefantes, mas não se concorre contra isso, com a força bruta, mas com a perícia», acentua aquele professor.

Para Alexandre Vaz Pinto, presidente do Conselho de Administração do BESCL, outro dos oradores, as questões de privatização devem demorar o tempo necessário a uma boa gestão com vista à mudança.

«Quando falo em protecção estatal das empresas, falo no aspecto de gerir o melhor possível o tempo de privatização. Penso que o pensamento cultural dominante na CEE é a não precipitação destas matérias», defendeu Alexandre Vaz Pinto.

Competir, competir

A ideia de competitividade foi, igualmente, realçada por Alberto Moreno, director-geral do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Indústria e Energia.

«Os sucessos recentes da expansão das empresas portuguesas não as libertaram ainda da imagem tradicional, caracterizada por uma baixa componente tecnológica, de qualidade, de design, e por uma vantagem relativa de mão-de-obra a preços favoráveis. Será importante as empresas começarem a preocupar-se com a sua imagem de credibilidade perante os mercados onde estejam interessados em permanecer após 1993», disse Alberto Moreno.

A concluir o seminário, o engenheiro Sousa Gomes, presidente da secção portuguesa do CEEP, salientou: «Nós temos que aceitar uma situação de não protecção, quer pública, quer privada. Gostaríamos que os países desenvolvidos permitissem aos menos desenvolvidos um período de adaptação de mais três ou quatro anos. É injusto estarmos na mesma situação da Alemanha ou da França».

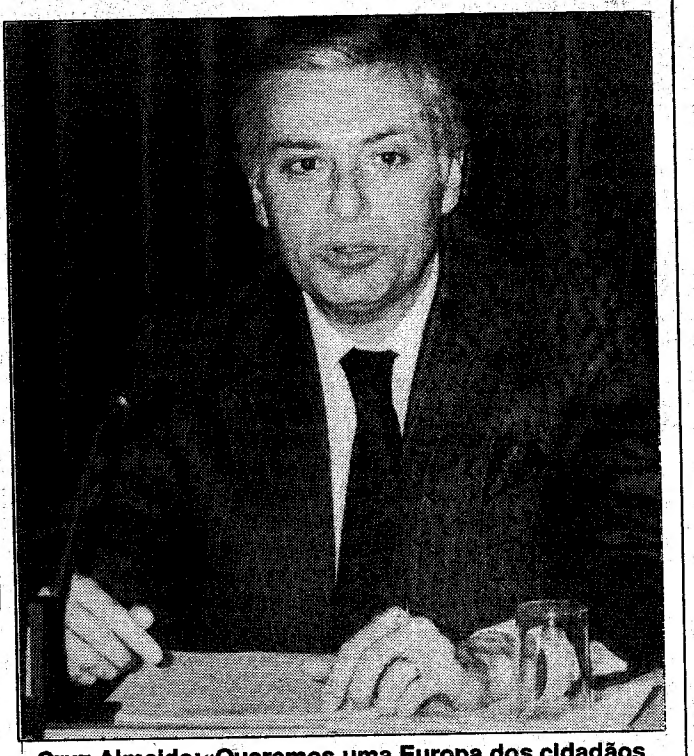
R.F.S.

Apoio específico às PME

O Secretariado Europa 92, para além da informação de carácter geral sobre o Mercado Interno está a empreender um sistema de apoio específico para as PME.

Um documento que consistirá num questionário devidamente elaborado, em formato de brochura, visa fornecer a cada PME uma primeira avaliação do seu grau de preparação e funcionará como alerta e elo catalisador do desenvolvimento de uma estratégia que tem em conta o ano de 1992.

Visto a Comissão Europeia ter adoptado recentemente um esquema de treino experimental, visando a preparação das PME para o Mercado Interno, aquele Secretariado Europa propõe-se criar um sistema de apoio destinado a financiar estudos de avaliação e preparação para o respectivo Mercado, com a comparticipação total ou parcial da Comissão Europeia.



Cruz Almeida: «Queremos uma Europa dos cidadãos que possa competir com os colossos que são o Japão e os Estados Unidos»

a melhores que proteccionismo

z menor. «Incentivar o desejo

para a superação destas tensões só será eficaz, na opinião do director do Secretariado Europa 92, se isso corresponder a uma vontade nacional de desenvolvimento, baseada nos seguintes aspectos: descentralização, coordenação e concertação.

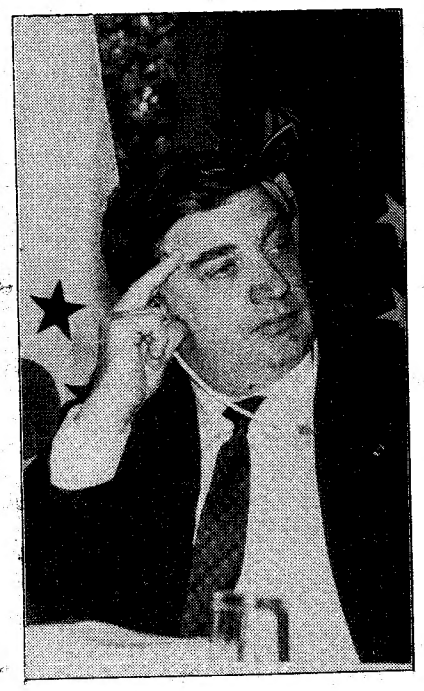
«Um projecto nacional de desenvolvimento só será verdadeiramente benéfico se reconhecer e concitar também a iniciativa local e regional», afirma Cruz Almeida.

A coordenação de todos os factores decorrentes do processo de desenvolvimento económico português, para este diplomata de carreira, deve efectuar-se, em primeiro lugar, entre os responsáveis nacionais, depois entre estes e as instituições comunitárias e, por último, entre os vários Estados membros «numa perspectiva de eficaz resolução dos problemas detectados».

Rui Ferreira e Sousa

o ponto de vista da economia e quais as empresas que dão emprego em vez de protegerem os accionistas. Apenas se devem proteger os sectores vitais para cada economia, bem definidos e com regras. É um erro procurar preferências regionais em detrimento das nacionais e proteger a todo o custo empresas que acabarão por fechar mais cedo ou mais tarde»

Segundo Sutherland, as empresas públicas devem ser tratadas da mesma maneira do que as privadas e ficar sujeitas às leis da concorrência. Os monopólios nacionais não podem ganhar aos interesses comuns europeus, pois estar-se-á a eliminar a ideia chave do mercado livre, a continuar as barreiras físicas e fiscais, a perder-se a competitividade, condição para melhorar a qualidade dos produtos, da fabricação e das relações entre parceiros.



Peter Sutherland: «Apenas se devem proteger os sectores vitais para cada economia, bem definidos e com regras bem definidas»

«A economia não deve ser muito dirigida pelo Estado. Um sector semiestatal é necessário, mas deve existir na concorrência e não protegido por intervenções estatais. Estas intervenções são para apoiar exclusivamente zonas efectivamente desfavorecidas. A concorrência é o catalisador do desenvolvimento, os apoios estatais podem ser perniciosos sobretudo para as empresas que concorrem no mercado aberto», sublinha Peter Sutherland.

Este conhecido advogado, salientou no seminário em questão que não falava como um liberal do regime de Thatcher, mas achava que a manutenção de um sistema económico «através de cartéis» é nocivo para o desenvolvimento económico, pois só resistirão os dinossauros: as telecomunicações, as empresas de aviação e o sector petrolífero.

Bofetada de Belmiro

Da mesma opinião de Peter Sutherland, mostrou-se Belmiro de Azevedo, presidente do Conselho de Administração da Sonae.

«Já acompanho Peter Sutherland há muito tempo e identifico-me bastante com o seu pensamento», disse aquele engenheiro ao DL. Belmiro de Azevedo defendeu a necessidade de privatizar, desde já, algumas empresas, de se «andar mais rápido». Para ele, é fundamental a existência de um mercado de capitais forte, baseado numa informação competente, com melhores incentivos fiscais, irradicando do seu seio todos os maus agentes.

«O Estado é a única empresa que pode produzir inflação, mas produz ao mesmo tempo nota», afirma Belmiro de Azevedo.

Para este engenheiro, a privatização é uma alavanca para o desenvolvimento. Na sua perspectiva, há excelentes gestores no sector público, mas estão inibidos, existindo falta de recursos humanos nas áreas financeira, de marketing e no design: «Não entendo como tanta gente está no sector público e não consegue dar uma bofetada no Estado e vai para o privado, antes que algumas empresas sejam vendidas como sucata».

R.F.S.

Japão e Estados Unidos os maiores concorrentes

O sector público empresarial e o relançamento da economia europeia foi um dos temas tratados por Cruz Almeida num seminário subordinado ao título "O Sector Público Empresarial e o Desafio de 1992" recentemente efectuado em Lisboa.

Declínio ou não da economia europeia face às transformações políticas, económicas e sociais em curso na Europa?

Que combates se devem travar para que a Comunidade continue a ser um polo de referência, um elemento de agregação numa Europa em vias de superar as divisões decorrentes da Segunda Guerra Mundial? São questões actuais para as quais é preciso encontrar respostas. Cruz Almeida salienta que qualquer alteração da política industrial da Comunidade deve ter em atenção o seguinte:

«A necessidade de melhorar a competitividade da Europa face aos Estados Unidos e ao Japão, os seus principais concorrentes e, ao mesmo tempo, aumentar a eficácia dos sistemas produtivos da Comunidade submetendo também os respectivos sectores públicos a regras claras de funcionamentos susceptíveis de melhorar tanto a qualidade dos serviços prestados, como os seus resultados».

Recorde-se que em 1986, as empresas públicas empregavam 8,5 milhões de trabalhadores, os quais representavam 11,5 por cento dos efectivos não agrícolas da Comunidade. Os mesmos trabalhadores produziam 13,4 por cento do valor acrescentado e contribuíam com cerca de 22 por cento para a formação bruta do capital fixo, posicionando-se em sectores estratégicos chave como os transportes, a energia e as telecomunicações.

R.F.S.

LNEC apoia inovação

Apoiar a melhoria da competitividade dos materiais e produtos de construção portugueses, em particular no que se refere a novos produtos, aplicações ou processos é função do Sistema de Apoio à Inovação e Transferência Tecnológica (SAIT).

O SAIT, criado no LNEC, integra-se no apoio à produção e exportação de serviços e bens ligados à engenharia civil e à indústria da construção.

Apresentado ao Encontro por Almeida Pereira, engenheiro investigador principal do LNEC, o SAIT destina-se a fornecer uma avaliação predominantemente técnica das presumíveis potencialidades (pontos fortes e pontos fracos) e possibilidades de produtos, materiais, aplicações e/ou processos, novos ou de cariz inovante, a utilizar pela indústria de construção, propostos directamente no País por entidades públicas ou privadas, nacionais ou não, ou destinados a transferência tecnológica.

Até agora, revelou Almeida Pereira, já houve 12 solicitações para aplicação do sistema e um número maior de abordagens por parte de inventores, sobretudo particulares.

A homologação pelo LNEC reveste-se de importância para a comercialização do produto em Portugal e, dada a integração europeia, para o caso de se pretender exportá-lo.

Rotina e ignorância estão na base da falta de modernização, resultando no obsoletismo e decadência de métodos

Empresas de construção vivem divorciadas da investigação

Por falta de recursos ou de vocação, as empresas portuguesas, por regra, não desenvolvem actividades de investigação e desenvolvimento (I&D). Pior do que isso, e por outros motivos (rotina e ignorância), grande parte delas mantém-se desatenta às inovações técnico-científicas, obsoleta e decadente nos seus métodos de trabalho e na qualidade dos seus produtos, por não acompanhar a modernização tecnológica no equipamento, na gestão e na formação dos recursos humanos.

Este diagnóstico foi feito por Caldeira Rodrigues, dirigente da Associação Portuguesa de Projectistas e Consultores, durante o Encontro Nacional sobre Actividade de I&D nos Sectores Empresariais da Construção, organizado pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), no passado mês de Fevereiro.

De resto, Sucena Paiva, secretário de Estado da Ciência e Tecnologia, abriu o Encontro a apontar isto mesmo: "Os diagnósticos realizados sobre as actividades científicas e tecnológicas em Portugal, realçam invariavelmente o facto de o sector empresarial se cotar como elemento de relativamente escasso contributo para o esforço realizado pelo País em matéria de ciência e tecnologia".

Fora da Europa

Esta conclusão é suportada pelos números disponíveis. Enquanto em Portugal (ano de 1986), as empresas contribuem com 30 por cento deste esforço, na Alemanha Federal (1985), este valor atinge 60,9, na Bélgica (1979), 65, na Dinamarca (1985), 48,9 e na Espanha (1983), 49,1. Na CEE, apenas a Grécia (1985) tem valores semelhantes aos de Portugal: 26,3.

Em 1986, só duas empresas do sector da construção declararam exercer actividades de I&D, onde investiram oito mil contos, "número suficientemente elucidativo que dispensa outras considerações", afirmou Sucena Paiva.

O divórcio entre as empresas e as actividades de I&D é justificado pelo secretário de Estado pelo desenvolvimento empresarial existente.

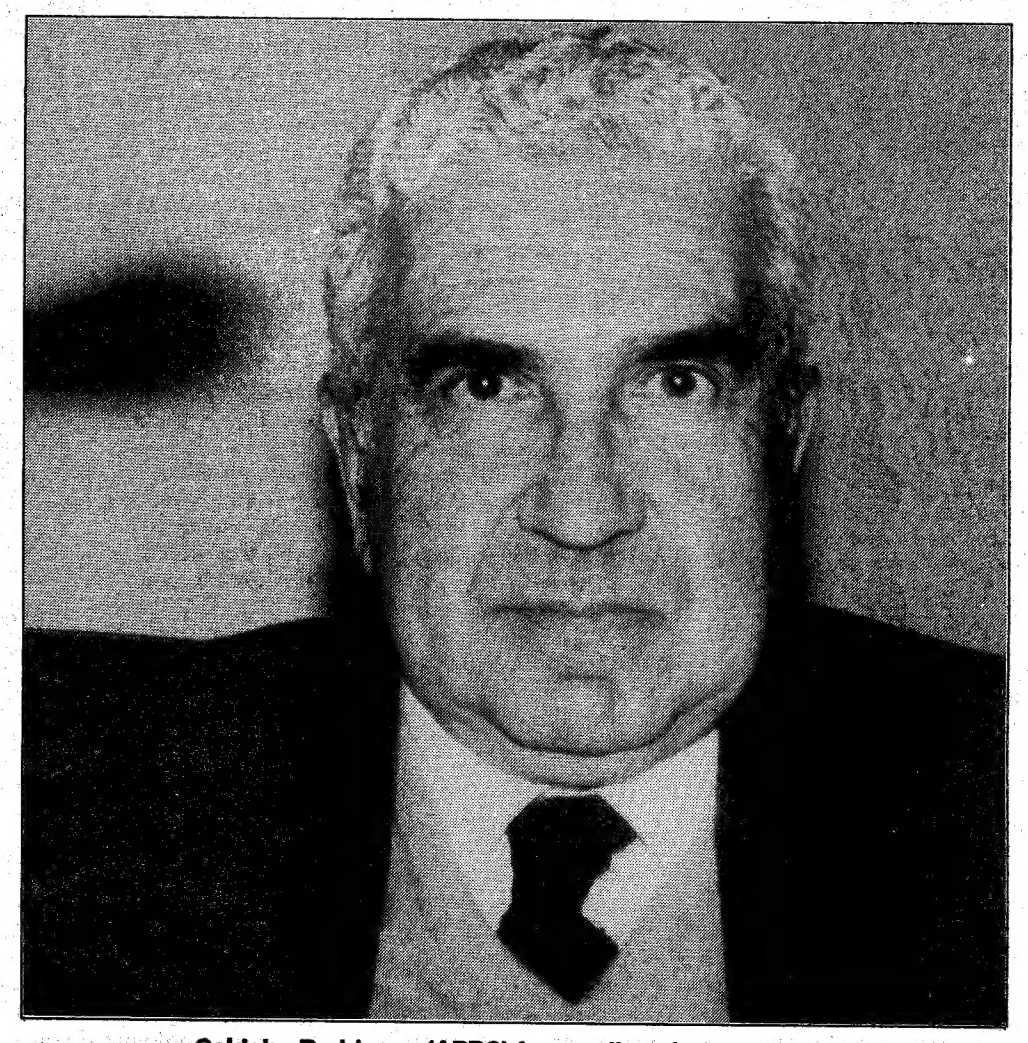
Se "ter um sector de I&D é o estádio mais avançado de uma empresa", como Artur Ravara, presidente do LNEC, disse ao "DL", as empresas portuguesas estão afastadas dele e recorrem a uma mão-de-obra que, por barata, "alimenta" a utilização conservadora de métodos e tecnologias.

Desta forma, a realidade geral do sector é a dos primórdios da Engil, para usar o exemplo dado pelo seu representante, Paulo Ferreira. Então, "como a generalidade dos empreiteiros do ramo, a Engil ia dando corpo às suas obras duma forma empírica e quase artesanal".

Esterilidade

A esta debilidade estrutural das empresas junta-se ainda o peso do longo período em que as investigações estavam mais orientadas para o "currículo pessoal" dos seus autores do que para o "interesse nacional", o que motivava "uma certa sensação de esterilidade" dos seus objectivos, como afirmou Delgado Muralha, representante da Profabril. A entrada do LNEC na investigação aplicada na área da engenharia civil foi, talvez, o maior passo dado em Portugal na investigação para o desenvolvimento, acrescentou.

Por outro lado, na ausência de uma estratégia nacional para a I&D, referida por Rodrigues Pena, da Ambitec, permanece a descoordenação de entidades com vocações complementares, o que provoca duplicação de esforços e "guerrilhas de capelinhas".



Caldeira Rodrigues (APPC) fez um diagnóstico incisivo

Fernando Maurício (AECOPS): «Sector da construção é sector de elevado risco»

Capacidade para improvisar incapacidade de investigação

Na área da construção investe-se em I&D «o que se vai podendo» e não «o que seria mais indicado», reconhece Fernando Maurício, director dos Serviços Técnicos da Associação de Empresas de Construção Civil e Obras Públicas do Sul (AECOPS), na comunicação apresentada ao Encontro.

A razão disto, justifica ao "DL", é a realidade das empresas que estão empenhadas numa «luta pela sobrevivência» e às quais «não sobra dinheiro para I&D».

Entende, porém, que «a ultrapassagem dos desafios colocados pelas indeterminações características da actividade de construir acaba por ser uma efectiva e importantíssima manifestação de criatividade, o que, se não se enquadra numa definição convencional de I&D, tal como esta é entendida e praticada, nem por isso deixará objectivamente de ser a expressão de uma efectiva actividade de I&D, pese embora a sua informalidade». Para este dirigente da AECOPS, «o aproveita-mento de novas oportunidades, a aceitação de aliciantes desafios, a contenção de preocupantes riscos - não implicarão necessariamente uma inflexão na política e na prática de I&D que tem vindo a ser seguida no sector da construção».

Pulverização

Mais consumidor do que produtor de conhecimentos científico-tecnológicos, o sector da construção caracteriza-se, em Portugal, por uma pulverização das unidades produtivas.

Esta morfologia empresarial deve-se à facilidade de acesso à actividade de construção e, como aponta Fernando Maurício, não facilita a consolidação de um espírito de concorrência que transcenda uma óptica de curto prazo.

Segundo dados divulgados, em 1985 cerca de 88 por cento das empresas tinha menos de nove trabalhadores e eram responsáveis por 23 por cento da produção, 35 por cento do emprego e nove por cento do total do equipamento adquirido no sector.

A qualificação do pessoal também reflecte o predomínio da actividade produtiva directa. Assim, o pessoal dirigente e administrativo correspondia, naquele ano, a nove por cento do total, o pessoal técnico, a três por cento, os encarregados, a cinco por cento, os operários qualificados, a 42 por cento e os não qualificados, a 41 por cento.

Descapitalizado, mal equipado, com insuficiente qualificação profissional, o sector da construção tem, contudo, um peso significativo no conjunto da actividade produtiva.

A complexidade da situação surge na sua plenitude se se acrescentar que as ciências da construção incluem disciplinas tão díspares como ética, economia, saúde, sociologia, psicologia social, informação, probabilidades e estatística, ambiente, computação e informática, engenharia, arquitectura e direito.

Quem paga?

Surge assim comprometido o desejo, desde logo formulado por Sucena Paiva, do aumento da comparticipação empresarial no esforço nacional de I&D, suportado em dois terços pelo Estado.

Não só porque as empresas não têm estruturas para tal, como, inclusive, por entenderem que «os maiores beneficiários de uma actividade de I&D no sector da construção, não serão propriamente as empresas, mas aqueles para quem as empresas trabalham».Nesta medida, será legítimo esperar que o esforço a desenvolver, que os investimentos a mobilizar, sejam repartidos na justa medida dos benefícios auferíveis.

Às empresas caberá uma parte, mas aos poderes ou entidades que representam aqueles para quem as empresas trabalham, caberá necessariamente a fracção mais substancial, como acentuou o representante da AECOPS, Fernando Maurício, na sua intervenção.

Rui Nunes

Por exemplo, este peso, de 1981 a 1985, variou entre 7,6 e 6,3 por cento e o sector, em 1986, representava nove por cento do emprego total.

Isto faz com que os poderes públicos o encarem como «um instrumento, não ideal mas cómodo, para implementar políticas conjunturais».

A dependência das vontades dos poderes públicos, nas palavras de Fernando Maurício, tipifica o sector como de «elevado risco global, por virtude de, a acrescentar ao risco financeiro, se manifestar um risco operacional potenciador da sensibilidade à conjuntura».

R.N.

Modernização científica passa pelos fundos comunitários

Transformar o aparelho produtivo português passa pela investigação e desenvolvimento (I&D). Fortalecer a estrutura científica passa pela aplicação de fundos e programas comunitários.

Félix Ribeiro, representante da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), fez o ponto da situação.

O quadro, onde a evolução da ciência e tecnologia em Portugal ocorrerá, tem três vertentes: a do programa-quadro da CEE, a dos fundos comunitários e a dos programas nacionais.

Na primeira, a estratégia assenta em quatro pontos: aproveitar o financiamento da mobilidade dos recursos humanos para criar centros de maior qualidade, manter áreas que interessam, como a do mar ou a das matérias-primas e sua transformação, obter infra-estruturas que permitam transferências de tecnologias avançadas e aumentar o peso da participação nacional, para manter o nível das competências científicas, enquanto não houver procura interna destas.

Esta vertente permitirá a criação de infra-estruturas e a participação de instituições em diversos projectos comunitários de I&D.

O aproveitamento dos fundos estruturais, por seu turno, favorecerá a criação de infra-estruturas (através do programa Ciência e do PEDIP), a formação de recursos humanos (Fundo Social) e a inovação empresarial (com o SINPEDIP e o Ciência).

Por fim, os programas nacionais, onde se inclui a cooperação científica com regiões extra-europeias, materializarão projectos e programas de I&D.

Com a conjugação destas vertentes pretende-se aumentar a competitividade nos sectores existentes e diversificar para novos.

Está no horizonte, em particular, a conquista de posições em sectores que ainda são fracos em Portugal, como, por exemplo, o da electrónica e serviços de informação, saúde e cuidados pessoais ou aeronáutica, a modernização de sectores tradicionalmente exportadores e a valorização dos recursos naturais, como as florestas, as minas ou o litoral.

Agência de inovação

O programa Ciência, além do financiamento da criação de infra-estruturas e da formação, terá na criação de uma Agência o aspecto principal na parte da inovação. Esta Agência porá em contacto o sistema financeiro, as empresas e os centros de investigação.

O "Ciência" será um programa de apoio à investigação pré-competitiva e às ciências básicas do desenvolvimento económico, cujo valor, como é público, ascende a 52,6 milhões de contos. Na parte da formação o objectivo é conseguir mais 2600 investigadores nos próximos três anos.

O produto da investigação em algumas áreas alimentará directamente o PEDIP, como o das tecnologias de informação e das telecomunicações, os novos materiais, a biotecnologia, a química fina e as tecnologias de produção e da energia.

Existem outras sem ligação ao PEDIP, tais como a da saúde, do mar, das ciências agrárias, exactas, da terra e do ambiente.

De facto, no PEDIP é considerado que a maturação das novas tecnologias deverá inserir-se em áreas estratégicas de inovação como a automação, a domótica, a microelectrónica, a optoelectrónica, as tecnologias de informação, as tecnologias energéticas, os novos materiais, a biotecnologia, a química fina, as técnicas de ambiente e os sistemas de segurança.

As indústrias eleitas para beneficiarem de melhoramentos tecnológicos, através da criação de Centros Tecnológicos, são as de metalomecânica, cerâmica e vidro, calçado, madeira e mobiliário, cortiça, têxteis, moldes, curtumes, artes gráficas, rochas ornamentais, plásticos, alimentares e ópticas.

R.N.

B R E V E S

Integração MS-DOS e Unix

A Digital Europa e a Locus Computing assinaram um acordo de distribuição a nível europeu, passando a primeira a produzir, distribuir e assistir os produtos de *software* da segunda, que é detentora dos programas PC-Interface e PC XSight, que permitem a integração de computadores pessoais MS-DOS em ambiente Ultrix (a versão Unix da Digital).

Disponível 4th Dimension

A Interlog, representante em Portugal da Apple, disponibilizou a nova versão (2.0) da base de dados relacional 4th Dimension. Os utilizadores de versões anteriores que pretendam fazer *upgrade* para esta nova versão devem enviar o *package* completo (manual e disquetes) para o concessionário onde o adquiriram, ou directamente para a Interlog.

Directório para indústria

Vai ser distribuído gratuitamente a cerca de 120 mil empresas o Directório Registrade para a Indústria Protuguesa. Trata-se de uma criação da Registrade, empresa especializada em informação empresarial. O Directório indica sobre cada empresa o nome, endereço da sede, número do contribuinte, telefone, telex, fax e viddeotexto. As empresas apresentam-se classificadas por código CAE, dentro de cada CAE, por produto e, dentro de cada produto, por ordem alfabética. Contém ainda uma secção informativa sobre indicadores macro-económicos e sectoriais, bem como endereços de departamentos estatais e associações empresariais ligadas à indústria.

Carro limpo da Renault

Durante oito anos a Renault vai desenvolver um programa de investigação para desenvolver um veículo limpo e económico energeticamente. Envolvendo 1,2 mil milhões de francos (500 milhões financiados pelo Governo francês), o projecto é a primeira acção coordenada para a redução dos problemas de poluição urbana, diminuindo os resíduos dos automóveis na atmosfera.

Formação na Tranquilidade

A Tranqulidade investiu em 1989 cerca de 100 mil contos em formação profissional. «O desenvolvimento dos recursos humanos é uma linha estratégica da seguradora desde há vários anos», dizem os responsáveis da empresa que revelam: em 1987 foram dadas 5558 horas de formação, que passaram para 7826 em 88 e para 24914 em 89.

Nova cerveja em Portugal

Foi lançada em Portugal a cerveja australiana Foster's Lager, cuja representação exclusiva fica entregue às Caves Dom Teodósio, empresa essencialmente produtora e distribuidora de vinhos que agora está a desenvolver uma estratégia de diversificação de produtos para rentabilizar a sua força de vendas.

ECONOMIA

Saber conceber é importante, saber realizar é decisivo, o que exige condições pessoais ímpares que distinguem os gestores e dão forma e expressão à gestão empresarial

Mercado de capitais face ao Mercado Único

Face à actualidade que têm, no mercado de capitais e para os desafios empresariais, temas como os Junk Bonds, Market Makers, Take Overs, Fusões, Manegement Buy-Out, Alianças Estratégicas e Franchising, impõe-se uma reflexão sobre os mesmos. Mas, antes, torna-se necessário fazer uma abordagem de enquadramento.

Na perspectiva interna consideram-se como grandes áreas de desafio as derivadas das necessidades financeiras correntes e a prazo, as que se prendem com o domínio das empresas e as da gestão. Assim:

a) O financiamento da actividade ou dos investimentos exige dispor de uma visão alargada das fontes alternativas e um conhecimento profundo dos instrumentos e produtos disponíveis. Além de tudo, são necessárias imaginação e uma grande capacidade para, com oportunidade, utilizar as fontes, os instrumentos e os produtos mais adequados e nas melhores condições. Pode recorrer-se aos bancos, ao mercado de capitais ou aos próprios accionistas.

b) Quanto à tomada de posição de domínio, esta pode ter como actores os próprios gestores da empresa ou gestores externos que, em regra geral, não dispondo de capitais próprios suficientes, recorrem ao apoio das instituições de crédito, ou ser assumida por um investidor ou grupo de investidores associados.

c) Por sua vez, a gestão é, hoje em dia, uma área crítica para o sucesso empresarial. Cada vez mais as empresas dependem da qualidade e capacidade da equipa de gestão de que dispõem, capaz de traduzir, na prática, os modelos de desenvolvimento.

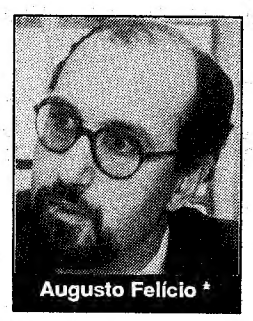
Sendo relevante o estudo e a concepção desses modelos, o que exige *saber conceber*, tornou-se decisivo *saber realizar*, para o que é necessário dispor de condições pessoais ímpares -conhecimento da técnica, domínio das formas, clarividência dos enquadramentos, cultura sociológica, capacidade de mobilização, etc.- que distinguem os gestores e dão forma e expressão à gestão empresarial.

Desafios externos

Na perspectiva externa, as grandes áreas de desafio têm a ver com o mercado, com o dimensionamento das empresas e com as estruturas de suporte. Ou seja:

a) A competição, todos os dias crescente, obriga à utilização racional e optimizada dos recursos e a obter produtos ou a prestar serviços de alta qualidade, como forma de enfrentar a concorrência. A resposta para garantir o desenvolvimento é encontrada, muitas vezes, através das alianças estratégicas, agrupamentos complementares, acordos, contratos e outras formas de cooperação.

Mas a resposta à competição ainda pode ser dada através de um outro tipo de arma cada vez mais utilizada - o «franchising».



Augusto Felício *

b) A dimensão empresarial surge como resposta aos desafios do mercado, por necessidade de domínio de um sector de actividade, negócio, economia de escala ou de dimensão intrínseca para fazer face à procura. É o caso das fusões entre empresas e das aquisições.

c) As estruturas institucionais permitem as condições indispensáveis de efeito sinérgico, se racionais e lógicas, como suporte do desenvolvimento do sistema e das empresas.

Financiamento de elevado risco e estabilidade de mercado

Nas economias mais desenvolvidas as fontes privilegiadas, utilizadas para financiar as empresas, têm a ver com o recurso ao mercado de capitais, seja o mercado de crédito ou o mercado de títulos.

O mercado de crédito, tradicionalmente, corresponde aos créditos bancários de curto, médio e longo prazos, ao «leasing» e ao «factoring». O mercado de títulos compreende o mercado primário, onde são transaccionadas as emissões de títulos novos e o mercado secundário, onde se transaccionam os títulos já existentes, como sejam as acções e as obrigações.

Junk Bonds

Um tipo especial de obrigações, que ganhou relevo nos mercados anglo-saxónicos, nos últimos anos, de entre todos os produtos comerciáveis no mercado de capitais, são os «junk bonds». Fazendo um esforço de tradução, dizemos que significa «lixo de obrigações».

São obrigações emitidas com base numa expectativa de alto risco, logo de elevados ganhos, com prazos de liquidação muito dilatados, podendo, nos contratos, recorrer-se a cláusulas de antecipação. Os bancos que tornam firme estas operações, em regra procuram colocar rapidamente os «junk bonds» nos investidores institucionais e no público em geral, aliciados pelos altos rendimentos.

A empresa, ao emitir estes títulos (*bonds*), pretende obter fundos muito rapidamente, para providenciar operações especiais.

A sua liquidação não tem a ver com a actividade normal da empresa, mas assenta em operações excepcionais e previsíveis, provenientes, por exemplo, da venda de activos inorgânicos.

Ainda que com altos ganhos, citamos, «a subida das taxas de juro e o receio de que se esteja a entrar num período de recessão levaram o público a tornar-se muito mais cauteloso face às emissões de 'junk bonds', tanto mais que começaram a suceder-se os casos de incumprimento neste sector específico de mercado, registando-se várias falências. Por isso, é tempo de as companhias que basearam a sua estratégia nas emissões de *junk bonds* reconverterem estas em acções ou outros tipos mais qualificados de obrigações» (António Gameira, texto sobre «Junk Bonds» apresentado na conferência «Desafios Empresariais face ao Mercado Único»).

Market makers

Cada vez mais os riscos das operações financeiras são assumidos pelos bancos comerciais, em substituição das empresas, enquanto agentes e utilizadores dos múltiplos e diferentes produtos financeiros. Aqueles actuam no mercado de intermediação na ligação entre as bolsas financeiras e o mundo empresarial. Daqui resulta que os bancos comerciais tenham vindo a tornar-se os principais actores no mercado financeiro, como «market makers», conjuntamente com outros agentes institucionais -fundos de pensões, seguradoras, sociedades de investimento, sociedades de gestão de fortunas e sociedades corretoras. Os «market makers», enquanto tomadores de títulos, actuando na sua função de gestores de carteira e de entidades aplicadoras de fundos, por iniciativa própria ou a mando dos seus representados, funcionam como garantia da fluidez e agentes regulares do mercado. Por outro lado, dada a dimensão das operações e a elevada competição na angariação de fundos, são agentes dinamizadores do mercado financeiro, na medida em que limitam os seus ganhos em função das operações, permitindo aos seus clientes elevados níveis de rendibilidade das aplicações fomentadoras das poupanças e mobilizadoras dos investimentos comprovadamente atraentes quanto aos resultados e consequentemente selectivos.

Contudo, a montante do mercado, há regras e procedimentos que é necessário cuidar, para que o mercado financeiro funcione de uma forma credível e com garantias de fluidez.

Ou seja, os clientes dos produtos financeiros necessitam de sentir transparência, o cumprimento das regras e a garantia mínima de que os produtos financeiros têm consistência, razoabilidade quanto à liquidez e serem correspondentes a um valor real comprovado.

Para isso torna-se necessário que os agentes emissores dos diferentes produtos financeiros apresentem as suas contas ao público com regularidade e sejam obrigados a prestar informações detalhadas quanto aos negócios e à equipa de gestores responsáveis. Por outro lado, as aplicações no mercado financeiro devem ser conduzidas pelas empresas especializadas, dado que, para além da sua responsabilidade enquanto empresas que exercem o negócio são, por isso mesmo, as melhores conhecedoras das condições do mercado, dispondo, por isso, de uma posição privilegiada quanto à optimização dos ganhos e uma atenção especial na análise da evolução dos produtos e das empresas emissoras.

No próximo texto trataremos dos restantes temas, como parte das respostas aos desafios empresariais.

* *Docente do ISEG - Director do SEGE*

À beira das reformas

No primeiro semestre deste ano deverá ser publicada a já chamada Lei Sapateiro, de há muito esperada por corretores, por empresas e cidadãos em geral que se movimentam no mercado de capitais. Com ela, mais que a revisão do decreto-lei 8/74, regulador do funcionamento das Bolsas de Valores, virá a verdadeira reforma da legislação sobre esta área. Segundo foi já afirmado, todo o mercado de capitais será alvo de novas disposições, já que serão estabelecidas regras para os mercados primário e secundário, para as ofertas públicas de transacção e para operadores financeiros e definidas sanções.

É uma reforma em que se integram os passos dados pelo Governo para a implantação gradual de um sistema de negociação em contínuo com cotação nacional, o que permitirá, entre outros factores, que as Bolsas de Lisboa e Porto possam funcionar como uma única praça. Será também a criação de uma central de valores mobiliários. Referência para, logo no princípio deste ano, da escolha das primeiras 15 acções que passarão a ter cotação em contínuo.

São reformas que, conforme afirmou recentemente ao **DL** o corretor Pedro Caldeira, «não só darão uma dimensão à actividade, como irão aumentar a confiança dos investidores no mercado de capitais», o que tanto atrairá como dará mais motivação às aplicações e irá consolidar o mercado como alternativa de financiamento das empresas que estejam em melhores condições para acompanhar o crescimento económico.

Recuperação e perspectivas

O ano passado registou a recuperação das Bolsas de Valores, para o que contribuiu o início das operações de privatização, a primeira das quais em Abril, com a alienação, pelo Estado, de 49 por cento do capital da Unicer.

Se anteriormente se falava da Bolsa, de mercado de capitais e operações relacionadas com este, com as privatizações o assunto tornou-se ainda mais tema de referência.

Contudo, a maior parte dos portugueses continua a desconhecer os inúmeros e, por vezes, intrincados meandros desta actividade.

Desconhecido, igualmente, pela maioria das pessoas, é o facto de a integração gradual dos países membros da CEE prever a criação de um Mercado Interno Único onde bens, serviços, pessoas e capitais circulem livremente, o que implica regras para cada um destes quatro grandes mercados, que se encontram em posições diferentes no processo de integração.

De acordo com as medidas comunitárias, Portugal terá de assegurar medidas que perspectivem o funcionamento do mercado de capitais perante um Mercado Financeiro Único, que será constituído pelo sistema bancário e parabancário, pelas instituições financeiras não monetárias e pelo mercado de capitais.

Surgirá então uma distinção entre mercado de capitais e mercado monetário, o primeiro como local de encontro entre a oferta e a procura de fundos de médio e longo prazos -as poupanças e os investimentos- e o segundo o local de encontro entre a oferta e a procura de fundos de curto prazo -excedentes e necessidades de tesouraria - fazendo ambos parte do mercado financeiro.

Com a criação do Mercado Financeiro Único há que analisar as directivas para o enquadramento dos serviços financeiros, ou seja, banca, seguros e valores mobiliários, e a da liberalização dos movimentos de capitais.

Sobre alguns dos aspectos mais referidos, mas possivelmente pouco conhecidos, do mercado de capitais e da movimentação nele, irá o **DL** publicar textos explicativos.

Augusto Felício, docente do ISAG e director do Centro de Estudos de Gestão, com o mestrado em Gestão, aborda os desafios empresariais face ao Mercado Único, reportando-se a uma conferência promovida pelo CEGE, onde foi feita a reflexão sobre os desafios postos às empresas e para os quais são precisos conhecimento, capacidade de resposta, sentido de oportunidade e liderança.

A.H.